

convergência

SETEMBRO • 1998 • ANO XXXIII Nº 315

convergência



- MISSIONARIEDADE E SOLIDARIEDADE ENTRE AS IGREJAS NO BRASIL
- DE MEDELLÍN AO ANO 2.000: ITINERÁRIO DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA
- INCULTURAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, UM DESAFIO NA MISSÃO ENTRE OS INDÍGENAS
- CREIO EM JESUS CRISTO CONCEBIDO PELO ESPÍRITO SANTO E NASCIDO DA VIRGEM MARIA (Atualidade do Símbolo da fé)

SUMÁRIO

NOSSA CAPA

EDITORIAL	385
Frei Prudente Neri, OFM Cap Ir. Maria Carmelita de Freitas	
PALAVRA DO PAPA	388
INFORME CRB	392
Pe. João Roque Rohr, SJ – Presidente Nacional da CRB D. Piergiorgio Silvano Nesti, CP – Secretário da CIVCSVA	
MISSIONARIEDADE E SOLIDARIEDADE ENTRE AS IGREJAS NO BRASIL	399
Dom Erwin Krautler, CPPS - Bispo do Xingu e Responsável pela Dimensão Missionária da CNBB	
DE MEDELLÍN AO ANO 2.000: ITINERÁRIO DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA	414
Pe. Carlos Palmés, S.J.	
INCULTURAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, UM DESAFIO NA MISSÃO ENTRE OS INDÍGENAS	425
Pe. Georg Lachnitt, SDB	
CREIO EM JESUS CRISTO CONCEBIDO PELO ESPÍRITO SANTO E NASCIDO DA VIRGEM MARIA	442
Irmã Bárbara P. Bucker, mc	

A ilustração para os próximos anos chama a atenção para a participação e o envolvimento da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) no projeto de evangelização "Rumo ao novo milênio". Trata-se de uma fotografia tomada do mural artístico confeccionado em pedras de variadas cores numa parede interna, junto à capela da sede da CRB Nacional. Inspirado no logotipo escolhido pela Comissão Central da Santa Sé para o Jubileu, presidida pelo Cardeal Roger Etchegaray, a partir de um concurso vencido pela estudante de arte italiana Emanuela Rocchi, o artista plástico José Antonio Abreu, de Igarapé, MG, compôs o mosaico com grande expressão e beleza. Nele se destacam o globo terrestre, os cinco continentes representados pelas pombas, a cruz estilizada e as palavras: CRISTO, ONTEM, HOJE, SEMPRE, sinalizando o anúncio principal do projeto (Pe. João Roque Rohr, SJ).

ASSINATURA PARA 1998:

BRASIL: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 60,00

EXTERIOR: taxa única

Terrestre ou aérea R\$ 85,00

Número avulso (Brasil) R\$ 6,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitória, SJ

Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar

Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299

20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 6914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

A XVIII ASSEMBLÉIA GERAL DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL: UM EVENTO DE GRAÇA E AUDÁCIA PROFÉTICA

Frei Prudente Neri, OFM Cap
Irmã Maria Carmelita de Freitas

De 20 a 24 de julho, como a cada três anos, aconteceu em São Paulo a XVIII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil. Entre convidados, peritos, assessores, delegados, superiores e superiores maiores, foram cerca de setecentos participantes. Com uma organização habilmente elaborada, os trabalhos se desenvolveram de forma bastante eficiente. A abertura da Assembléia foi proclamada por Padre João Roque Rohr, Presidente da CRB Nacional, durante a celebração eucarística da manhã do dia 20, presidida pelo Sr. Arcebispo de São Paulo, Dom Cláudio Humes, na Capela do Colégio São Luiz, local dos trabalhos. Pela tarde do primeiro dia, a Assembléia tomou conhecimento dos resultados estatísticos da pesquisa efetuada pelo CERIS/CRB sobre o estado atual da Vida Religiosa no Brasil. Depois disso, a Assembléia tomou o rumo usual: algumas palestras que expunham os temas centrais para a reflexão, debates em grupos menores, sínteses dos anseios e propostas de todos os participantes e primeiros esboços do que viria a ser, mais tarde, o objetivo geral e as linhas inspiradoras para o próximo triênio, aprovados na última manhã da Assembléia, dia 24 de julho.

Como é já do conhecimento de todos, a CRB havia se proposto repensar a Vida

Religiosa na virada do milênio. Em vista disso, o segundo dia da Assembléia foi dedicado a uma tarefa dolorida, mas inevitável e necessária. Numa espécie de ato penitencial, a Assembléia foi convidada a nomear os desajustes, os sofrimentos, as dificuldades, os pecados da Vida Religiosa no presente. Só assim, acreditávamos, passando pela veracidade humilde de uma avaliação sincera e designando, sem subterfúgios, os problemas na sua real intensidade, seria possível, num segundo momento, propor para a Vida Religiosa uma nova arrancada. Por isso, o segundo dia foi sentido como bastante árduo. Eram os religiosos e religiosas cortando na própria carne. Mas penitência é isso mesmo: não auto-dilaceração e extermínio, mas lucidez humilde e verdadeira que aponta para os entraves, a fim de, justamente, livrar-se deles. E, por fim, não há redenção sem sacrifícios. Uma vez nomeados os problemas e dificuldades, a Assembléia passou então a buscar luzes, pistas e vias que pudessem encaminhá-la rumo ao novo tempo que já vem ao nosso encontro. Os debates aqui foram intensos, ricos, sugestivos e aclaradores. Impressionava ver não apenas a cordialidade nos intervalos dos trabalhos, a devota piedade nos instantes de oração, mas também a concórdia nos propósitos e propostas apresentados nos grandes plenários, não obstante toda a diversidade ali presen-

te. De tudo o que foi surgindo, a Equipe Teológica, num trabalho verdadeiramente artesanal com as palavras, foi destilando aquilo que, ao final da Assembléia, foi

aprovado por todos como o empenho comum de todos os religiosos e religiosas do Brasil para os próximos três anos e que se condensou no seguinte propósito:

OBJETIVO GERAL:

“sensível aos ‘sinais dos tempos’, em criatividade fiel ao Evangelho, segundo os carismas fundacionais, em atuação intercongregacional e parceria com leigos e leigas, dentro da comunhão eclesial,
A CRB SE PROPÕE A ANIMAR UM PROCESSO DE REFUNDAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, enraizado na *mística evangélica* que brota da ternura e compaixão de **Deus Pai e Mãe**, vivido em *missão inculturada* sob o dinamismo do **Espírito**, e em *presença solidária* entre os pobres, no seguimento de **Jesus Cristo**, para a transformação social, em vista do Reino

LINHAS INSPIRADORAS:

- 1) Espiritualidade integradora de diversas dimensões da vida e geradora de compromisso;
- 2) Experiência de discipulado no processo formativo;
- 3) Diálogo com os diferentes sujeitos culturais;
- 4) Inculturação do ser e da missão da Vida Religiosa;
- 5) Solidariedade cristã nas questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente;
- 6) Solidariedade profética e qualificada;
- 7) Vida comunitária personalizada e participativa;
- 8) Juventude e futuro.

“Que Maria, Mãe e Companheira, e todas aquelas e aqueles que, sensíveis aos ‘sinais dos tempos’, nos precederam na caminhada, fortaleçam nosso empenho e criatividade fiel”.

Paralelo a tudo isso, transcorriam também os acertos e os sufrágios para a indicação de nomes para a presidência, diretoria e outros encargos na CRB/Nacional. Sabidamente, as assembleias ordinárias são também eletivas. Padre João Roque Rohr, com uma margem expressiva de votos, foi reeleito para mais um triênio. Alegramos muito com isso e agradecemos a ele assim como a todos e todas que, com seus dons, se dispuseram aos serviços de que a CRB tanto precisa.

Além desta memória da Assembléia, Convergência deste mês, “seja na seção INFORME CRB, seja entre os artigos”, quer fazer chegar às comunidades religiosas do país outros ecos importantes deste evento: — as inspiradas e inspiradoras palavras do Padre João Roque Rohr, presidente da CRB Nacional, na abertura da Assembléia; — a saudação dirigida à Assembléia por Dom Pier Giorgio Silvano Nesti em nome da Congregação para a Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica; — notas in-

terpretativas das Linhas Inspiradoras; — composição da nova Diretoria Nacional e do Novo Conselho Superior; — a palestra proferida por Dom Erwin Krautler “missionariedade e solidariedade entre as igrejas no Brasil”, palestra que suscitou enorme interesse nos participantes.

Convergência publica ainda, este mês, alguns artigos de particular interesse no atual momento sócio-ecclesial.

“De Medellín ao ano 2000” é o interessante artigo do Padre Carlos Palmés. O autor aborda neste texto o evento eclesial Latino-Americano de tanta transcendência — Medellín — e suas incidências na Vida Religiosa de então até hoje. Partindo do próprio evento Medellín, considerado por ele como um novo descobrimento da América, o autor focaliza a questão da refundação da Vida Religiosa hoje e as contribuições que Medellín pode oferecer a este processo, sobretudo na perspectiva da renovação dos três eixos fundamentais da Vida Religiosa: experiência de Deus, Fraternidade e Missão Evangelizadora.

O texto do Padre George Lachnitt “Inculturação da Vida Religiosa” constitui uma excelente reflexão sobre a difícil questão da inculturação, a partir da sua rica experiência de missionário. Como explica o autor, dessa experiência participam missionários de diferentes etnias e de diferentes congregações religiosas, o que confere a ela um caráter original. Ao mesmo tempo que descreve esta experiência, o autor trata de refletir sobre questões particularmente relevantes neste processo que a Vida Religiosa, na América Latina e no Brasil, está empenhada em viver, particularmente, nas últimas décadas: o processo de uma evangelização inculturada.

Ir. Bárbara Pataro Bucker, no seu texto “Creio em Jesus Cristo concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria”, faz uma inspirada reflexão sobre o Espírito Santo na vida da Virgem Maria, e nos convida a reafirmar a nossa fé nessa verdade básica da experiência Cristã a encarnação do Verbo no seio virginal de Maria de Nazaré.

OS GRANDES SINAIS DA PRESENÇA DO ESPÍRITO NA MISSÃO «AD GENTES»

1. O Dia Missionário Mundial deste ano, dedicado ao Espírito Santo, o segundo de imediata preparação para o Grande Jubileu do Ano 2000, não pode ter senão n'Ele o seu ponto de referência. Com efeito, o Espírito é o protagonista de toda a missão eclesial, cuja «obra brilha esplendorosamente na missão *ad gentes*, como se vê na Igreja primitiva» (Enc. *Redemptoris missio*, 21).

Certamente não é possível compreender a ação do Espírito na Igreja e no mundo com análises estatísticas ou com outros subsídios das ciências humanas, porque ela se situa num outro plano, que é o da graça percebido pela fé. Trata-se duma ação muitas vezes escondida, misteriosa, mas seguramente eficaz. O Espírito Santo não perdeu a força propulsora que tinha na época da Igreja nascente; hoje atua como nos tempos de Jesus e dos Apóstolos. As maravilhas por Ele realizadas, referidas nos Atos dos Apóstolos, repetem-se nos nossos dias, mas com frequência permanecem desconhecidas, uma vez que em muitas partes do mundo a humanidade vive já em culturas secularizadas, que interpretam a realidade como se Deus não existisse.

O Dia Missionário Mundial vem então chamar de novo e oportunamente a nossa atenção para as maravilhosas iniciativas do Espírito Santo, para que a fé se revigore em nós e haja, graças precisamente à ação do Espírito, um grande despertar missionário na Igreja. Não é, com efeito, o revigoramento da fé e do testemunho dos cristãos o objetivo prioritário do Jubileu?

2. A consciência de que o Espírito age no coração dos crentes e intervém nos eventos da história convida ao otimismo da esperança. O primeiro grande sinal dessa ação, que gostaria de propor à comum reflexão, é paradoxalmente a própria crise que permeia o mundo moderno: um fenômeno complexo que na sua negatividade muitas vezes suscita, por reação, prementes invocações ao Espírito vivificante, manifestando o arrebatador desejo da Boa Nova de Cristo Salvador, presente nos corações humanos.

Como não recordar, quanto a isto, a sábia leitura do mundo contemporâneo feita pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, na Constituição pastoral *Gaudium et spes* (cf. nn. 4-10)? Nestas últimas décadas, aprofundou-se a crise da época ali analisada: o vazio de ideais e de valores muitas vezes se alargou; esmoreceu o sentido da verdade e cresceu o relativismo moral; não raro parece que prevalece uma ética individualista, utilitária, sem pontos de referência firmes; de muitas partes ressalta-se como o homem moderno, quando rejeita Deus, descobre que é menos homem, repleto de temores e de tensões, fechado em si mesmo, insatisfeito e egoísta.

As conseqüências práticas são bem visíveis: o modelo consumista, embora seja tão criticado, domina cada vez mais; as preocupações pelos inúmeros problemas materiais, muitas vezes legítimas, correm o perigo de absorver a tal ponto, que as relações humanas se tornam arrefecidas, difíceis. As pessoas descobrem-se áridas, agressivas, inca-

pazes de sorrir, de saudar, de dizer «obrigado», de se interessar pelos problemas do outro. Por uma complexa série de fatores econômicos, sociais e culturais, as sociedades mais evoluídas registram uma preocupante «esterilidade», que é ao mesmo tempo espiritual e demográfica.

Mas precisamente destas situações, que levam as pessoas ao limite do desespero, brota com frequência o impulso a invocar Aquele que «é Senhor e dá a vida», porque o homem não pode viver sem sentido e sem esperança.

3. O *segundo grande sinal* da presença do Espírito é o renascimento do sentido religioso entre os povos. Trata-se de um movimento não isento de ambigüidade, que demonstra todavia de modo inequívoco a insuficiência teórica e prática de filosofias e ideologias atéias, dos materialismos que reduzem o horizonte do homem às coisas da terra. O homem não basta a si mesmo. É já convicção difundida de que o domínio da natureza e do cosmos, as ciências e as técnicas mais sofisticadas não bastam ao homem, porque não são capazes de lhe despertar o sentido último da realidade: são simples instrumentos, não fins para a vida do homem e para o caminho da humanidade.

Ao lado do despertar religioso, é importante fazer observar «a afirmação, cada vez mais freqüente entre os povos, daqueles valores evangélicos que Jesus encarnou na Sua vida: paz, justiça, fraternidade, dedicação aos mais pequenos» (Enc. *Redemptoris missio*, 3). Se considerarmos a história dos dois últimos séculos, damos-nos conta de que aumentaram nos povos a consciência do valor da pessoa humana e dos direitos do homem e da mulher, a aspiração universal à paz, o desejo de superar as fronteiras e as divisões raciais, a tendência ao encontro entre povos e culturas, a tolerância em relação a quem é considerado diferente, o empenho em ações de solidariedade e de voluntariado, a rejeição do autoritarismo político, com a consolidação da democracia e a aspiração a uma jus-

tiça internacional mais equitativa no campo econômico.

Como não ver em tudo isso a ação da Providência divina, que orienta a humanidade e a história rumo a condições de vida mais dignas para todos? Não podemos, portanto, ser pessimistas. A fé em Deus convida, antes, ao otimismo que brota da mensagem evangélica: «Se se olha superficialmente o mundo moderno, fica-se impressionado pela abundância de fatos negativos, podendo-se ser levado ao pessimismo. Mas este sentimento é injustificado: nós temos fé em Deus... Deus está a preparar uma grande primavera cristã, cuja aurora já se entrevê» (Enc. *Redemptoris missio*, 86).

4. *O espírito está presente na Igreja e orienta-a na missão aos povos.* É consolador pensar que não nós, mas Ele mesmo é o protagonista da missão. Isto dá serenidade, alegria, esperança e coragem. Não são os resultados que devem preocupar o missionário, porque esses estão nas mãos de Deus: ele deve empenhar-se com todos os seus recursos, deixando que o Senhor atue em profundidade. O Espírito, além disso, alarga a perspectiva da missão eclesial aos confins do mundo inteiro. Cada ano, a isto nos chama o Dia Missionário Mundial, ressaltando a exigência de jamais circunscrever os horizontes da evangelização, mas de os ter sempre abertos às dimensões da humanidade inteira.

Até mesmo o fato de na Igreja, nascida da cruz de Cristo, ainda hoje haver *perseguição e martírio*, torna-se um forte sinal de esperança para a missão. Como não recordar, a respeito disso, que missionários e simples fiéis continuam a dar a vida pelo nome de Jesus? Também a história destes últimos anos demonstra que a perseguição suscita novos cristãos e que o sofrimento, enfrentado por Cristo e pelo Evangelho, é indispensável para o desenvolvimento do Reino de Deus. Desejo, além disso, recordar e agradecer às inúmeras pessoas que, no silêncio do

seu serviço quotidiano, oferecem a Deus as suas orações e sofrimentos pelas missões e pelos missionários.

5. Nas Igrejas jovens, depois, a presença do Espírito revela-se com um outro sinal muito forte: *as jovens comunidades cristãs são entusiastas da fé e os seus membros, sobretudo os jovens, tornam-se-lhe propagadores convictos*. O panorama que, quanto a isso, está diante dos nossos olhos é consolador. Fiéis recém-convertidos, ou até mesmo ainda catecúmenos, sentem forte o sopro do Espírito e, entusiastas da própria fé, tornam-se missionários no seu ambiente.

A sua ação apostólica projeta-se também para o exterior. Na América Latina, por exemplo, afirmaram-se o princípio e a praxe da «missão aos povos», sobretudo depois das duas últimas Conferências do CELAM, em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992). Celebraram-se cinco Congressos missionários latino-americanos e os Bispos proclamam com orgulho que, embora ainda tenham extrema necessidade de pessoal apostólico, podem contar com alguns milhares de sacerdotes, religiosas e voluntários leigos em missão, sobretudo na África.

Nesse Continente, depois, o envio do pessoal apostólico de uma nação para outra é uma praxe particular, que se está a afirmar como ajuda recíproca entre as Igrejas, à qual se une também a disponibilidade à missão no estrangeiro.

A Assembléia Especial do Sínodo dos Bispos para a Ásia, celebrada na primavera deste ano em Roma, pôs em evidência a missionariedade das Igrejas asiáticas, nas quais surgiram diversos Institutos missionários de clero secular: na Índia, nas Filipinas, na Coreia, na Tailândia, no Vietnã e no Japão. Sacerdotes e religiosas asiáticos trabalham na África, na Oceania, nos países do Médio Oriente e na América Latina.

6. Diante do florescimento de iniciativas apostólicas em todos os ângulos da terra, não é difícil notar que o Espírito se

manifesta na diversidade dos carismas, os quais enriquecem e fazem crescer a Igreja universal. O apóstolo Paulo, na primeira Carta aos Coríntios, fala longamente dos carismas distribuídos para fazer a Igreja crescer (cf. capp. 12-14). O «tempo do Espírito» que estamos a viver orienta-nos sempre mais para uma variedade de expressões, num pluralismo de métodos e de formas, nos quais se manifestam a riqueza e a vivacidade da Igreja. Eis a importância das missões e das jovens Comunidades eclesiais, que já favoreceram de maneira silenciosa, segundo o estilo do Espírito Santo, uma benéfica renovação na sua vida. Sem dúvida, o terceiro milênio delineia-se como um renovado apelo à missão universal e, ao mesmo tempo, à inculturação do Evangelho da parte das várias Igrejas locais.

7. Eu escrevia na Encíclica *Redemptoris missio* «Na História da Igreja, com efeito, o impulso missionário sempre foi um sinal de vitalidade, tal como a sua diminuição constitui um sinal de crise de fé... A missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações» (n.2).

Convido, portanto, a reafirmar, contra todo o pessimismo, a fé na ação do Espírito, que chama todos os crentes à santidade e ao empenho missionário. Acabamos de celebrar o 175º aniversário da Obra da Propagação da Fé, fundada em Lião em 1822 por uma jovem leiga, Paulina Jaricot, de quem está em curso a causa de canonização. Com feliz intuição, esta iniciativa favoreceu na Igreja o crescimento de alguns valores fundamentais, hoje difundidos pelas Pontifícias Obras Missionárias: o valor da própria missão, capaz de regenerar na Igreja a vitalidade da fé, que se incrementa quando há o empenho em comunicá-la aos outros: «É dando a fé que ela se fortalece» (*Redemptoris missio*, 2); o valor da universalidade do empenho missionário, uma vez que todos, sem exceção, são chamados a colaborar com generosidade na missão da Igreja; a oração, a ofer-

ta dos próprios sofrimentos e o testemunho de vida como elementos primários para a missão, ao alcance de todos os filhos e filhas de Deus.

Recordo, por fim, o valor da vocação missionária «ad vitam»: se a Igreja inteira é missionária em virtude da sua própria natureza, os missionários e as missionárias «ad vitam» são o seu paradigma. Aproveito, portanto, esta ocasião para renovar o meu apelo a todos aqueles, especialmente os jovens, que estão empenhados na Igreja: “A missão” está ainda bem longe do seu pleno cumprimento», eu ressaltava na *Redemptoris missio* (n.1), e por esta razão é preciso escutar a voz de Cristo, que ainda hoje chama: «Vinde após Mim e Eu farei com que vos torneis pescadores de homens» (cf. Mt 4,19). Não tenhais medo! Abri as portas do vosso coração e de vossa vida a Cristo!

Deixai-vos envolver na missão do anúncio do Reino de Deus: para isso o Senhor «foi enviado» (cf. Lc 4,43), e transmitiu a mesma missão aos seus discípulos de todos os tempos. Deus, que não Se deixa vencer em generosidade, dar-vos-á o cêntuplo e a vida eterna (cf. Mt 19,29).

Enquanto confio a Maria, modelo de missionariedade e Mãe da Igreja missionária, todos aqueles que, *ad gentes* ou no próprio território, em qualquer estado de vida, cooperam no anúncio do Evangelho, de coração envio a cada um a Bênção Apostólica.

Vaticano, 31 de maio de 1998,
Solenidade do Pentecostes.

Joannes Paulus II

DOCUMENTOS E TEXTOS DA XVIII AGO

1. Saudação – Palavras de Abertura: 20/07/1998

Pe. João Roque Rohr, SJ
Presidente Nacional da CRB

Irmãs e Irmãos, bem-vindos!

Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre!

O amor de Cristo aqui nos congregou. Que a paz e luz de seu Santo Espírito sejam profusamente derramadas sobre nós, nestes dias de oração e reflexão, de conagração de carismas, de avaliação de vida, de busca de mais vida. E que arda o nosso coração como o dos discípulos de Emaús enquanto desejarmos que o Cristo reparta conosco o Pão da sua Palavra, a Palavra de sua Vida.

Aqui viemos, na responsabilidade de Superiores e Superiores Maiores, de Delegados e Delegadas, de membros da Direção da CRB, para a realização da XVIII Assembleia Geral Ordinária de nossa entidade intercongregacional, a Conferência dos Religiosos do Brasil. Nesta relação de intercongregacionalidade, indispensável e frutificadora, buscaremos ouvir o que o Senhor tem a nos dizer, a nós enquanto comunhão institucional de carismas na CRB, a nossas respectivas Congregações Religiosas e Institutos de Vida Apostólica, e a nós mesmos enquanto pessoas desejosas de viver o seguimento de Jesus.

Esta é a XVIII Assembleia Geral Ordinária de nossa entidade representativa, a derradeira nos limites deste século e milênio.

A poucos é dado fazer esta experiência ímpar e emocionante, intensamente simbóli-

ca. Por um lado, nós, que temos o privilégio de vivenciar essa experiência, somos convidados e convidadas a considerar a longa marcha até aqui realizada pela humanidade e a fazer o gesto de virarmos responsavelmente a página de número 2000 do grandioso livro da vida humana da era cristã. Por outro, somos aqui instados a tomarmos entre as mãos e com o coração, a nossa própria história, pessoal e congregacional, a história de 44 anos de nossa CRB, para avaliarmos o que somos e delineararmos o que somos chamados e chamadas a viver e fazer como instituição e como pessoas consagradas pela causa do Reino.

Importa igualmente, comemorarmos. Comemorar é celebrar com a memória do coração o que tem sido nossa vida pela graça do Senhor. É fazer a memória, jubilosa e penitencial ao mesmo tempo, do que passou. E na esperança vigilante, preparar o que há de vir.

“Quando o passado não ilumina mais o futuro, o espírito anda nas trevas”, sentença Tocqueville. A celebração do passado em atitude de reconhecimento pela “superabundância de gratuidade e de amor” (VC 105) da parte de Deus, e em gesto de conversão por nossas debilidades, é justa e necessária como num grande prefácio de ação de graças e de compromisso face ao que se anuncia. “Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar,

mas uma grande história a construir. Olhai o futuro para o qual vos projeta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas” (VC 110), é a conclamação de João Paulo II.

Se o passado é a raiz, no presente que é nosso, passa a seiva que carrega consigo a responsabilidade de frutificação. É para produzirmos frutos, bons e em abundância, que o Senhor a Si nos consagra renovadamente, no limiar do terceiro milênio.

É agora, é para esse momento de graça que Ele nos convoca a uma refundação da Vida Consagrada. Refundação! Se o termo pode soar ambíguo, o senso da fé nos leva a compreender sua carga de sentido e de apelos. Pois importa sempre, e de modo especial hoje, dadas as circunstâncias do tempo humano em que vivemos, reavivar o dom que nos foi feito, repôr o necessário azeite em nossa lâmpada, encher de vinho novo os novos recipientes que nos são delineados, sentar novamente á beira do poço das águas da Vida, buscar mais e mais intensamente o Reino que nos é ofertado, caminhar..., caminhar sem parar no encaicho do Bom Mestre que nos atraiu junto a Si. Ele também falava em parábolas e empregava muitas metáforas, às vezes para que seus ouvintes O entendessem, outras vezes para que não O entendessem. Frei Prudente Nery, na primeira palestra, nos recordará: *“Se o grão de trigo que cai na terra, não morrer, fica infecundo”* (Jo 12,24) ou então: *“Para vinho novo, barris novos”* (Mc 2,22). Aplicando estas imagens e figuras retóricas ao tema central da nossa Assembléia — Novo Milênio e Refundação da Vida Religiosa — acaso não nos sentimos interpelados a plantar os grãos de trigo enquanto estão animados pelo princípio vital que lhes garante a germinação? Ou teimamos em conservá-los em nossos celeiros, bem guardados, até perderem a sua força vital e poder de reprodução?

Será que deixamos de produzir vinho novo para que não arrebente nossos barris

velhos? Assim como o grão de trigo deve morrer para germinar, florescer e frutificar, assim também o vinho novo passa necessariamente por um processo de fermentação para se tornar um saboroso vinho velho, contido em barris novos.

Não temamos, portanto, esta morte, indispensável passagem para a ressurreição e vida nova. Não temamos a fermentação do vinho novo, condição necessária para degustar seu sabor e desfrutar as alegrias que nos proporcionará.

Refundar, isto é, fundar de novo, aprofundar, fundamentar mais e mais nosso viver consagrado Naquele e por Aquele que é a Rocha, a Fonte, a Luz, o Caminho, a Vida. Ele, por seu Espírito, saberá suscitar então, em nós, e por meio de nós, renovada paixão por seu Reino, novo empenho de vida, novas modalidades e formas de ser e agir, em resposta aos sussurros do Espírito em nosso próprio espírito, aos anseios da humanidade e aos clamores dos pobres que aguardam, por meio de nós, a resposta do carinho do Pai-Mãe, nosso Deus.

Refundar é pois, uma permanente exigência que Deus nos faz, a nós, a nossas Congregações e Institutos, à própria CRB. Que passos e atitudes está Ele nos solicitando agora? Como adequamos nossa realidade às novas demandas que o Senhor hoje nos faz? Como podemos melhor nos ajudar, em comunhão intercongregacional, para vivermos e expressarmos a “fraternidade exemplar que sirva de estímulo aos outros corpos eclesiais no empenho quotidiano de dar testemunho do Evangelho” (VC 52)?

O tema de nossa XVIII AGO nos aponta o caminho. Três são as setas indicativas:

1ª) **A mística evangélica:** viver a mística que impregnava a vida de Jesus, pela vida do povo, dos pequenos e pobres. Dessa fonte precisamos beber sofregamente. Reacender a paixão do primeiro amor de nossa vida. Ir. Bárbara em sua palestra, parafrase-

seando Karl Rahner nos dirá: ou a Vida Consagrada do terceiro milênio será evangelicamente mística, ou não será cristã.

2ª) **Missão inculturada:** não vivemos para nós mesmos, na cadeia de nossos próprios limites. A Vida Consagrada é chamada a ser uma permanente irrupção da força da Palavra desencadeada no Pentecostes. Somos convocados e convocadas a fazer de nossa consagração uma missão a serviço do Evangelho. Missão-pé-no-chão! Inculturada. Inserida. Que pisa no barro de que é feito nosso mundo, na vibração vital das culturas humanas, para que a palavra as fecunde. Sem essa ida, na humildade e na profecia, a Semente do Verbo se perde no etéreo. Não entra na terra. Não germina, nem frutifica. Não transforma, não humaniza nem diviniza. Nossos Pastores sempre nos dizem que precisamos estar na vanguarda da missão. Como nos inserimos na seara do Senhor? Frei Tito Figuerôa de Medeiros nos dirá em sua conferência: "... o compromisso com o processo da inculturação, encarado como um diálogo permanente, uma estrada de mão dupla, é um trabalho de cunho dialogal e dialogante entre a cultura do religioso ou religiosa e a da comunidade com a qual se vai conviver, inserir-se, partilhar a vida. Trata-se, de fato, de uma partilha. O que supõe relação de troca, de permuta de bens culturais, além dos espirituais e econômicos".

3ª) **Presença solidária:** em conversa particular com os notáveis em Jerusalém, as colunas da Igreja, Tiago, Cefas e João, quando se decidiu que a Pedro se confiava a evangelização dos circuncisos e a Paulo e Barnabé a dos incircuncisos, se pediu aos dois, na hora do abraço fraterno, que "apenas teríamos de nos lembrar dos pobres, o que eu tive muito cuidado de fazer", afirma Paulo em Gálatas 2, 1-10. Cuidado para com os pobres, presença solidária junto aos pequenos e sofridos é a exigência que hoje o Senhor nos faz por meio de sua Igreja. É uma sensibilidade finamente evangélica que se instala na alma evangelizadora. A reno-

vada opção pelos pobres em tempos de neoliberalismo, de hegemonia da economia de mercado e de globalização competitiva e de exclusão social não é só útil e oportuna, mas é também necessária como sinal da presença amorosa do Senhor junto a Seus prediletos, em busca de um mundo mais justo, fraterno e solidário. Se a globalização é inevitável, que seja uma globalização cooperativa e humanizante para todos.

A Irmã Carmelita de Freitas dirá na conclusão de sua palestra: "A refundação da VR não virá certamente só pela eficácia do que fazemos. Mas não acontecerá também sem a nossa humilde busca de acertar com os caminhos do Espírito nessa nova e complexa encruzilhada histórica. E nessa encruzilhada uma coisa é certa: Os caminhos do Espírito passam necessariamente pela conversão à solidariedade, ao outro, ao irmão ferido e abandonado à beira da estrada".

O tema central de nossa Assembléia, "Novo Milênio e Refundação da Vida Religiosa: mística evangélica, missão inculturada, presença solidária", nos situa pois, no âmago do próprio Evangelho.

Por sua vez, as respostas mais assinaladas de algumas questões da pesquisa recentemente feita pelo CERIS a pedido da CRB, "A Vida Religiosa no Brasil", vem corroborar as indicações propostas pelo tema central:

- Prestar serviço às pessoas em nome de Deus.
- Servir a Deus segundo o ideal de vida da Comunidade/Congregação.
- Numa consagração incondicional, para toda a vida.
- Numa opção pelo pobres que dá credibilidade e força de testemunho à Vida Religiosa, que é fator de refundação da Vida Religiosa e que, por isso mesmo, precisa ser mais radical e coerente.
- Alguns elementos deveriam mudar então, na Vida Religiosa. Quais? As respostas se diversificam, atenuam-se estatisticamente as indicações, o que re-

vela, parece, perplexidade ou certo comodismo face aos desafios, como veremos esta tarde na apresentação da pesquisa e sua leitura teológica.

É preciso, no entanto, ler nas entrelinhas da pesquisa e sobretudo, nos meandros de nossa história, na procura do que o Senhor quer hoje nos dizer. Importa que façamos uma leitura comunitária na qual somamos nosso olhar ao de nosso irmão ou irmã, buscando o caminho que congregacional e intercongregacionalmente precisamos percorrer para que a refundação de nossa Vida Religiosa aconteça nesse marco do tempo do ano 2000. Juntos perceberemos melhor onde estamos, se estamos paralisados(as) ou em que nos fixamos, se estamos a caminho e para onde, se estamos atolados(as) em nós mesmos e por que, se temos a coragem de andar, embora nem sempre vejamos claro o rumo que o Senhor nos indica, ou se retrocedemos sobre nossos próprios passos e pequenos interesses.

Os sinais dos tempos amadurecem em torno de nós. Sabemos interpretá-los? Ou o único sinal que nos resta será o de Jonas (MT 16,4)? Prefiro a caminhada em campo aberto rumo ao horizonte que se descortina diante de nós com a certeza de quem sabe que depois do horizonte a vida continua.

Refundar pois, ou... refundar! Eis a alternativa!

Nossa XVIII Assembléia terá então "griffe" de Cenáculo!

Lá, estavam naquele dia, os Discípulos do Senhor, em torno a Maria, num clima de desilusão e tristeza pela perda do Mestre, com medo de enfrentar a inesperada realidade e ao mesmo tempo, em esperanzosa prece para que se cumprisse a promessa do Mestre, o envio de seu Espírito na profusão de Vida, Fortaleza e Liberdade que daria à luz a pequena e despojada Igreja de Cristo Jesus.

Cá estamos nós, crentes na presença do Ressuscitado e com Maria a nosso lado.

Quiçá, demasiadamente preocupados(as) com as perdas de todo tipo que sobre nossas Congregações ter-se-ão abatido, perigosamente amedrontados(as) face aos desafios que o complexo mundo atual joga sobre nós. Sejamos juntos, na prece e na comunhão fraterna, sinais e promotores de esperança no meio de tanta desilusão e desvirtuamento do sentido da vida e da História,

No precioso texto que o Pe. Jaldemir Vitória, SJ, integrante da nossa Equipe de Reflexão Teológica, nos legou sob o título "A coragem de fracassar – A Vida Religiosa aprende com as parábolas evangélicas" lemos a seguinte conclusão:

"A presente quadra da história do mundo e da Igreja corresponde a um verdadeiro *kairós* — tempo oportuno — que nos é dado viver como momento de graça oferecido pelo Pai. Por isso, deverá constituir-se em tempo de repensamento, de discernimento, de escuta atenta dos apelos do Espírito. Tempo de nos posicionar com total liberdade diante de nossas estruturas, projetos, obras, iniciativas, deixando-nos guiar pelo Espírito. Tempo de superar apegos indiscretos, tradicionalismos impertinentes, nostalgias imobilizadoras. Tempo de relativizar o que deve ser relativizado. Tempo de buscar o que, realmente, corresponde ao projeto de Deus para nós, em sintonia com a dinâmica do Reino, revelada por Jesus. Tempo de ousar, de enfrentar os desafios, de alegrar-se com a *kénosis*, a cruz e o martírio. Tempo de resgatar o amor primeiro".

Não deixemos que os ventos do tempo apaguem a mecha que ainda bruxoleia. Deixemos antes, que o impetuoso vento de vida nova no Espírito nos reanime. Despojemo-nos de nossas superfluidades. Abandonemos no caminho o que nos for peso inútil. Assumamos tão somente a carga leve e necessária, o jugo suave e amoroso do amor de Cristo derramado em nossos corações. Seu Espírito nos inspirará então, o que verdadeiramente nos convém, fecundando o estéril, fazendo surgir a vida lá onde a morte sentou seu pé.

E o Novo ressurgirá pelo Poder do Pai, na Vida do Filho e no Amor do Espírito.

Irmãs e Irmãos, convoco-os pois, para esta jornada!

Declaro assim aberta a XVIII Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil.

São Paulo, 20 de julho de 1998

2. Saudação aos participantes da XVIII AGO – 20/07/1998

D. Piergiorgio Silvano Nesti, CP
Secretário da CIVCSVA

Antes de tudo, apresento a todos os cumprimentos do Cardeal Prefeito, Eduardo Martínez Somalo, que se congratula com vocês por esta bela iniciativa e nos acompanha com sua oração; além disso expresso o meu cumprimento pessoal e cordial a todos vocês que compareceram aqui para tomar parte nesta XVIII Assembléia Geral Ordinária. Na pessoa de vocês cumprimento todos os membros dos Institutos religiosos que representam, expressão eloqüente da variedade dos carismas do Espírito que enriquecem a Igreja e, de modo especial, esta amada Igreja particular brasileira.

Sinto-me realmente contente por estar aqui, a fim de compartilhar com vocês estes dias de reflexão e de diálogo em torno do significado e do valor da Vida Consagrada no Brasil, no limiar do terceiro milênio. Agradeço o convite fraterno. Tenho certeza de que estes dias serão para mim uma forte experiência de fraternidade, de partilha e, espero, de conhecimento recíproco. Por tudo isso, renovo a minha disponibilidade para contatos inclusive pessoais.

O tema que escolheram entra em sintonia com a exigência, repetidamente afluída nestes anos de renovação da Igreja e recentemente repetida pelo Sínodo dos Bispos sobre a vida consagrada, de conhecer sempre mais profundamente a Vida Consagrada, não apenas evidenciando sua natureza carismática, como dom peculiar de Deus à sua Igreja, mas revalorizando a sua vocação de teste-

munho e de sinal profético para o mundo inteiro, especialmente nesta época de profundas transformações e mudanças. A iminência do terceiro milênio, visto como momento de graça e de vida, o longo caminho da história percorrido por seus Institutos, a vida de vocês vivida dentro de um determinado contexto histórico e cultural, rico de fermentos e de desafios, constituem um estímulo a continuar no caminho de renovação e de revitalização de seu ser religioso, hoje.

A verdadeira resposta a essa exigência nasce da redescoberta da fidelidade ao Evangelho e à missão que a Vida Religiosa recebeu na Igreja, como foi expressamente repetido na recente exortação apostólica "Vita Consecrata". A mesma primavera que a Igreja espera confiante é, de certa maneira, também um tempo de renovação e até mesmo de renascimento da Vida Consagrada.

Por isso, encontro-me aqui para encorajá-los a prosseguir com alegria e generosidade pela via dessa renovação, a ser praticada mediante uma fidelidade criativa (VC 37) que é, primariamente, fidelidade a Cristo, à Igreja e ao carisma de cada família religiosa; uma fidelidade criativa que é dom do Espírito que continuamente faz novas todas as coisas; uma fidelidade criativa capaz de fazer da vida religiosa uma continuação da presença do próprio Cristo no meio do mundo, difundindo por toda parte o seu bom odor, conforme a conhecida expressão paulina (cf. 2Cor 2,15).

Sabendo viver bem a sua consagração e vida fraterna, vocês estão em condições de ser testemunhas autênticas da nova criação inaugurada por Cristo e atuada através do Espírito Santo. Como fruto dessa nova criação do Espírito, vocês serão capazes de revitalizar todas aquelas situações de pobreza, de injustiça e de marginalização fruto do pecado e do egoísmo humano.

Vendo-os tão numerosos, como representantes de tantos irmãos e irmãs que acolheram o convite a seguir Cristo virgem, pobre e obediente, experimento uma grande alegria interior. Sinto que a vida religiosa no Brasil é presente e cheia de vida! O meu

augúrio no início destes trabalhos é que, atentos e dóceis à voz do Espírito, vocês sejam no meio do povo autênticas testemunhas do Ressuscitado, mediante uma vida de oração assídua e um modo de agir coerente, aberto ao diálogo e promotor de justiça. Através do seu ser e agir renovados, este nosso mundo entregue às mãos do homem, enquanto está entrando no novo milênio, poderá ser mais humano e justo, sinal e antecipação do mundo futuro.

A Virgem Maria que, inteiramente unida a Deus no dom de si, constitui o exemplo sublime de perfeita consagração, os acompanhe e sustente nestes dias de partilha e de estudo.

3. Notas Interpretativas das Linhas Inspiradoras

As NOTAS INTERPRETATIVAS abaixo, relativas a cada LINHA INSPIRADORA aprovada pela XVIII AGO/CRB-1998, foram elaboradas pela ERT/CRB no decorrer da mesma Assembléia, e podem receber novos elementos por parte da Presidência e Diretoria Nacional da CRB.

1. Espiritualidade integradora das diversas dimensões da vida e geradora de compromisso.

Trata-se de trabalhar a integração pessoal na interioridade, ao nível das várias relações e na abertura ao Transcendente, para uma Vida Religiosa que irradie felicidade e responsabilidade no compromisso com os outros.

2. Experiência de discipulado no processo formativo.

O discipulado não se fundamenta em teoria ou apelos morais, mas na experiência da pessoa de Jesus Cristo. Numa atitude de aprendizes, aprofundamos esta experiência de amor e gratuidade, em todas as etapas da Vida Religiosa.

3. Diálogo com os diferentes sujeitos culturais.

Abertura das comunidades e das etapas de formação para fazer pontes e abrir espaços, a fim de ouvir e acolher o Outro (indivíduos e grupos), com seu conjunto de valores socioculturais, numa atitude de partilha permanente.

4. Inculturação do ser e da missão na Vida Religiosa.

O processo da inculturação acena para a importância da construção permanente da identidade da Vida Religiosa, tanto no seu nível interno — vida comunitária, etapas da formação, governo — quanto no compromisso com os diversos rostos da missão.

5. Solidariedade cristã nas questões de gênero, etnia, exclusão e meio ambiente.

A equivalência de homens e mulheres e o respeito recíproco; a pluralidade cultural e a diversidade de etnias próprias do país; a clamorosa situação dos excluídos; o descaso e depredação da natureza exigem análise cuidadosa em vista de uma atuação solidária, ao mesmo tempo que transformadora.

6. Solidariedade profética e qualificada.

A solidariedade com os que sofrem, exige hoje vigor sapiencial, competência científica e qualificação técnica.

7. Vida comunitária personalizada e participativa.

Refazer nossas relações no interior da comunidade, valorizando os dons pessoais e incentivando a participação. Enriquecer-nos com a partilha de experiências em nível intercongregacional e com os leigos. Tornar a comunidade fonte de alegria e realização pessoal.

8 - Juventude e futuro.

Como evangelizar a juventude, no processo de rápidas mudanças culturais, crise de valores e exclusão social, e deixar-se interpelar pelos jovens que entram na Vida Religiosa (pastoral vocacional e formação inicial).

4. Composição da Nova Diretoria

DIRETOR-PRESIDENTE: *Pe. João Roque Rohr, SJ*

DIRETORES: Pe. Angelo Avelino Perin, MS
Ir. Arno Francisco Lunkes, FSC
Frei Cláudio Fumegalli, OFMCAP
Ir. Maria Lúcia Barreto, FMA
Ir. Maria Nair De Sousa Lima, CSJ
Ir. Maria Ruth Saraiva Leão, MJC
Ir. Maria Vilani Rocha De Oliveira, FHIC
Ir. Márian Ambrósio, DP
Pe. Peter John McCarthy, CSSR
Ir. Regina Maria Cavalcanti, RA

5. Composição do Novo Conselho Superior

Pe. Angel Vidal Rumbaoa Ludan, CICM
Pe. Emílio Moreira, SJ
Pe. João Sucarrats Fonts, SDB
Ir. Maria Américo Rolim, FMA
Ir. Maria Zenaide Costa, BMVA
Ir. Maris Bolzan, SDS
Ir. Zenilda Luzia Petry, IFSJ

MISSIONARIEDADE E SOLIDARIEDADE ENTRE AS IGREJAS NO BRASIL

Dom Erwin Krautler, CPPS

Bispo do Xingu e Responsável pela Dimensão Missionária da CNBB

"Dai-nos de vossa probreza".

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas", Ap. 2,7.11.

Nas Assembléias Gerais da CNBB, a questão missionária tem se tornado a tônica das nossas preocupações de pastores¹. Tomamos consciência de que a tarefa de evangelizar constitui a missão essencial da Igreja. Evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. A Igreja existe para evangelizar. Por isso o objetivo da Igreja no Brasil se resume na palavra "EVANGELIZAR". O resto é accidental, acréscimo.

O Decreto Conciliar "Ad Gentes" sobre a Atividade Missionária da Igreja é categórico quando afirma: "A Igreja peregrina é por natureza missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai" (AG 2). Já no proêmio, "Ad Gentes" relaciona a missionariedade da Igreja à sua catolicidade. Em outras palavras: a Igreja deixa de ser católica se não for missionária.

"Enviada por Deus a todos os povos para ser sacramento universal de salvação, por exigência íntima de sua catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador (cf. Mc 16,16), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os povos" (AG 1).

História da Igreja — História de sua missionariedade

A história de nossa Igreja, desde seus primórdios, é a história de sua missionariedade. Não há poder neste mundo que possa frear seu ímpeto de levar a Boa Nova até os confins do mundo. Quantos missionários e missionárias tornaram-se "mártires" no mais estrito sentido da palavra: anunciaram e testemunharam sua fé até o ato extremo de derramar seu próprio sangue. Nos Atos dos Apóstolos lemos como Pedro e João foram advertidos pelas autoridades religiosas e políticas de Jerusalém. "Ordenaram-lhes que, de modo algum, falassem ou ensinassem em nome de Jesus" (At 4,16). Os dois apóstolos, "simples e sem instrução" (At 4,13), não se deixaram intimidar e responderam: "Julgai vós mesmos, se é justo diante de Deus que obedeçamos a vós e não a Deus! Quanto a nós, não podemos calar sobre o

¹ A missionariedade da Igreja já foi tema central da 26ª Assembléia Geral da CNBB, em 1988, na qual o episcopado nacional publicou o Documento "Igreja, Comunhão e Missão" (Documento da CNBB, nº 40). Na 36ª Assembléia Geral da CNBB, em 1998 "A Missionariedade e Solidariedade entre as Igrejas no Brasil" voltou à pauta de assuntos.

a
c
i
a
é
n
c
i
a
é
n
c
i
a
é
n
c
i
a

que vimos e ouvimos!” (At 4,19-20). Ressoaram em seu coração as palavras do Mestre aos fariseus que, na entrada messiânica de Jesus em Jerusalém, ficaram furiosos diante da aclamação do povo: “Se eles se calarem, as pedras gritarão!” (Lc 19,40).

Inúmeros missionários e missionárias, ao longo de dois milênios, despediram-se de sua família, desinstalaram-se, saíram de sua pátria, percorreram terras, atravessaram mares para alcançarem a grande meta: que “toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a Glória de Deus Pai” (Fl 2,11).

Tudo começou “ao raiar do primeiro dia da semana” (Mt 28,1), quando “Maria Madalena e a outra Maria” foram ao túmulo. Por mãos invisíveis, a pedra havia sido rolada do sepulcro. As mulheres receberam a notícia alvissareira de que o corpo de Jesus não se encontrava mais na “tumba talhada na rocha” (Lc 23,52): “Ele não está aqui, pois ressuscitou!” (Mt 28,6). E “elas, partindo depressa (...) correram a anunciá-lo aos seus discípulos” (Mt 28,6). São Marcos nos conta que Maria Madalena “foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele e que estavam aflitos e choravam” (Mc 16,10). Como pelo Sim de uma mulher, Maria, Deus inicia sua maravilhosa obra salvífica, enviando seu Filho, foi também através de uma mulher, de outra Maria, que se inicia o anúncio pascal que atravessará os séculos. “É verdade! O Senhor ressuscitou!” (Lc 24,34) tornar-se-á o “querigma” apostólico até os nossos dias. O primeiro anúncio “Ressuscitou” coube às mulheres (Lc 24,1-10).

Os apóstolos relutaram em acreditar. “Essas palavras lhes pareceram desvario, e não lhes deram crédito” (Lc 24,11). “Conversa de mulheres”, desdenharam. Os homens não acreditaram, pois a notícia atropelava a sua lógica, as leis do raciocínio. Como é que alguém que sofreu o suplício atroz da crucifixão e antes de carregar a própria cruz foi flagelado com quarenta

acoites menos um, sangrando por incontáveis chagas espalhadas pelo corpo, e em cuja cabeça penetraram espinhos pontiagudos, ensangüentando e desfigurando seu rosto, como é que um morto, ainda com o coração perfurado por uma lança, pode voltar a viver? “Um verme e não um homem” (...) “o opróbrio e o desprezo das nações” (Sl 21,7), como rezamos no Salmo 21, como pode ressurgir do túmulo?

As mulheres, porém, creram com o coração! Os homens só acreditaram depois de terem feito sua perícia “in loco”. Mesmo assim, quando Jesus lhes aparece na montanha da Galiléia para conferir-lhes a missão universal, São Mateus não deixa de assinalar: “Alguns, porém, duvidaram” (Mt 28,17). Quantas vezes, bem antes de sua paixão e morte, Jesus já havia censurado os discípulos, chamando-os de “homens fracos na fé”! (Mt 6,30; 8,26; 14,31; Lc 12,28).

No dia da ascensão, Jesus ao despedir-se de seus apóstolos, lhes dá um último recado: “O Espírito Santo descera sobre vós e dele receberéis força. Sereis, então, minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8).

Cinquenta dias depois da Páscoa cumpre-se a promessa do Senhor. Até então os discípulos se reuniram, “estando fechadas as portas (...) por medo dos judeus” (Jo 20,19; cfr Jo 20,26). Pentecostes escancarou as portas para o mundo inteiro. O medo passou, dissiparam-se as dúvidas, cessou a angústia. A primeira comunidade cristã deixou de reunir-se às escondidas. Pedro, na noite da condenação de Jesus, negou três vezes conhecer o Senhor e chegou até “a maldizer e a jurar” que não tinha nada a ver com o Mestre: “Não conheço esse homem de quem falais!” (Mc 14,66-72). Este mesmo Pedro, de repente, diante de “todas as nações que há debaixo do céu” (At 2,5), se dirige a seus compatriotas: “Homens de Israel” (...) Jesus, o Nazareu (...), vós o matastes, crucificando-o pela mão dos

ímpios. Mas Deus o ressuscitou!” (At 2,22-23). As palavras vigorosas “Saiba, portanto, toda a casa de Israel, com certeza: Deus constituiu Senhor a Cristo, a esse Jesus que vós crucificastes” (At 2,36) fizeram os ouvintes sentir “o coração traspassado” (At 2,37). O anúncio destemido e o testemunho convincente de Pedro no dia de Pentecostes surtiu efeito: “Naquele dia foram agregadas mais ou menos três mil pessoas” (At 2,41). O Espírito Santo fez nascer a Igreja!

Filipe vai a Samaria anunciar “a palavra da Boa Nova” (At 8,4). Samaria é a primeira região “além fronteiras”. Pedro vai a Cesaréia e entra na casa de um centurião da coorte itálica (At 10,1) e se dá conta de que “Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável” (At 10,34-35). Nasce a missão “ad gentes”! Depois do Concílio de Jerusalém, “cheios de coragem”, Paulo e Barnabé declaram: “Nós nos voltamos para os gentios” (At 13,46). Inicia-se a grande epopéia da evangelização que não parou até os dias de hoje: Icônio, Antioquia, Licaônia! Paulo passa por Trôade, onde teve uma visão: um macedônio, de pé, dirigia-lhe este pedido: “Vem à Macedônia, socorre-nos!” (At 16,9). Na Macedônia, o Evangelho chega à Europa. Foi em Filipos que Deus “abriu o coração” de Lídia, “para que ela atendesse ao que Paulo dizia” (At 16,14). Foi em torno desta mulher que surgiu a primeira comunidade cristã européia. Paulo vai a Tessalônica e explica que “era preciso que Cristo sofresse e depois ressurgisse dentre os mortos”. “E Cristo (...) é este Jesus que eu vos anuncio” (At 17,3). Uma multidão de “adoradores de Deus e gregos, bem como não poucas mulheres” (At 17,4) se deixam convencer. Paulo está no areópago de Atenas, depois funda a igreja Corinto, mais tarde a de Éfeso. O outrora perseguidor da Igreja é perseguido, é ameaçado de morte, é processado. Apela para

César. “Caesarem appellasti? Ad Caesarem ibis” (At 25,12) retruca o procurador Pórcio Festo. E via Malta, Siracusa, Régio, Pozzuoli, Paulo chega a Roma.

Jesus falou a língua aramaica. O letrado, fixado na cruz, já estava escrito em outros idiomas: hebraico, latim e grego (cf. Jo 19,20). O Novo Testamento não está mais redigido na língua da Terra Santa, mas sim em grego. O original é traduzido para o latim. Mas o “Limes Romanus” também não foi limite ou fronteira para o Evangelho. A Boa Nova continuou a percorrer o mundo e há quase 500 anos chegou à Terra da Santa Cruz.

Quinhentos anos de paixão pelo Evangelho

Foram as ordens e congregações religiosas que, desde 1500, se encarregaram de cumprir o mandato do Senhor “Ide, e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19). Os relatos e cartas dos primeiros missionários são comoventes. Parecem ser a continuação das Epístolas de São Paulo. Os sofrimentos dos pioneiros da Evangelização em plagas brasileiras não foram menos intensos que as tribulações do Apóstolo das Gentes: “Somos atribulados por todos os lados, mas não esmagados; postos em extrema dificuldade, mas não vencidos pelos impasses” escrevia Paulo aos Coríntios (2Cor 4,8). José de Anchieta escreve a seu Prepósito-Geral Diego Laynez: “Quase sem cessar andamos visitando várias povoações (...) sem fazer caso das calmas chuvas ou grandes enchentes de rios, e muitas vezes de noite por bosques mui escuros, (...) não sem grande trabalho, assim pela aspereza dos caminhos, como pela incomodidade do tempo. (...) Mas nada é árduo aos que têm por fim somente a honra de Deus e a salvação das almas, pelas quais não duvidarão dar a vida”.²

2 Carta de 1º de junho de 1560; cf. Sefarim Leite. Cartas dos primeiros Jesuítas do Brasil. Vol. 3. São Paulo: 1954. p. 253-255.

Passagens semelhantes encontramos na história de missionários pioneiros de todas as ordens que aportam em praias brasileiras no intuito de continuar a missão dos primeiros discípulos de Jesus. É evidente que eram filhos de seu tempo. Se analisarmos o seu empenho do alto de nossas cátedras deste final de milênio, sem dúvida descortinamos nos missionários de então erros grosseiros, incorrigíveis. É uma verdade histórica que culturas milenares foram exterminadas, desapareceram. Vieram ao “Novo Mundo” (“novo” do ponto de vista europeu) com categorias e critérios ocidentais e lutaram pela implantação de uma Igreja de rosto europeu, com a roupagem do velho continente. O termo “Inculturação do Evangelho” não constava do vocabulário eclesialístico daquelas épocas e, muito menos, foi meta da empreitada missionária engendrar uma evangelização “a partir das culturas”³ autóctones. Mesmo assim, nunca deixa de impressionar a paixão, o ardor, o fervor que motivaram mulheres e homens a levar adiante a ingente tarefa de anunciar e testemunhar a Boa Nova, arriscando sua vida, sendo perseguidos, processados e exilados ou derramando seu próprio sangue por causa do Reino de Deus. Lembrando o Beato José de Anchieta, os Beatos Inácio de Azevedo e seus companheiros, os Santos Roque González, Afonso Rodríguez e João de Castilho ou, na Amazônia, os Padres Luís Figueira e Antônio Vieira, e tantos e tantos outros, quem vai e pode negar que foi “a Caridade de Cristo” que os compeliu (cfr. 2Cor 5,14) a consagrar-se à Evangelização e doar-se até as últimas conseqüências (cfr. Jo 13,1).

Os tempos mudaram e a nossa Igreja cresceu na compreensão do mandato do Senhor. A antropologia e a experiência missionária ensinaram-nos a reconhecer em todas as culturas mediações possíveis para uma nova evangelização. Falamos hoje da inculturação do mensageiro e da mensagem como pressuposto da partilha, da participação, da compreensão e da solidariedade⁴. Os métodos de apresentar o Evangelho mudaram, mas a paixão, o ardor, o fervor que devem acompanhar e motivar o anúncio e o testemunho são imutáveis e insubstituíveis. Se não existir uma profunda mística missionária que contagia e convence, nosso empenho, por mais que se oriente nas modernas técnicas de comunicação, não passará de um “marketing” religioso superficial. Estamos apenas formigando na crosta da sociedade contemporânea.

Desafios específicos às vésperas do novo milênio

“Evangelizar (...) é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18), escreveu o Papa Paulo VI na sua, ainda atualíssima, Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”.

No Brasil estamos hoje diante de desafios missionários específicos. Somos chamados a responder aos apelos prementes de áreas e situações missionárias bem definidas, tanto na corresponsabilidade com a missão universal da Igreja “ad gentes”, como somos interpelados pela missão além fronteiras dentro

3 A Comissão 26 da IV Conferência do Episcopado Latino-americano (Santo Domingo, 12 a 28 de outubro de 1992), de que fui membro, apresentou o seguinte texto para o Documento final: “Adotando a perspectiva de Jesus Cristo encarnado, que salvou a vida universal partindo da fraqueza, da pobreza e da cruz redentora, a Igreja latino-americana se compromete – face ao desafio de evangelizar os povos a partir de suas culturas – a privilegiar as culturas de todos os povos oprimidos, indefesos e marginalizados, diante da força esmagadora das estruturas de pecado manifestas na civilização moderna”. O texto foi alterado pela Comissão de Redação Final que, em vez de falar da “Evangelização a partir das culturas”, insiste na “Evangelização das culturas”. Cfr. O Comentário “Evangelizar as culturas? Evangelizar a partir das culturas?” REB. Fascículo 211. Setembro 1993, p. 672.

4 Kräutler, Dom Erwin, *Testemunho da Resistência e Esperança, Discursos de Itaiçá em defesa dos povos indígenas*. CIMI. Brasília: 1991. p. 67.

do nosso próprio país. Na era da “globalização”, os sinais dos tempos — e Deus nos fala através deles — indicam que nossa Igreja, mais do que nunca, é chamada a dar um exemplo de “solidariedade global”.

O grande apóstolo da África, Daniel Comboni, cunhou como lema de sua missão: “Salvar a África com a África”. Não é mera paráfrase aplicarmos esta visão profética ao Brasil: “Salvar o Brasil com o Brasil”.

Em 24 de março de 1998, faleceu o Cardeal-Patriarca de Lisboa, Dom Antônio Ribeiro. Por ocasião do centenário da morte de Daniel Comboni⁵, o Primaz de Portugal proferiu no dia 10 de outubro de 1981 na Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Lisboa uma memorável homilia⁶. O saudoso antístite afirmava: “Trata-se de converter cada vez mais a nossa espiritualidade e a nossa práxis pastoral, colocando a nossa Igreja em ‘estado de missão’, e conferindo-lhe cada vez mais profundamente os critérios da catolicidade e da escolha preferencial pelos mais pobres, primeiros destinatários da Missão (Lc 4,18-21)”. A missão não pode ser compreendida como “mão única”, tipo: o missionário desembarca em praias até então desconhecidas e manda queimar o navio que trouxe, cortando toda possibilidade de comunicação com a Igreja de origem que o enviou. O cardeal português insistiu na “reciprocidade”, dizendo que missão “significa hoje responder às situações missionárias internas, acolhendo estímulos, sugestões, riquezas de caminhos na fé, vividos por outras Igrejas, sobretudo pelas mais jovens, que talvez tenham maior consciência de estarem em ‘situação missionária’ e se encontram, porventura, menos sobrecarregados com o peso da tradição”. E bem no bojo do Decreto “Ad Gentes”, profeticamen-

te sentenciou: “A evangelização missionária não pode ser exclusivamente de Institutos ou Organismos, mas tem de envolver toda a Igreja. Os Institutos e Organismos missionários são instrumentos especializados da missionariedade da Igreja e conferem-lhe um conteúdo específico, mas o sujeito da missão é a própria Igreja”.

A missão é uma só, mas, na pluralidade das culturas, os campos onde deve prosperar a semente da palavra de Deus diversificam as formas de exercer a missão. A evangelização é responsabilidade de todas as igrejas particulares. Cada bispo “enquanto membro do Colégio Episcopal e sucessor legítimo dos Apóstolos (...) por instituição e preceito de Cristo, é obrigado a ter solicitude pela Igreja universal” (LG 23). A caridade pastoral urge horizonte mais largos. Não basta a exclusiva preocupação com a própria diocese. A solidariedade ente os bispos, entre as Igrejas particulares, numa atitude de abertura ao Espírito, deve tornar-se o sinal de que é realmente a Igreja quem evangeliza.

Mas não só dos bispos se exige uma caridade pastoral e a solicitude para além dos limites de suas dioceses. O Decreto “Perfectae Caritatis” do Vaticano II estabelece princípios gerais de atualização da vida religiosa e assinala: “O seguimento de Cristo, proposto no Evangelho, norma última da vida religiosa, seja para todos os Institutos a regra suprema” (PC 2). Não é possível seguir a Cristo, excluindo o “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos...” (Mt 28,19) do final do Evangelho de São Mateus ou o grito dos Macedônios de todos os tempos, continentes e países: “Vem, socorre-nos!” (At 16,9) E o Decreto prossegue afirmando: “Participem todos os Institutos da vida da Igreja, façam

5 10.10.1881 em Cartum, Sudão, com apenas 50 anos de idade. Beatificado em 17 de março de 1997 pelo Papa João Paulo II junto com outro exímio Pastor de coração missionário, Guido Maria Conforti, fundador da Sociedade de São Francisco Xavier para as Missões Extranjeiras.

6 Cf. L'Osservatore Romano, Edição Semanal em Português, Ano XII – Número 45 (623) de 8 de novembro de 1981, pp. 6 e 7 (514 e 515).

suas e favoreçam quanto puderem, conforme a índole que lhes é própria, as iniciativas e as intenções da Igreja, como por exemplo em matéria bíblica, litúrgica, dogmática, pastoral, ecumênica, missionária e social (PC 2). Estou convicto de que a dimensão missionária é o grande desafio que, no marco dos 500 anos da Igreja no Brasil, nos interpela a todos, dentro das fronteiras nacionais como para além delas. Ao concluirmos meio milênio de Evangelização, está na hora de rompermos definitivamente com o narcisismo eclesial que só nos permite girar ao redor da Igreja paroquial ou Catedral diocesana, do nosso Convento ou Casa Provincial, nos prende e amarra a estruturas que hoje impedem as e os apaixonados pelo Reino de Deus de alçar vôo.

No final da década de 70 e início dos anos 80, muitos Institutos religiosos se dedicaram a uma revisão de sua experiência pós-conciliar. Neste contexto a Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares publicou o Documento "Elementos Essenciais da Doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa aplicados aos Institutos Consagrados ao Apostolado". Uma curta, mas mui expressiva passagem do texto nos instiga a medirmos o pulso e a pressão arterial de nosso espírito missionário. Diz o Documento: Os religiosos e as religiosas são "chamados para os outros: sendo totalmente tomados pelo amor do Pai, estão (...) inteiramente entregues à obra salvífica de Cristo, em favor dos seus irmãos e das suas irmãs (...) Os religiosos consagrados ao apostolado continuam no tempo a obra de Cristo, anunciando às multidões o Reino de Deus".

"Chamados para os outros"

Os outros, quem são? Onde vivem? Em que realidade se encontram? Com que pro-

blemas se confrontam? Os outros, não são eles nossos irmãos, nossas irmãs que se debatem em situação de penúria material e espiritual, que vegetam à margem da sociedade, que são discriminados por causa de sua raça ou cultura? Os outros, não são eles os povos indígenas malvistas, malaventurados, malquistos, maltratados? Os outros, não são eles nossos irmãos e irmãs que saíram da terra que os viu nascer, em desesperada busca de condições de mera sobrevivência? Os outros, não são eles os desarraigados, os migrantes? Os outros, não são eles as famílias que do sul, sudeste e centro de nosso País rumaram e continuam rumando ao norte, porque em sua terra de origem não há mais lugar para elas? Os outros, não são eles os "Sem-Terra", os "Sem-Emprego", os "Sem-Nada" de todos os quadrantes deste País? Os outros, não são eles os famintos, não apenas do pão material, mas também do pão eucarístico?

Os outros? Onde estão? Quem são? Como chegaremos hoje e agora mesmo a estas massas de "outros" para continuarmos a obra de Cristo, anunciando-lhes o Reino de Deus?

Igrejas-Irmãs, um projeto corajoso

Em 1972⁸, após uma visita da então presidência da CNBB ao norte do país, surgiu entre nós o projeto "Igrejas-Irmãs", visando despertar a solidariedade entre as Dioceses e Regionais. Dom Estêvão Cardoso Avelar, então Bispo-Prelado de Marabá, PA, em entrevista coletiva à Imprensa, comunicou que o episcopado brasileiro incentivaria um programa de ajuda mútua entre as dioceses brasileiras: "Aqueles que têm maiores recursos, colaboram com as menos favorecidas. Todas as dioceses, ain-

7 S. Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, *Elementos Essenciais da Doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa aplicados aos Institutos Consagrados ao Apostolado* (de 31.05.83), n. 24.

8 De 26 a 31 de janeiro de 1972, Dom Aloisio Lorscheider, presidente da CNBB, Dom Avelar Brandão Vilela, vice-presidente, e Dom Ivo Lorscheider, secretário geral, visitaram a Amazônia, Cfr. Comunicado Mensal n. 400 de 31 de maio de 1986, p. 709: "Corresponsabilidade entre as Igrejas".

da que pobres, sempre podem contribuir em favor de outras mais pobres”⁹.

Importa ressaltar que já existia uma iniciativa anterior ao ano de 1972, que servia de paradigma. A Diocese de Caxias do Sul, RS, havia enviado, dois anos antes, os primeiros padres diocesanos para Dourados, MS. O projeto “Igrejas-Irmãs” conheceu experiências bem sucedidas de comprovada fidelidade missionária e, até hoje, colhemos frutos maduros, sobretudo quando se valoriza a reciprocidade. “Ninguém é tão rico que não tenha nada a receber”. No entanto, embora haja em todas as regiões do Brasil agentes de evangelização de grande valor e generosamente empenhados, preocupa-nos o fato de ainda não termos conseguido corrigir a má distribuição dos presbíteros, religiosos e religiosas.

As “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998” chamam novamente nossa atenção para o programa “Igrejas-Irmãs”, esclarecendo que se trata de uma “iniciativa, historicamente importante no despertar das Igrejas do Brasil para a Amazônia, as Regiões do Oeste e o Nordeste”. O Documento afirma que o programa “vive, atualmente, uma fase de avaliação. Sua revitalização será, certamente importante para uma nova e mais decisiva fase de empenho missionário que favoreça o amadurecimento e a originalidade das Igrejas locais e suscite projetos concretos de solidariedade e reciprocidade” (DGAEV 248). Penso apenas que a avaliação de que fala o documento da 33ª Assembléia Geral da CNBB (1995), não pode durar infinitamente, mas tem de chegar a conclusões e à almejada revitalização do programa.

Em nosso “Projeto Rumo ao Novo Milênio” afirmamos: “O anúncio exige, sobretudo, uma espiritualidade que torne a Igreja sempre mais missionária” (RNM 151). Queremos dar um novo impulso à espiritualidade missionária na esperança de que o novo

milênio seja marcado por ações concretas de solidariedade entre as Igrejas. “Esta espiritualidade baseia-se na docilidade ao Espírito, no seguimento de Cristo, na solidariedade com o povo, na fortaleza e perseverança, na caridade apostólica, que suscita a busca da santidade e a paixão pela missão” (PRNM 151). É exatamente essa paixão pela missão que poderá ajudar-nos a dar um salto qualitativo na nossa prática missionária, na corresponsabilidade pela missão, no intercâmbio ente as nossas Igrejas locais.

O novo milênio suscita na Igreja um novo ardor na busca de caminhos de anunciar e testemunhar a mensagem libertadora de Jesus até os confins da terra. A partilha de orações e de recursos humanos e materiais entre nossas Igrejas constituir-se-á numa demonstração de que realmente queremos um milênio marcado pela justiça e pela paz. Será também um sinal de que a Igreja quer resgatar suas “dívidas internas”, provendo do pão eucarístico e do pão material inúmeros irmãos e irmãs que deles estão excluídos por falta de uma maior racionalidade na distribuição de recursos entre as Igrejas.

“A Igreja se faz carne e arma sua tenda na Amazônia”

O documento conclusivo da Assembléia Interregional da CNBB Norte I e Norte II, celebrada em Manaus de 14 a 18 de setembro de 1997, em que os bispos, com delegadas e delegados de todas as dioceses e Prelazias da Amazônia, definiram “os rumos da Igreja nessa região no limiar do terceiro milênio”, repete novamente o apelo em favor de uma ajuda efetiva, sistemática e estruturada para a Amazônia, até tempos recentes ainda de selvas e águas, hoje, porém, disputada por empresas nacionais e multinacionais e progressivamente destruída.

A Amazônia, que equivale aos Regionais da CNBB Norte I e Norte II, abrange

9 Ibidem.

nada menos do que 3.581.189 quilômetros quadrados, quase a metade, 42,07%, do território nacional. Diante de tão ingente desafio, nós, bispos da Amazônia, “estreitamos nossa comunhão com todas as Igrejas no Brasil, comunicando-lhes as riquezas de nossa caminhada. Ao mesmo tempo, reite-ramos o nosso apelo aos outros Regionais para que venham em socorro à Igreja da Amazônia pelos seus desafios pastorais, pela sua extensão e importância no cenário mundial”¹⁰.

Mesmo que, a partir do final da década de 70, muitas das antigas Prelazias tenham sido elevadas à categoria de “diocese”, a Amazônia continua, até hoje, “Terra de Missão”! O povo está ávido de evangelização, faminto do Pão Eucarístico, sedento da Palavra da Vida. Nós, simplesmente, não estamos mais em condição de saciar a fome e a sede de todos! Outros se aproveitam da lacuna que deixamos e atraem as ovelhas para seus apriscos.

Move-nos a confiança na generosidade das dioceses, especialmente do Leste, do Sudeste e do Sul do País. Conforta-nos a decisão de vários Institutos Religiosos, femininos e masculinos, tomada anos atrás, de enviar Irmãs, Irmãos e Padres a frentes missionárias, mesmo que seu número seja insuficiente e ainda aquém da real demanda. Nunca perdemos a esperança de que o grito da Amazônia surta efeito. Confiante na graça de Deus, na generosidade dos irmãos e das irmãs, na necessidade do milagre e até na nossa persistência. É bem verdade que, às vezes, nos sentimos como o paraplético à beira da piscina de Betesda. Os anos passam e a cena de Jerusalém, “junto à Porta das Ovelhas” se repete: “Senhor, não tenho ninguém que me leve à piscina

quando a água está se movendo. Ao chegar, outro já desceu antes de mim” (Jo 5,7). Jesus fez o milagre. Como em tantas outras ocasiões “teve compaixão” e ordenou ao enfermo: “Levanta-te (...) e anda!” (Jo 5,8). Todos os milagres de Jesus manifestam a generosidade e gratuidade do Filho de Deus. Apelamos para a gratuidade dos irmãos e das irmãs. Sabemos muito bem que todos estão enfrentando dificuldades nas dioceses e províncias. Nunca se tem presbíteros, irmãs e irmãos religiosos em número suficiente para atender todo o povo. Mesmo assim apelamos: “Dai-nos de vossa pobreza!”

“Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanecerá só; mas, se morrer, produzirá muito fruto”, Jo 12,24.

A Igreja na Amazônia vive um momento de muito sofrimento e aflição. Ajoelhamo-nos perante a soberana vontade do Pai e, diante das dolorosas partidas de irmãos nossos para a pátria definitiva, exclamamos. “Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!” (Rm 11,33). Nem brotaram ainda as flores em cima da sepultura de Dom Gino Malvestio, Bispo de Parintins, falecido com apenas 59 anos (07.09.97) e já choramos a morte de Dom Jacson Damasceno Rodrigues (16.03.98), Bispo Auxiliar de Manaus, que aos 49 anos sucumbe a um tumor maligno.

Dom Jorge Edward Marskell, Bispo de Itacoatiara, sofreu de um tumor no pâncreas. Foi operado, mas o cirurgião “não garantiu que conseguiu tirar as raízes” do mal e “explicou que este tipo de câncer é muito agressivo e que quimio ou radioterapia não adiantam como tratamento pós-operativo”¹¹. Dom Jorge escreveu do Canadá uma carta aos

10 Documento de Manaus, 1.1 – Uma Igreja que busca a comunhão.

11 Carta de Dom Jorge Edward Marskel aos Agentes de Pastoral reunidos no Conselho de Pastoral da Prelazia de Itacoatiara, AM. Scarborough (Canadá), 26 de fevereiro de 1998. Para minha exposição na 36ª Assembléia Geral da CNBB em Itaici pedi pessoalmente a Dom Jorge a permissão de transcrever alguns trechos de sua carta. Com seu característico sorriso de irmão e amigo concordou.

fiéis e aos agentes de pastoral da Prelazia, reunidos no Conselho de Pastoral: “Se Deus quiser, espero estar aí com vocês para celebrar a Páscoa. Sei que minha vida mudou. Depois de uma experiência dessas, só pode ser. Não sei quanto tempo Deus tem reservado para mim. Tento viver o dia de hoje como o melhor dia da minha vida. Aprendo aos poucos a confiar na bondade e no amor de Deus, que tem planos para nós que nem imaginamos. Quando chegar o desânimo e o medo – e há momento desses – lembrome de vocês e do povo, das suas orações de sua solidariedade e amizade. Daí fico animado e com coragem”¹². Dom Jorge voltou a Itacoatiara e celebrou a Semana Santa e a Páscoa com seu povo. Chegando à sua Prelazia, o primeiro compromisso do Bispo enfermo comoveu a população até as lágrimas. Dom Jorge foi ao presídio visitar os presos. Depois da Páscoa viajou a São Paulo para participar da Assembléia Geral da CNBB. Confortou-nos a todos com seu exemplo de abandono ao Pai. Quando falei aos bispos reunidos em Itaici, ainda pude dirigir uma palavra de carinho: “Jorge, todos nós rezamos por você, para que volte a ter as forças necessárias para servir ao querido povo de Itacoatiara como o tem feito há tantos anos com incrível dedicação, generosidade e espírito missionário!” Deus, porém, dispôs diferente. Na madrugada do dia 2 de julho de 1998, Dom Jorge entrou em coma e às 07:22 do mesmo dia voltou para Casa do Pai, deixando seu querido povo em prantos. Tinha 62 anos de idade e no próximo dia 30 de julho iria completar 20 anos de bispo da Prelazia do Itacoatiara.

A Arquidiocese de Porto Velho está vacante desde o dia 3 de setembro de 1997, em virtude da precoce renúncia (aos 61 anos) de Dom José Martins da Silva.

Dom Gutemberg Freire Régis, Bispo da Prelazia de Coari, sofreu uma delicada intervenção cirúrgica. Sabemos de seu preocupante estado de saúde. Mesmo assim, continua desempenhando as suas funções de pastor.

Dom José Elias Chaves, Bispo de Cametá, teve que afastar-se de sua Prelazia por causa de um aneurisma cerebral. Apesar de encontrar-se parcialmente paralisado e com muita dificuldade de locomoção não suportou mais a distância de sua prelazia e voltou a Cametá para celebrar a Páscoa. Nas suas homilias da Semana Santa chorou mais do que pregou. Eu sei que seu coração não agüentou, vendo o seu povo tão simples e pobre, de chinelos nos pés, de mãos calejadas, de rosto queimado pelo sol, e ele, o pastor, neste estado deplorável. Nosso querido Dom Chaves esperava um milagre que o restabelecesse para visitar novamente, como tantas vezes o fez, as mais distantes comunidades das vicinais da Transamazônica. Não se entregou. Submeteu-se a intermináveis sessões de fisioterapia em sua terra natal, Minas Gerais. Há poucas semanas voltou novamente a Cametá. Prefere andar de muleta em meio ao povo do que deixá-lo sem o carinho do Pastor.

“A messe é grande, mas os operários são poucos”, Lc 10,2.

As Dioceses e Prelazias da Amazônia são de superfícies vastíssimas. Das 29 circunscrições eclesiais que compõem os Regionais Norte I e Norte II, nove têm mais de 100 mil, cinco mais de 200 mil e um tem quase 350 mil quilômetro quadrados. Alguns exemplos podem ilustrar que se trata de dioceses ou prelazias gigantescas, que ultrapassam estados inteiros brasileiros, países da América Latina ou da Europa:

Macapá, AP
Itaituba, PA

142.358,5 km²
175.369,0 km²

todo Estado do Amapá
Paraíba, Pernambuco e Sergipe

12 Ibidem.

Santarém, PA	177.137,0 km ²
Óbidos, PA	185.636,0 km ²
Roraima, RR	225.017,0 km ²
Lábrea, AM	232.240,0 km ²
Tefé, AM	266.969,0 km ²
São Gabriel da Cachoeira, AM	293.342,7 km ²
Xingu, PA	335.444,0 km ²

Paraíba, Pernambuco e Sergipe
duas vezes Santa Catarina
todo Estado de Roraima
quase o Estado de São Paulo
maior que o Estado de São Paulo
maior que Rio Grande do Sul
Rio Grande do Sul e metade de
Santa Catarina

Há sempre quem argumente: “É bem verdade, as áreas são enormes, mas o índice de densidade demográfica na Amazônia é muito diminuto, comparando-o com o Sul ou Sudeste do Brasil onde há cifras de centenas e até de mais de mil habitantes por km²!” De fato, há circunscrições em que este índice está abaixo de 1 habitante por km², em outras situa-se entre 1 e 3, raras alcançam entre 6 e 9 habitantes por km². Exceção são as arquidioceses metropolitanas: Manaus com 19,2 e Belém com 143,6 habitantes por km². No entanto, não é possível fazer depender a nossa ação evangelizadora e as visitas pastorais do número de pessoas em determinada localidade, calculado pelo IBGE. Comunidades de 50 famílias na cabeceira de um rio ou igarapé ou no fundo de uma vicinal da Rodovia Transamazônica não podem ser ignoradas, simplesmente em virtude do escasso número de fiéis em lugares afastados e de difícil acesso. Não são os cálculos estatísticos que motivam a nossa ação evangelizadora. E se, no meio da mata, vive uma única família, também ela merece nossos cuidados pastorais. A experiência nos ensina que, em povoados distantes da sé episcopal ou da sede paroquial, o anseio pela presença do Padre ou do Bispo é bem mais forte do que nos centros urbanos. A solidão e o isolamento em que vive este povo e, às vezes, o total abandono por parte das autoridades municipais, estaduais e federais fazem esta gente humilde e pobre “exultar de alegria”, quando o Bispo, o Padre ou as Irmãs, os Irmãos chegam. Quem de nós da Amazônia não pode contar histórias de despedida de comunidades pequenas e queridas que nos

tocam o coração, quando durante o último aperto de mão, no derradeiro abraço carinhoso, a mesma pergunta aflora aos lábios de uma mulher, de um homem, de uma criança: “Quando é que vem de novo?” e a nossa resposta é sempre meio desajeitada e sobretudo imprecisa: “Não sei” Mas quanto antes, se Deus quiser!” E lá se passam meses e meses para o Padre voltar e anos para o Bispo novamente visitar aquela comunidade. Na próxima visita pastoral do Bispo, as crianças da visita anterior já são adolescentes ou até se casaram e estão com um neném no colo.

Na Amazônia, tantas vezes vivemos a cena do Evangelho, quando Jesus quis levar os discípulos a um lugar deserto da Galiléia para tomarem fôlego e, ao desembarcarem, se viram novamente cercados por uma multidão, ávida de orientação, de ensinamento, de solidariedade, de afeto. Jesus ficou “tomado de compaixão” e o Evangelista Marcos acrescenta: “pois estavam como ovelhas sem pastor” (cf. Mc 6,31-34).

Veamos o quadro de sacerdotes, religiosos e religiosas no Regionais da CNBB Norte I e Norte II. Para toda a área existem, segundo o Anuário Católico do Brasil 1997 (CERIS) 255 sacerdotes, pertencentes ao clero secular, e 558 sacerdotes, membros de diversas ordens e congregações religiosas. Em sua imensa maioria, os sacerdotes, especialmente do clero regular, são oriundos de outros países. Em toda a Amazônia há 1610 Irmãs e 203 Irmãos religiosos. Entretanto, só na Arquidiocese de Porto Alegre, RS, vivem 1608 Irmãs e 320 Irmãos! Segundo o último

censo, a Arquidiocese de Porto Alegre tem 3.244.299, a Amazônia 10.362.316 habitantes.

Alguns exemplos podem ilustrar a situação de penúria em que se encontram as Dioceses e Prelazias na Amazônia:

* A Prelazia da Lábrea, AM, com 232.240,0 km², dispõe apenas de um sacerdote diocesano brasileiro e de 13 Frades da Ordem dos Agostinianos Recoletos, 7 deles nascidos na Espanha, 2 no México, 2 nas Filipinas, 1 na Escócia e 1 na Costa Rica. Há apenas 8 Irmãs e 6 Irmãos religiosos.

* A Diocese de Parintins, AM, com uma superfície de 70.035 km², tem 4 Padres seculares autóctones e 16 Padres do Pontifício Instituto das Missões, provenientes da Itália. Há 20 Irmãs e 3 Irmãos religiosos.

* A Diocese de Humaitá, AM, com uma área de 99.737 km², tem de atender suas 250 comunidades com apenas de 5 Padres, dos quais só um é Padre diocesano. Há 19 Irmãs e 1 Irmão.

* O clero da Prelazia de Tefé, AM, com 266.969 km², em vez de aumentar, diminuiu. Dom Mário Clemente Neto nos conta que em 1997 havia 16 Padres na Prelazia. Em 1998 o número caiu para 11. Todos são missionários e vieram da Holanda, França, Alemanha, Espanha, de Portugal, Cabo Verde e Puerto Rico. Só o bispo é brasileiro nato. As distâncias entre a sé episcopal e as paróquias são excessivamente grandes. Para chegar de Tefé a Maraã ou Fonte Boa, são necessárias 25 horas de barco, para Jutai ou Caitaú 40 horas. Para alcançar Itamarati, precisa-se de 10 dias pela via fluvial. Há 20 Irmãs e 2 Irmãos religiosos.

* Na Prelazia de Marajó, PA, 84.759 km², estão 13 Padres: 10 Frades da Ordem dos Agostinianos Recoletos (8 espanhóis e 2 brasileiros) e 3 Padres seculares (1 brasileiro, 1 da Polônia e 1 da Colômbia). Há apenas 7 Irmãs e 1 Irmão.

* A Diocese de Macapá, AP, que abrange todo o Estado de Amapá (142.358,5 km²), conta com 43 Padres, 35 deles religiosos (30 do PIME, 3 Capuchinhos e 2 Camilianos). O Clero diocesano compõe-se de 6 nativos e 2 italianos. Há 24 Irmãs e 2 Irmãos.

* A Diocese de Abaetetuba, PA, tem 20 Padres, dos quais 5 diocesanos brasileiros. Os outros 15 à Sociedade de São Francisco Xavier para as Missões Estrangeiras, 1 deles é brasileiro, 11 são italianos, 2 mexicanos e 1 é espanhol. Há 30 Irmãs e 2 Irmãos religiosos.

* A Diocese de SS. Conceição do Araguaia, PA, com 52.922,5 km², abrange 11 municípios e atende ainda 2 municípios da Prelazia do Xingu (Bannach e Cumaru do Norte). Tem 10 Padres, 5 diocesanos (4 brasileiros e 1 italiano) e 5 religiosos (1 brasileiro, 1 português, 1 francês, 1 italiano e 1 holandês). Há 17 Irmãs e 3 Irmãos religiosos.

Nas estatísticas do Anuário Católico do Brasil 1997¹³ salta à vista a enorme diferença e desproporção entre os Regionais do Sul e do Norte do País, quanto à presença de religiosas e religiosos. Cito apenas dois exemplos. Com isso não quero criticar dioceses irmãs e muito menos duvidar do espírito missionário que certamente é nutrido naquelas Igrejas particulares. Apresento apenas os números que são paradigmáticos para as demais dioceses daqueles Regionais:

* Na pequena Diocese de Ponta Grossa, Pr, com 20.969,7 km², existem 32 Padres diocesanos, 99 Padres, membros de Institutos Religiosos, 57 Irmãos e nada menos que 250 irmãs para 607.263 habitantes.

Na minúscula Diocese de Taubaté, SP, com 4.626 km², há 42 Padres diocesanos, 40 Padres pertencentes a Institutos Religiosos, 53 Irmãos e — Deus seja louvado — 300 Irmãs para 420.558 habitantes.

A Amazônia exige de bispos e presbíteros, das religiosas, de todos os agentes pas-

torais um empenho muitas vezes fatigante e penoso. As viagens, em visita pastoral às mais longínquas comunidades, absorvem as energias. Enormes distâncias têm de ser vencidas. Dias e dias de barco, rio a cima e rio abaixo, horas a fio de jipe em estradas ora empoeiradas ora lamacentas, repletas de atoleiros, dependendo da estação do ano, longas caminhadas a pé ou no lombo do animal consomem as forças, sem falar de realidades conflitivas em torno da problemática da terra com que os evangelizadores, sempre de novo, se deparam. Com São Paulo, muitos dos nossos irmãos e irmãs, podem exclamar: "Fiz numerosas viagens. Sofri perigos no rios, perigos por parte dos ladrões, (...) perigos na cidade (...). Mas ainda: fadigas e duros trabalhos (...). E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!" (2 Cor 11,26-28).

A miséria, a fome, a falta das mais elementares condições para uma vida digna de grande parte de nosso povo deixa-nos tantas vezes atônitos. Por mais que nos esforcemos, todo o auxílio material de que dispomos assemelha-se a uma gota d'água num oceano.

Amazônia, a nova fronteira

Desde o início da missão na Amazônia até trinta, quarenta anos atrás, a Santa Sé confiava a "cura animarum" aos cuidados de diversas Ordens e Congregações religiosas. Os bispos-prelados pertenciam sempre à Ordem ou Congregação, que atuava em determinado território. Em 1973 havia na Amazônia Legal¹⁴ ainda 41 Prelazia. Os Monges, Frades e Padres atenderam, com

muito esforço, a população nas pequenas cidades, nos povoados e ao longo dos rios caudalosos e igarapés compridos, sinuosos, até encachoeirados e de extremamente difícil navegação. Sacrificaram suas vidas nas "desobrigas", levando a Boa Nova até os últimos rincões. Passaram meses viajando de canoa ou montados ou então "per pedes apostolorum", ora sob um sol inclemente e escaldante, ora debaixo de chuvas torrenciais. Voltaram exaustos ao convento e muitas vezes enfermos, acometidos de malária ou de outras doenças tropicais. Mas sentiram sempre a satisfação de terem cumprido a sua missão.

A partir de 1979, muitas Prelazias foram elevadas sucessivamente a dioceses, às vezes mesmo sem ainda disporem dos elementos mínimos para tal (clero autóctone, infraestrutura adequada, autonomia e autogestão econômicas). Alhures, o Brasil foi considerado um país "homogêneo" e, em consequência, igualaram-se as Igrejas na Amazônia às dioceses no Leste, Sudeste e Sul do Brasil, cuja história e estruturas são bem diferentes e, em parte, marcadas por acentuada influência européia, em razão da imigração no século passado.

Ainda hoje, toda circunscrição eclesial desta região, seja diocese ou prelazia ou mesmo arquidiocese, por não ter clero autóctone suficiente, tem de apelar para as ordens e congregações religiosas para suprir a escassez de clero secular aborígine. Ademais, as arquidioceses, dioceses ou prelazias na Amazônia não conseguem manter-se com recursos próprios e continuam, dependendo de contribuições maci-

14 Até 1953 a Amazônia Brasileira era constituída pela totalidade das áreas dos atuais Estados Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Roraima e Rondônia, com uma superfície de 3.518.189 km² (42,07% do território nacional do Brasil). Com a criação da SPVEA (Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia), a Amazônia foi "ampliada" para que outros Estados (Maranhão, Mato Grosso e o atual Estado do Tocantins) gozassem dos benefícios da Lei nº 1806/53. Em vez de levar em conta o divisor das águas da Grande Bacia e os limites da floresta típica aplicou-se o "conceito geodésico" e o Artigo 2º da Lei nº 1806/53 oficializou uma nova delimitação. Assim a "Amazônia Legal" abrange 5.033.081 km² ou seja 59,15% do território nacional do Brasil. (Cf. Roque, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. Amazônia Editora Ltda. Belém: 1967.p. 124. Verbete: *Amazônia*). As então 41 Prelazias situaram-se todas nesta "Amazônia Legal".

ças, provenientes de Igrejas-Irmãs da Europa ou da América do Norte. Frequentemente os bispos da Amazônia são obrigados a pedir esmolas no exterior a fim de prover o sustento da ação pastoral.

Dos anos 70 para cá o quadro mudou de modo significativo. A construção de estradas na Amazônia atraiu milhares e milhares de famílias do Sul e Centro do País e do Nordeste. Cidades com 4000 habitantes ou menos dispararam para 100.000 ou mais. Onde até então a mata virgem cobria o solo e nenhum ser humano havia ainda fincado o seu pé, de repente surgem novos municípios. Nem de longe, o número de Padres e Religiosos(as) corresponde à necessidade das novas frentes pastorais. As vocações missionárias na Europa e na América do Norte escassearam e, entre nós, as seitas proliferam a olhos vistos. O número e a percentagem de católicos na Amazônia decresceu, nos últimos anos, de modo assustador. Nesta imensa região em que, durante séculos, mesmo com a falta de um atendimento pastoral e sacramental regular, o povo se destacou por seu meigo amor à Virgem de Nazaré e aos Santos, venerados nas novenas e nos festejos tradicionais, este mesmo povo é hoje presa fácil de agressivos pregadores fundamentalistas. Homens e mulheres que abandonaram seus familiares e parentes na sua terra natal, sentem-se de repente desarraigados e, em terra estranha, abandonam a fé de seus antepassados.

Dom Antônio Possamai, Bispo de Ji-Paraná, RD, deplora que milhares de famílias foram para a Amazônia nas décadas de 70 e 80 sem terem sido acompanhadas por Padres ou Religiosos(as) de suas dioceses de origem. As seitas, porém, enviaram cen-

tenas de pastores. O bispo denuncia: "Para Rondônia tiveram e continuam tendo uma projeto bem definido: a criação de um Estado Evangélico" e afirma que hoje os evangélicos "dominam a educação, os meios de comunicação e a política. A Igreja católica não foi capaz de cobrir estes espaços"¹⁵.

Na Reunião Privativa da 36ª Assembléia Geral da CNBB, na tarde do dia 23 de abril de 1998, calou fundo nos bispos presentes a intervenção de Dom José Vieira Lima, Bispo de Marabá, PA. Ele demonstrou através de números incontestáveis a realidade da Amazônia de hoje. Se bem que as cifras se referem apenas à população que habita a região sobre a qual se projeta um futuro "Estado de Carajás" (Diocese de Marabá, SS. Conceição do Araguaia, parte da Diocese de Bragança do Pará, e parte das Prelazia de Cametá e Xingu), são uma amostra da realidade da Amazônia e aplicáveis "mutatis mutandis" a todas as Dioceses e Prelazias do Norte. Salta à vista que de 1.597.021 habitantes da referida região, apenas 100.298 são nativos, paraenses legítimos¹⁶. Uma onda migratória, antes nunca vista no País, levou famílias de todos os rincões do Brasil àquelas plagas. Estes números talvez possam convencer-nos definitivamente da comum responsabilidade da Igreja no Brasil pela Igrejas Particulares na Amazônia e levar-nos a concretizar o lema de Daniel Comboni "Salvar a África com a África" em nosso País: "Salvar o Brasil com o Brasil".

A consequência lógica desses dados é que na Amazônia há regiões em que o povo tem apenas uma ou duas vezes por ano a graça de participar da Eucaristia. O mandato do Senhor: "Fazei isto em memória

15 Depoimento de Dom Antônio Possamai na 36ª Assembléia Geral da CNBB, dia 30 de abril de 1998.

16 O projetado "Estado de Carajás" abriga em seu solo, entre outros, os seguintes migrados:

Baianos	78.290	Maranhenses	358.134
Capixabas	84.632	Mineiros	186.298
Catarinenses	74.447	Paulistas	100.816
Cearenses	56.974	Tocantinenses	105.567
Gaúchos	129.606	Descendentes de migrados	101.106

de mim!” (Lc 22,19, 1Cor 11,24-25), não pode ser cumprido nas comunidades porque não há quem presida à Santa Missa. Católicos que em sua terra natal iam à Igreja todos os domingos, de repente não têm mais acesso à Mesa da Comunhão.

O Decreto “Presbyterorum Ordinis” fala da Eucaristia como: “fonte e ápice de toda evangelização” (PO 5) e diz mais: “Não se edifica... nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia” (PO 6). Em outras palavras, uma comunidade em que não se celebra a Eucaristia, por mais que ela se reúna e se esforce, por mais que reze, por mais que leia e medite a Palavra de Deus, não é uma comunidade plenamente cristã. Falta a fonte, o ápice, a medula, o essencial! Quanto nos aperta o coração, termos que ver nosso Povo de Deus sem o Memorial da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor! Em sua recente Carta Apostólica “Dies Domini” o Papa João Paulo II faz veemente apelo: “Hão de tomar-se todas as medidas necessárias em nível pastoral, para que os fiéis, habitualmente privados da celebração eucarística, possam beneficiar-se dela o maior número de vezes possível”.¹⁷

Diante do exposto, só repetir, em tom de súplica: “Daí-nos de vossa pobreza!” “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”, hoje! (cf. Ap 2,7.11.17.29; 3,6.13.22).

Em busca de soluções

Quando Dom Antônio Possamai, durante a reunião do Conselho Permanente da CNBB em agosto de 1997, fez a proposta de incluir na pauta da 36ª Assembléia Geral o tema “Missionariedade e Solidariedade entre as Igrejas no Brasil”, a razão principal da diligência do Presidente do Regional Norte I foram as angústias e anseios dos Pastores da Amazônia.

A Amazônia representa no Brasil de nossos dias a realidade mais gritante quando tratamos de áreas e situações missionárias. A Amazônia exige respostas urgentes, proféticas, corajosas. É proposta da Presidência da CNBB e da CEP que a ação evangelizadora na Amazônia seja discutida em nível regional, em vista de soluções concretas, a curto e médio prazo, para a problemática que aflige, até a medula, as Igrejas Particulares que estão no Norte do País. E os bispos, reunidos na 36ª Assembléia Geral da CNBB, pediram com insistência que eu fizesse uma exposição semelhante àquela que fiz em Itaici, para a Assembléia Geral da CRB. Estou cumprindo o que me foi solicitado.

Aos Regionais da CNBB e às Dioceses foi feita a seguinte pergunta:

“Que passos concretos podemos dar em nível regional e/ou diocesano, a curto e médio prazo, para socorrer às Igrejas que estão na Amazônia?”

A mesma pergunta faço hoje a esta augusta Assembléia que reúne as e os provinciais de todas as ordens e congregações religiosas e dos institutos seculares do Brasil:

“Que passos concretos podemos dar em nível de nossa ordem, congregação ou nosso instituto secular, a curto e médio prazo, para socorrer às Igrejas que estão na Amazônia?”

Quem sabe, as decisões tomadas abrirão o caminho para assumirmos todos juntos esta causa e enfrentarmos os enormes desafios.

Dom Paulo Moretto, Bispo de Caxias do Sul, nos advertiu, dizendo: “Quando a ajuda missionária não é cultivada por um relacionamento fraterno, mútuo e gratuito, o esquecimento e a fadiga vão tomando o lugar da solidariedade. Sobra um fio de vida, mas já não há vitalidade. Se a ajuda missionária for adiada até o dia em que todas as comunidades locais são atendidas como merecem, então

17 Carta Apostólica “Dies Domini” do Papa João Paulo II ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis da Igreja Católica sobre a Santificação do Domingo, de 31 de maio de 1998, n. 53.

seguramente não chegará nunca o momento de uma real e generosa colaboração”¹⁸.

“Dai-nos de vossa pobreza!”

Repito, em nome dos bispos dos Regionais Norte I e Norte II, o pedido: “Dai-nos de vossa pobreza!”

O que nos anima é a “esperança” que São Paulo descreve em Rm 8,24-25, como a atitude de aguardar, com confiança e paciência, o que não se vê: “*elpis*”, a esperança é ao mesmo tempo expectativa. Não é uma postura de passividade. A esperança no Senhor é antes a base da “*parrhesia*” (At 28,31; cf. At 19,8; Ef 6,19; Fl 1,20) que significa a

“coragem”, “firmeza”, “confiança”, “transparência”, “ousadia”, o “destemor”, a “audácia”, com que devemos anunciar o Reino de Deus, a “Vida em plenitude” (Jo 10,10), também além das nossas fronteiras, enfrentando os desafios da realidade, marcada por tantos sinais de morte.

Em meio a vicissitudes e anseios, angústias e esperanças, anunciamos a paixão, morte e ressurreição do Senhor, até que Ele venha. Peregrinos neste mundo, estamos “a caminho” da Páscoa.

“Marána thá” (1Cor 16,22). “Sim, venho muito em breve! Vem, Senhor Jesus” (Ap 22,30) à Amazônia!

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O texto apresenta uma breve síntese da história da Igreja no Brasil, vista como história de sua missionariedade. Procure aprofundar na reflexão e compartilhar na Comunidade as idéias desta parte do artigo.
2. Estude com a Comunidade os desafios específicos para a evangelização, às vésperas do novo milênio, apresentados pelo texto. Quais desses desafios lhe parece mais urgentes na sua realidade?
3. Você conhece o projeto “Igrejas Irmãs”? Procure refletir sobre esse projeto a partir da leitura do texto.
4. O artigo descreve vividamente a situação da Igreja na Amazônia. Essa descrição coloca muitas interpelações para a Vida Religiosa. Como você e sua Comunidade se sentem diante dessa realidade? Podem fazer algo concreto para ajudar?

DE MEDELLIN AO ANO 2.000 ITINERÁRIO DA VIDA RELIGIOSA NA AMÉRICA LATINA

Pe. Carlos Palmés, S.J.

A crise atual da Vida Religiosa não se deve tanto à falta de compromisso apostólico quanto à falta de profundidade e integração dos seus valores essenciais.

I. MEDELLIN, O NOVO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

Neste ano, celebramos o trigésimo aniversário do maior acontecimento eclesial da América Latina depois do Concílio: MEDELLIN (1968).

Durante muito tempo, a Igreja latino-americana havia vivido sem perceber que estava em cima de um vulcão prestes a explodir a qualquer momento. Medellín foi um novo descobrimento da América: a América deprimida, explorada... injustamente pobre.

Obviamente, em todos os lugares, podia-se perceber os sinais da pobreza e da marginalização e já existiam muitos estudos sobre o tema (1, I, 1); mas a Igreja ainda não havia tomado consciência do fenômeno social e estrutural de proporções continentais, de um modo global.

Em Medellín, descobriu-o como um pecado social, de injustiça institucionalizada, que mantinha as grandes maiorias num "trágico subdesenvolvimento", com desigualdades sociais dramáticas e nações inteiras em dependências escravizantes. Medellín foi a tomada de consciência coletiva do Episcopado e de toda a Igreja latino-americana frente à realidade, lançando um grito profético que convidou a comprometer-se com o homem. Medellín foi o ponto de partida de uma nova época eclesial, de muito maior transcendência que Puebla e Santo Domingo. Estas duas últimas não foram mais do que a aplicação de Medellín às novas circunstâncias.

Medellin anunciou a superação de tantas dicotomias nas quais vivíamos, para chegar à síntese entre fé e vida (Mensagem, p. 35), entre palavra e ação (Intr. 3), entre alma e corpo (Intr. 5), entre progresso humano e cristão (n. 6), entre o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal (n. 7), entre a caridade com Deus e com o próximo (Paulo VI, II). Propôs-se buscar a salvação integral de todo o homem e de todos os homens.

Essa tomada de consciência coletiva expressa-se em frases pungentes semeadas em todo o Documento, mas especialmente nos capítulos que se referem à justiça, à paz e à pobreza. Na realidade são um só tema: a pobreza injusta que atenta contra a paz:

"A miséria que marginaliza grandes grupos humanos. Essa miséria, como fato co-

letivo, é uma injustiça que clama ao céu”, “cria um clima de angústia coletiva” (1, I, 1). O subdesenvolvimento latino-americano é uma injusta situação promotora de tensões que conspiram contra a paz” (2, I, 1). “Poucos têm muito (cultura, riqueza, poder, prestígio), enquanto muitos têm pouco” (2, I, 3). “As desigualdades coletivas impedem sistematicamente a satisfação das legítimas aspirações dos setores postergados” (2, I, 4). “A pobreza como carência dos bens deste mundo... é o fruto da injustiça e do pecado dos homens” (14, II, 4).

Resposta Pastoral

Frente a essa situação, a Conferência Episcopal toma uma posição valente e decidida, inspirada exclusivamente nos princípios evangélicos. Não se limita à atitude de sociólogos ou de antropólogos, mas olham-na como Pastores da Igreja que buscam a salvação integral do homem:

“A Igreja... em vez de adormecer, deve despertar a preocupação de aperfeiçoar esta terra”. “Não confundimos progresso temporal e Reino de Cristo; no entanto, o primeiro... interessa, em grande parte, ao Reino de Deus” (1, II, 5). “A Igreja deverá despertar a consciência social, o diálogo e a convivência comunitária, integrando-o em seus planos de Pastoral de conjunto” (1, II, 17). “Que os desvalidos conheçam seus próprios direitos e saibam usá-los. Para o que usará sua força moral e buscará colaboração...” (1, III, 20). “A paz é fruto da justiça. Onde existem injustas desigualdades... atenta-se contra a paz” (2, II, 14). “Frente à injustiça da violência institucionalizada, exigem-se transformações globais, audazes, urgentes e profundamente renovadoras”. “Não se deve abusar da paciência de um povo que, durante anos, suporta uma condição que dificilmente aceitariam aqueles que têm uma maior consciência dos direitos humanos” (2, II, 16). Mas não se pode combater uma violência com outra violência, “não se pode combater um mal com outro mal maior” (2, II, 19).

Por isso, a opção pastoral é educar as consciências, inspirar e ajudar a orientar todas as iniciativas, defender os direitos dos pobres e oprimidos, denunciar energicamente os abusos e as injustas consequências das desigualdades excessivas entre ricos e pobres” (2, III, 20-23). “Queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora dos pobres, solidária com eles” (14, III, 8). “Essa solidariedade significa fazer nossos os seus problemas e as suas lutas, saber falar por eles” (14, III, 10), denunciar a injustiça e a opressão, dar alento aos que trabalham com os pobres, fomentar a promoção humana, respeitando a dignidade pessoal do pobre, ajudando-o a ajudar-se a si mesmo” (14, III, 11).

II. MEDELLIN E OS RELIGIOSOS

Medellin foi um momento primaveril, um ponto de partida para toda a Igreja; mas, de modo especial, para a Vida Religiosa.

Em Medellin, os Religiosos/as da CLAR fomos recebidos pelo CELAM e por todos os Bispos com arcos triunfais. Não apenas tivemos plena liberdade para redigir o capítulo referente aos Religiosos, mas a 13 membros da CLAR foi-nos concedido participar “pleno iure”, com voz e voto como os Bispos. Dos 130 membros de direito da Assembleia, 10% éramos Religiosos. Além disso, outros oito, Religiosas e Irmãos, da diretiva da CLAR, foram convidados. Outros estavam como assessores de alguns Bispos, sem contar um bom número de Bispos que pertenciam a Institutos religiosos.

O mais impressionante, porém, foi a cordialidade e simpatia com que fomos acolhidos por aqueles que, então, estavam à frente do CELAM. Evidentemente, a CLAR havia sido criada, em 1959, a pedido do CELAM. Experimentamos a intensa felicidade da comunhão eclesial, própria dos momentos em que o Espírito faz sentir sua presença consoladora e transformadora. (Mais tarde, em

Puebla e em Santo Domingo, já os ventos haviam mudado).

Apesar da dor de constatar a realidade da América sofredora, havia uma euforia coletiva e experimentava-se o brotar de uma nova Esperança. Lamentavelmente, a CLAR, em Medellín, ainda não tinha a organização e a competência que teve posteriormente, e a redação do capítulo 12, inteiramente confiada a nós, não tem a objetividade provocadora de outros capítulos. Expressa, sim, a consciência de que virá e já se inicia uma mudança de estilo e estruturas da Vida Religiosa, para que responda às necessidades do mundo atual, mas nota-se a falta de uma reflexão teológica que sinalize claramente, com intuição e garra profética, os novos caminhos a seguir.

Mas pode-se afirmar que o conjunto do Documento de Medellín, e especialmente alguns temas mais significativos, tiveram uma influência decisiva na renovação da Vida Religiosa, na América Latina. O Vaticano II foi uma verdadeira “revolução” (ainda não foram tiradas todas as consequências). Medellín quis aplicar esses princípios à situação da América Latina.

Medellin (1968) realizou-se no momento mais crucial da crise da Vida Religiosa no mundo inteiro, ao comprovar-se que a orientação e as estruturas vigentes estavam defasadas de uma sociedade em mudanças surpreendentes e radicais, e diante de uma Igreja perplexa. Foi, fundamentalmente, uma crise de identidade. Os Institutos masculinos, em 10 anos (de 66 a 75), perderam 17% de seus membros. E algo semelhante aconteceu com os femininos. Era necessário adotar soluções radicais para que a Vida Religiosa, na América Latina, recuperasse sua vitalidade e tivesse uma palavra original a dizer frente à dramática situação social do Continente.

Nos primeiros anos do pós-Concílio, a CLAR teve como principal preocupação o reencontro da identidade da Vida Religiosa. Sua atenção centralizou-se nos temas “ad

intra”: vida comunitária, pobreza, formação... Mas num segundo momento — sacudida e motivada por Medellín —, teve que focalizar sua atenção no mundo de fora, na dramática realidade de pobreza e injustiça institucionalizada, e a missão evangelizadora passou a ocupar o centro. Era a hora de enfrentar essas interpelações e dar respostas novas e audazes. A sensibilidade de muitos Religiosos/as foi-se aprofundando diante dos problemas sociais e muitos sentiram-se chamados a um maior compromisso entre os marginalizados.

SURGE UMA NOVA VIDA RELIGIOSA

Se foi importante a Conferência de Medellín, no meu parecer, o pós-Medellin foi o momento mais rico da Vida Religiosa e da Igreja na América Latina. Sentia-se como que a libertação de ataduras ancestrais para lançar-se a um novo modo de viver a consagração. Iniciou-se, com entusiasmo, a peregrinação à terra prometida: uma oração mais encarnada, uma vida comunitária mais fraterna e, sobretudo, uma vida entregue ao serviço dos irmãos pobres e marginalizados de tudo. Era preciso lutar por uma mudança de estruturas. Isto dava, realmente, um novo sentido à vida consagrada. A CLAR empreendeu uma rede de atividades em todos os campos: propiciaram-se encontros de Religiosos/as de âmbito nacional e internacional, foram surgindo as Conferências nacionais de Religiosos/as, organizaram-se cursos e seminários para superiores e formadores, criaram-se equipes de teólogos para acompanhar a marcha da Vida Religiosa que ia surgindo. Estava brotando uma vida nova.

Os traços da nova criatura

Iniciou-se um processo de profunda transformação da Vida Religiosa na América Latina. Fizeram-se muitas experiências que rompiam os odres velhos e que assustavam pessoas habituadas a formas “seguras”, ou que estavam pouco preparadas para a mu-

dança. É verdade que se cometeram extremos e que houve muitas perdas e que, talvez, por enfatizar o compromisso, se descuidaram aspectos importantes do seguimento de Cristo. Mas sem essas experiências, não teria sido possível encontrar os odres novos. Durante sete ou oito anos do pós-Medellin, percebia-se como que uma "crepitante fermentação", que ia transformando toda a massa, derrubando resistências, abrindo rotas inusitadas, aproximando-se da realidade e do homem de hoje, dando realismo e encarnação ao próprio Carisma.

Todos os elementos essenciais da Vida Religiosa não só permaneceram, mas foram adquirindo maior riqueza e profundidade, desde que se focalizaram numa perspectiva nova: não já a "observância regular" — que havia estado em vigor durante quatorze séculos —, mas a missão e os pobres. Com isso, mudava notavelmente a fisionomia da Vida Religiosa. O processo ainda não terminou; todavia há incoerências e medos, mas são muito visíveis as mudanças operadas e essa é a linha que a Vida Religiosa segue hoje e deve seguir ao entrar no terceiro milênio. Vejamos os traços mais característicos:

1. A experiência de Deus

Continua sendo o coração da vida consagrada. Mas a partir do enfoque da missão, o encontro com Deus já não podia dar-se exclusivamente no deserto ou na capela, nem podia reduzir-se a uma hora por dia; era necessário encontrar-se com Ele na vida, nas pessoas e acontecimentos, no bulício das ruas e especialmente na ação apostólica. E isto nas 24 horas do dia. Este tipo de oração é muito mais exigente e monopolizador e supõe uma conversão interior e uma grande retidão.

2. Compromisso com os pobres

A partir de Medellin, essa foi a tendência mais chamativa da Vida Religiosa, na América Latina. Não que todos os Religiosos/as

tenham de ir por esse caminho, mas que, em todos os lugares, haja seus grupos significativos que buscam solidarizar-se com os pobres, compartilhar com eles e, em alguns casos, conviver com eles, inserindo-se nos bairros populares. É uma vez que, na América Latina, os pobres são os "empobrecidos", isto é, feitos pobres e injustamente mantidos na pobreza, a opção pelo pobre tornou-se também opção pela justiça e pela libertação.

Depois de Medellin, começou o "êxodo" de Religiosos e, sobretudo, de Religiosas para o campo e subúrbios. Foi uma redescoberta entusiasta da vida consagrada: valia a pena entregar a vida a serviço dos irmãos mais necessitados e esquecidos, assumir sua causa, lutar a seu lado para fazer um mundo mais justo e mais fraterno. Fora dos inseridos, muitos Religiosos/as mentalizaram-se e sinceramente fizeram sua "opção pelos pobres".

Esse movimento afetou um amplo setor da vida consagrada e, em algumas regiões, mudou a imagem do Religioso/a com uma vida mais simples e mais perto do povo. Outro setor, que herdou pesadas obras tradicionais, tentou dar-lhes outra orientação e abrir também suas portas aos pobres. Outro setor preferiu aferrar-se ao passado, talvez pintando as fachadas, aderindo, assim, ao movimento atual de involução de amplos setores da Igreja. Não é isso um voltar o olhar atrás?

O compromisso com os pobres deu lugar, em 1980, à criação do CRIMPO (Comunidades religiosas inseridas em meios populares), que potencializou as formas de radicalidade evangélica e foi um apoio para todos aqueles que trabalham nesses meios.

3. Vida comunitária

É o aspecto que sofreu as mais visíveis mudanças. O estilo de vida comunitária de antes do Concílio, centralizado na observância regular, já não satisfazia as aspirações de muitos Religiosos, especialmente

os jovens, nem respondia a uma vocação apostólica. Era uma comunidade aglutinada ao redor de atos comuns, institucionalmente estabelecidos. Havia uma estrutura rígida e minuciosa herdada do estilo monacal.

A partir de Medellín, procurou-se o modo de romper esse cerco e de intensificar as relações pessoais de amizade no Senhor, orientadas para a missão evangelizadora e com uma maior proximidade do povo. Assim, seria vivenciado mais claramente o mandamento do Senhor de amar-nos uns aos outros. Esse novo estilo de vida comunitária foi-se reforçando depois, cada vez mais, até constituir-se no único modelo aceitável para os Religiosos de vida ativa. Mas até hoje, existem incoerências e mesclas que impedem gozar plenamente da convivência fraterna.

4. Missão evangelizadora

A evolução do pós-Medellin, no tocante à missão, mostrou-se sobretudo em que o apostolado foi adquirindo cada vez maior importância até chegar a ocupar o lugar central da vida consagrada e constituir-se no ponto de enfoque de todos os outros aspectos. Consagração-missão formaram uma só palavra. E mostrou-se também nos novos horizontes que se abriram, dadas as novas opções pastorais assumidas em resposta à nova realidade. O trabalho pela promoção humana, a justiça, a libertação, foram integrando-se nas tarefas tradicionais. Os Religiosos saíram do recolhimento das próprias obras para preocupar-se mais com as necessidades do povo, da diocese, da Igreja local. Abriram-se também a outras Congregações e criaram-se os centros intercongregacionais para as etapas iniciais de formação. Formaram-se comissões mistas de bispos e religiosos, em diversas nações e em âmbito internacional.

ATÉ O MOMENTO PRESENTE: A NOVA EVANGELIZAÇÃO

Essas quatro tendências foram ratificando-se e intensificando-se em Puebla e Santo Domingo. O Documento de **Puebla** assu-

miu-as totalmente (P. 721-741), tal como uma confirmação por parte do Episcopado de que o caminho empreendido pela Vida Religiosa, na América Latina, era o querido por Deus. E, em **Santo Domingo**, os temas que os Religiosos haviam proposto são, de fato, os mesmos que todo o Episcopado propôs para toda a Igreja: os da Nova Evangelização.

Medellin foi, sem dúvida, o momento mais significativo no rumo da Igreja e da Vida Religiosa, na América Latina. Aí foram traçadas as linhas mestras a seguir. Puebla e Santo Domingo foram a continuação e ratificação de Medellín, embora de modo menos incisivo e criativo. Puebla ficou marcada pela opção preferencial pelos pobres e Santo Domingo pela inculturação do Evangelho.

Todo o processo seguido desembocou na **Nova Evangelização**, que coloca seu acento no anúncio de Cristo como Salvador — núcleo central — e na opção pelos empobrecidos e pela inculturação. Isto não é simplesmente algo importante para o apostolado, mas é a **nova perspectiva**, a partir da qual a Vida Religiosa e a Pastoral da Igreja devem ser enfocadas. É a Nova Espiritualidade que acentua os aspectos mais significativos do seguimento de Cristo, na atual situação da América Latina. E isso afeta todos os Institutos religiosos. Sem reduzir as características próprias de cada um, enriquece-as e dá-lhes vitalidade, ao ter cada um que responder a partir de seu Carisma às novas interpelações da Realidade. Assim, foram sendo conduzidos pelo Espírito todos os Institutos e foram aproximando-se e confluindo num mesmo ideal apostólico até formar uma Espiritualidade de encarnação e compromisso com o pobre, que une todos eles. É a **Nova Espiritualidade da Nova Evangelização**.

III. A CAMINHO DO ANO 2.000

O enfoque e o impulso recebidos de Medellín foram, depois, concretizando-se no

campo apostólico, à medida que surgiam novas inquietações: o papel da mulher na sociedade e na Igreja, o protagonismo dos leigos, a educação libertadora, a ordem internacional, etc., e sobretudo a inculturação do Evangelho e da Vida Religiosa, e, na base de todos eles, o constante pesadelo da pobreza institucionalizada, e a inserção. Ultimamente, acrescentaram-se a todas essas inquietações, a irrupção da pós-modernidade, os desastrosos efeitos do neoliberalismo, o vazio pastoral frente à urbanização...

Na realidade, todos os temas em que se coloca a atenção pertencem ao capítulo da missão evangelizadora. E quando nos esforçamos para atender um deles, em seguida surge outro problema mais grave, diante do qual nos sentimos impotentes. O empenho em responder às novas necessidades é o que deu vitalidade e dinamismo à Vida Religiosa, e muitos Religiosos/as estão dando mostras de grande generosidade e até de heroísmo para servir os irmãos mais esquecidos e excluídos. Os mártires testemunham-no.

Agora, ao chegar perto do ano 2.000, tenho a sensação de ter chegado ao cume, depois de uma longa peregrinação. E dessas alturas, divisa-se todo o caminho percorrido. Há como que uma ânsia de simplificação, de ir ao essencial. Agora, já não têm importância os detalhes, os compromissos passados, as crises sofridas, as experiências feitas. Não será que para atender a tantas necessidades apostólicas urgentes, temos descuidado o essencial, os fundamentos?

Parece-me que a crise atual da Vida Religiosa não se deve tanto à falta de compromisso apostólico — embora haja certos setores que padecem essa enfermidade —, quanto à falta de **profundidade e de integração** dos valores essenciais. Talvez, por enfatizar um aspecto essencial, tenhamos esquecido de outros aspectos não menos essenciais.

Considero que são três os elementos constitutivos do fundamento do seguimento peculiar de Cristo na Vida Religiosa: a

experiência de Deus, a vida comunitária e a missão. Mas não basta viver esses elementos de qualquer maneira, mas como **essenciais e integrados entre si**:

Conheço por dentro muitos Religiosos/as de diversos países e não estou pessimista a respeito do futuro da Vida Religiosa, apesar dos profetas apocalípticos, que sempre surgem ao redor dos anos com números redondos. Há muitos, muitas Religiosos/as com muita sede de Deus, com grandes ânsias de entrega radical ao Senhor e de dar a vida por seus irmãos, que procuram viver sua vocação com toda coerência e generosidade. Embora haja também muita mediocridade. Não se vêem Religiosos/as que parecem contentar-se em ser “profissionais honrados”? E comunidades inteiras que se parecem muito mais com um “sindicato de empresários apostólicos”? Ou alguns instalados numa vida fácil? Vivem, realmente, uma profunda experiência de Deus? Levam uma vida de comunidade que faça aqueles que os vêem exclamar “olhem como se amam”? Há aqueles que falam, hoje, da necessidade de uma verdadeira “refundação”. Abordar este tema vai ajudar-nos a dar, depois, as linhas da Vida Religiosa que desejamos.

REFUNDAÇÃO OU REFUNDAÇÃO?

Esta palavra “refundação”, usada pela USG em sua colaboração ao Sínodo de Vida Consagrada, é uma palavra de grosso calibre, original, que nem sequer está no dicionário e que suscitou grande efervescência. Talvez, não seja tão fácil entender seu sentido. Trata-se de mudar os fundamentos que havia para colocar outros em seu lugar? Ou bem mais de reafirmar os fundamentos que são o princípio e a origem da Vida Religiosa?

Em qualquer caso, o que sem dúvida se quer dizer é que a Vida Religiosa atual necessita de mudanças radicais, necessita recuperar a vitalidade e o fervor que teve em seus inícios.

Alguns falam da necessidade de “entrar num sério processo de mudança estrutural, sem renunciar a suas raízes”, de “refundar um Carisma” (Ga. Paredes), “abrir-se à criatividade a partir de seus ideais inspiradores” (Maccise). Creio que “refundar” poderia ser entendido num duplo sentido:

1. Mudar os fundamentos

Este é o sentido que se lhe poderia dar, conforme soa a palavra: deixar os fundamentos que tinha até aqui para colocar outros. De modo semelhante a quando falamos de “reformatar”, que significa “formar de novo, refazer”, “modificar com a finalidade de melhorar”, isto é, mudar a forma que tinha para colocar-lhe outra melhor. Neste sentido, fala-se de reformatar uma Ordem religiosa; restituí-la à sua primitiva vitalidade, deixando a forma atual. Ou também é semelhante a “renovar” = “substituir uma coisa velha ou que já tenha servido, por outra nova do mesmo tipo”. Também se parece a “reformular” = deixar a fórmula não satisfatória para usar outra fórmula nova.

Em todos esses casos, fala-se de substituir uma coisa que já não serve por outra melhor. Se aplicamos esse conceito à palavra “refundar”, significaria substituir os fundamentos que tinha a Vida Religiosa para colocar outros em seu lugar. Como que dizendo: não basta reformatar ou reformular, não basta renovar; é preciso chegar a refundar.

Evidentemente, não é este o sentido, pois “não se pode colocar outro fundamento diverso do que já está posto: Cristo Jesus” (1Cor 3, 11). O fundamento da Vida Religiosa é o seguimento peculiar de Cristo ou Carisma fundante, que se expressa em cada Instituto e em cada pessoa, especialmente na experiência de Deus (ser-todo-para-Deus), na vida comunitária e na missão evangelizadora (ser-todo-para-os-demais).

2. Reafirmar o fundamento

Na renovação pós-conciliar, certos aspectos foram muito enfatizados, em rea-

ção à pouca importância que se lhes dava antes. Foram suprimidas algumas coisas e outras foram introduzidas... E como acontece na construção de um edifício que substitui outro, no meio da confusão, talvez aspectos fundamentais como a vida de oração e a vida comunitária ficaram como uma das tantas coisas que havia que fazer. Agora, damo-nos conta de que é necessário **reafirmá-las**, não simplesmente como coisas importantes, mas como **fundamentais**, sem as quais não é possível edificar a Vida Religiosa. Mas temos de reafirmá-las, agora, profundamente mudadas, com um **novo enfoque**, a partir da missão, de um modo mais exigente e comprometedor, com mais profundidade e coerência.

Parece ser este o sentido de “refundar”. O fundamento da Vida Religiosa é o Carisma do seguimento peculiar de Cristo, o próprio da Vida Religiosa em geral e o das diversas famílias religiosas em particular.

O Carisma da Vida Religiosa não se restringe somente a um determinado “serviço em favor da comunidade”. Entre os muitos sentidos que se dá à palavra “carisma”, o da Vida Religiosa é um **Carisma fundante**, semelhante ao do batismo, que afeta a pessoa em sua totalidade e exige uma entrega de todas as capacidades e energias, e sem limite de tempo. É um estado de vida, é a existência liberada e totalmente disponível para o Reino de Deus, movido pelo amor.

Nesse sentido, “refundar” seria “experimentar a Deus como o único Absoluto e relativizar tudo o demais” (Maccise), “distinguir a vocação à Vida Religiosa do estilo de vida em que se expressa”. E, então, “reler o carisma inicial é o único modo de conservá-lo” (id.).

À PROCURA DA VERDADEIRA REFUNDAÇÃO

O Carisma de fundação de uma família religiosa é como que o coração de sua

identidade, o núcleo imutável que atravessa os tempos e lugares e vai se aplicando a cada nova realidade. É a intuição primeira, a graça inicial recebida pelo Fundador/a, que inspira e anima toda a vida do Instituto. É um modo peculiar do seguimento de Cristo que acentua um ou vários aspectos do mistério inesgotável da Pessoa e da Missão de Cristo.

O Carisma fundacional, apesar de imutável, é algo vivo e, portanto, flexível e adaptável, como o temperamento de uma pessoa. Para manter sua vitalidade é necessário "traduzi-lo" às diversas circunstâncias. Vai avançando ao longo da história e vai estendendo-se a diversos lugares e culturas. À medida em que avança, vai recebendo as **interpelações** da realidade, de tempos e culturas e deve **responder**, encarnando-se nas novas circunstâncias. E isso é o que constitui a Espiritualidade de um Instituto: o Carisma fundacional, mais as interpelações provenientes da realidade dos tempos e culturas, mais as novas respostas provenientes do Carisma, sob a ação do Espírito. O Carisma é a fonte e a Espiritualidade, o rio (Cf. C. Palmés. Nova Espiritualidade da Vida Religiosa na América Latina. CLAR n. 63, 2a. ed.).

Em conclusão, o fundamento da vida consagrada ou de uma família religiosa é o Carisma inicial, um **modo peculiar** de seguimento de Cristo e isto não muda. O que pode e deve mudar são as **diversas expressões** do Carisma, segundo as circunstâncias em que deve encarnar-se. Isto é o que parecem dizer os Superiores Gerais em sua contribuição ao Sínodo: "As experiências e situações históricas novas, impulsos do Espírito, podem conduzir a **novas e inéditas expressões** do Carisma, até poder falar, em alguns casos, de uma forma de **"refundação"** (USG, II, 3c).

Então, a refundação consistiria não em fazer o que fez o Fundador/a, não em repetir literalmente suas obras; mas em fazer o

que o Fundador/a faria hoje, a partir do Carisma recebido, nessas novas circunstâncias. Como fundaria hoje nosso Instituto.

O TRÍPLICE FUNDAMENTO DA REFUNDAÇÃO

Em continuidade com o processo iniciado em Medellín e seguido até hoje, creio que devemos indicar os três aspectos fundamentais que é preciso ratificar.

1. A experiência de Deus

Tomo-a no sentido amplo da relação com Deus, na qual entram também os votos e toda a vida espiritual, mas colocando a principal atenção na vida de oração.

O que é necessário ressaltar é a **qualidade da oração**, o estilo próprio da pessoa de vida ativa, que leva uma vida apostólica comprometida. É a oração "de coração", que se realiza numa determinada hora do dia e que se estende depois a toda a vida. Não é qualquer tipo de oração, com a qual se enche certo tempo do dia, como seriam apenas as rezas ou atos piedosos, orações vocais... Trata-se de uma oração capaz de captar a afetividade profunda e de transformar a vida. É uma oração, sobretudo de tipo contemplativo, que, através do conhecimento sapiencial de Cristo e do mistério de Deus, faz crescer na fé e no amor até chegar à entrega da vida. Mais que "saber", procura-se "saborear". É chegar a sentir a fascinação da Pessoa e da missão de Cristo, e a necessidade de identificar-se com Ele e de viver Nele e para Ele. E o amor leva à unificação interior da vida e à confrontação com o Evangelho. E, assim, vai se realizando a "conversão afetiva" que leva a viver não já para si mesmo, mas para o Reino de Deus.

Este tipo de oração supõe tempo prolongado, sossego, silêncio interior... Há muitos Religiosos/as para os quais esta oração é, verdadeiramente, fonte de tudo. Mas tenho a impressão de que alguns outros, talvez

Congregações inteiras, ainda não encontraram o estilo de oração próprio da vida ativa. Praticamente, todas têm a reza de algumas horas canônicas, mas nem todas dedicam o devido tempo à oração pessoal. As horas canônicas são uma linda tradição da Igreja, introduzidas pelos primeiros monges e especialmente fomentada pelos beneditinos. No entanto, esta oração, se não vai acompanhada da "lectio divina" ou de uma correspondente oração contemplativa, pode ser muito pobre e converter-se num corpo sem alma, num esqueleto sem carne. Os antigos monges e monjas... e muitos dos atuais davam à lectio divina três horas diárias. Assim, os salmos saíam do coração, porque nele haviam entrado antes pela contemplação.

Custa-me muito entender que haja Religiosos/as que digam que não têm tempo para fazer uma hora diária de oração pessoal. Não é questão de tempo, mas de escala de valores. Se ela é considerada como algo essencial, que dá sentido a toda a vida, não apenas se lhe encontrará tempo, mas se lhe dedicará o melhor tempo do dia. Dizer que não há tempo para a oração seria tão absurdo como dizer que não há tempo para um apostolado comprometido.

Além dessa oração na solidão, está a *oração na vida*, o encontro com Deus em todas as coisas e pessoas, é o ser "contemplativo também na ação". É a oração contínua recomendada por São Paulo. É uma continuidade afetiva, própria de quem vive num "estado de amor", semelhante ao da mãe a respeito de seu filhinho. Não está continuamente pensando nele, mas tudo o que se passa com seu filho repercute na mãe, em forma de amor. Assim, na pessoa na qual se deu a "conversão afetiva", todos os acontecimentos se convertem em religiosos, porque ligam-na com Deus.

Chegar a esse estado de amor tem seu preço. Não há táticas ocultas ou práticas mecânicas para consegui-lo. O passo indispensável é ter "limpeza de coração", isto

é, uma só intenção: a de buscar unicamente o Reino de Deus.

2. A vida comunitária

É outro elemento essencial, no qual já se deu, mas se requer ainda maior mudança. Porque do estilo de comunidade uniforme, baseado na "observância regular", passou-se a outro, próprio da vida apostólica de hoje, baseado nas relações pessoais de amizade no Senhor, orientado à missão e próximo do povo. Esse novo estilo tem como ponto-chave a **comunicação** em profundidade e em clima de fé entre seus membros. Assim, alcança-se o *conhecimento mútuo* e dele passa-se à *aceitação e ao amor* de uns a outros.

Quando se alcança viver esse ideal, a comunidade se converte num testemunho vivo do amor fraterno, e não necessita de muitas explicações "venham e vejam". E é uma fonte de satisfação afetiva. Pelo contrário, dá pena ver tantas comunidades, nas quais as relações são superficiais e o amor muito quebradiço: falta o ambiente de confiança e alguns membros se sentem marginalizados e desvalorizados.

Uma causa muito freqüente é o excesso de trabalho de alguns, que "não têm tempo" para estar com seus irmãos/ãs, para reuniões e momentos de expansão com eles. Parece que alguns não modificaram ainda sua escala de valores e, com uma mentalidade efficientista, consideram que não podem estar "ociosos", quando há tanto que fazer lá fora. E também é porque, em muitas comunidades, se arrasta ainda o estilo antigo, no qual o importante era fazer juntos as mesmas coisas, à mesma hora e do mesmo jeito. Podem conviver juntos vários anos, mas não se conhecem... e não se amam. Muitas crises afetivas vêm da solidão que muitos sentem.

Hoje, é preciso **entrar decididamente** no novo estilo de relações pessoais. E a **porta de entrada** é a comunicação pessoal.

Não é apenas contar coisas, mas comunicar as vivências pessoais até chegar ao que constitui a trama mais profunda de nossa vida: a relação com Deus. (Cf. A comunidade fraterna. CIVCSVA 1994, 29-32).

A partir de doze anos atrás, tenho uma experiência muito rica, duas vezes por ano: no Curso de Cochabamba para Formadores da América Latina e no Curso de formação permanente para jesuítas em São Leopoldo. No primeiro, de quatro meses e meio de duração, dedicamos uma tarde por semana à comunicação pessoal, em grupos de oito ou nove pessoas. Formam-se amizades profundas e para muitos é a lembrança mais grata do Curso. E no dos jesuítas, de três meses de duração, dedicamos oito dias para cada um contar sua "vida e milagres". E, a partir desse momento, forma-se um ambiente de confiança e espontaneidade que torna a convivência muito agradável. Além da experiência da própria comunidade com jovens estudantes.

3. A missão evangelizadora

Em continuidade com EN, Medellín, Puebla e Santo Domingo, a ação apostólica dos Religiosos/as, na América Latina, é, sem dúvida, o aspecto que mais ocupou a atenção, as energias e o tempo. Tem sido uma inesgotável fonte apostólica que está fazendo um bem imenso em todo o Continente. Encontram-se Religiosos/as em todos os rincões mais longínquos, com as pessoas mais necessitadas, atendendo com grande abnegação e entrega a seus irmãos, sem buscar retribuições humanas. Vem sendo encontrada a integração da fé e da vida.

Um setor muito grande da Vida Religiosa assumiu a posição iniciada em Medellín e está muito atento à realidade do povo para responder a partir do Evangelho, com criatividade e audácia. Tal fato melhorou muito, diante do mundo, a imagem do Religioso/a e a sua vocação apostólica é um testemunho de fidelidade criativa.

Talvez, o ponto débil, em alguns casos, seja a **falta de integração** do apostolado com a vida de oração e de comunidade. O apostolado não é, primordialmente, fazer cronogramas ou organizar comunidades de base — embora isto faça parte da ação apostólica —, mas **anunciar** o que vimos e ouvimos, o que tocamos com nossas próprias mãos: o Verbo da Vida (1Jo 1,1-3). Ser apóstolo, em continuidade com os primeiros, é **ser testemunhas**, com a vida e com a palavra, de que Cristo vive.

A partir de Medellín, a corrente evangelizadora foi enriquecida, aprofundada e estendida. O conteúdo da Nova Evangelização é constituído, sobretudo, pelo anúncio de que, "em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, se oferece a salvação a todos os homens" (EN 27; 22; P 351; SD 27). Mas em todos os documentos, ressalta-se a inseparabilidade entre Evangelização e Promoção humana, no sentido do desenvolvimento, da justiça, da libertação (EN 31). Diz-se que estão unidos por "laços muito fortes" (EN 31), que a promoção humana é "parte integrante" da evangelização (P 355, 1254), que a preocupação pelo social é "parte essencial" da mensagem cristã (João Paulo II, SD 13).

A consequência é que, na Nova Evangelização proclamada pelo Papa, junto ao anúncio de que em Cristo está a salvação, acentua-se e coloca-se, no núcleo da pregação, a opção pelos empobrecidos e pela inculturação. E, partindo daí, iluminam-se e enfocam-se todos os outros temas.

CONCLUSÃO

Ao chegar ao término deste percurso, podemos afirmar que **Medellin** abriu uma nova época na América Latina, com repercussões em todo o mundo. Abriu-nos os olhos à realidade dramática do Continente. O único Continente cristão, no qual se dá, ao mesmo tempo, uma situação geral de pobre-

za injusta institucionalizada. É uma contradição entre a fé e a vida. Por isso a Igreja, a partir de Medellín, decidiu colocar-se ao lado das vítimas da injustiça para ajudar a realização do plano de Deus que quer sejam vividas a filiação e a fraternidade. E os Religiosos/as, especialmente interpelados por essa realidade, queremos dedicar nossa vida a esse propósito de toda a Igreja, trabalhando segundo nosso Carisma fundacional para construir o Reino de Deus.

A crise que está vivendo um setor da Vida Religiosa talvez seja de mediocridade e de desintegração. Se vivermos, com seriedade e integradas entre si, a experiência de Deus, a vida comunitária e a missão evangelizadora, a Vida Religiosa entrará no ano 2.000 refundada e rejuvenescida.

Tradução: Magda Furtado de Queiroz

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. O artigo apresenta Medellín como um novo descobrimento da América. Você concorda com esta afirmação? Partilhe a sua reflexão com a Comunidade.
2. Para o autor, com Medellín surge uma nova Vida Religiosa no continente. Procure aprofundar em comunidade os traços dessa nova Vida Religiosa, descritos no texto.
3. De acordo com o texto, que perspectivas se abrem para a Vida Religiosa no horizonte da refundação hoje? Como você e sua Comunidade percebem os desafios que emergem dessa nova conjuntura de Vida Religiosa?

INCULTURAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA, um Desafio na Missão entre os Indígenas

Pe. Georg Lachnitt, SDB
Campo Grande, MS

É pela Vida Religiosa que a Igreja
descobre caminhos novos,
experimentados e viáveis
de sua inculturação.

Respondendo ao convite da coordenação da CONVERGÊNCIA, proponho esta minha reflexão sobre a inculturação da VR a partir da minha condição do missionário com 40 anos no Brasil, de uma etnia expatriada quando criança, sou sem-terra e sem pátria. Pertencço à província religiosa, por nós chamada de Inspeção de Mato Grosso, que conta com dez nacionalidades entre seus 154 membros. Os brasileiros conseguiram alcançar a maioria com seu jovem contingente, ficando os italianos com 47 membros, os alemães com 13 e os restantes dividem sua pertença entre outras sete nacionalidades. Nossa Inspeção foi fundada no fim do século passado com a finalidade das Missões entre os Indígenas.

Assim sendo minha experiência, desde a infância até o tempo presente, é uma experiência de confrontos culturais, de procura de caminhos partilhados e de uma experiência missionária entre os indígenas pautada no processo da inculturação do Evangelho. Nisso a experiência intercongregacional é uma constante, tanto no campo de trabalho, quanto nas articulações no CIMI,

como ainda nos estudos missiológicos. Reflito portanto a partir da minha experiência, em vista da inculturação do Evangelho entre os indígenas, com religiosos/as de diversas origens étnicas e congregacionais participando na mesma missão.

Com isso, a reflexão presente sublinha alguns aspectos da inculturação da VR, talvez em prejuízo de outros igualmente relevantes. Enquanto há oposição a algumas afirmações geralmente aceitas, a exposição aqui deveria ser mais vista como um outro modo de encarar o problema, não tanto como concorrente que elimina o opositor, mas que faz soma com ele.

1. O ESPÍRITO SANTO, NA ORIGEM DA IGREJA, DA MISSÃO E DA VR

Antes de mais nada, é preciso reconhecer o ES como fonte da Igreja, da atividade missionária e da própria VR. Na LG 4 encontramos várias explicações para entender o ES em relação com sua Igreja: Ele foi enviado para santificá-la perenemente, Ele é o Espírito da vida, a fonte de água, Ele habita na Igreja, Ele leva a Igreja ao conhecimento da verdade total, Ele a unifica na comunhão e no ministério. Pela força do Evangelho, Ele rejuvenesce a Igreja, renova-a perpetuamente e leva-a à união consumada com seu Esposo. Na LG 5 acrescenta-se que seu mistério na funda-

ção é entendido como o início do advento do Reino. Ela está a serviço do Reino.

Não sendo fim em si mesma, mas reconhecendo-se como anunciadora do Reino, *A Igreja peregrina é por sua natureza missionária* (AG 2). Recordando EN 15, o DSD 12 afirma sem mais que *a evangelização é sua razão de ser; ela existe para evangelizar*. Descrevendo melhor todo esse processo de evangelização na AL, os bispos em SD afirmam que *toda evangelização há de ser, portanto, inculturação do Evangelho* (DSD 13). O Espírito Santo, no entanto, é o protagonista de toda a missão eclesial, é o sujeito protagonista transcendente da realização da obra salvífica (RMi 21).

Mais ainda, o Espírito Santo faz surgir os carismas na Igreja e os confia a ela. Na Exortação Apostólica Pós-sinodal *VITA CONSECRATA* n. 1, João Paulo II especifica melhor dizendo que *a Vida Consagrada, profundamente arraigada nos exemplos e ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja, por meio do Espírito Santo*. Ele inspira a diversidade de dons e carismas para ornar a sua Igreja e manifestar a multiforme sabedoria de Deus (PC 1). A Igreja reconhece esses dons e os assume em sua vida e é ela também que, sob o impulso do Conc. Vat. II, garante sua renovação *para o maior bem* dela mesma (PC 2). Esta ação do Espírito Santo se concretizou nas intenções específicas dos Fundadores, como também nas sãs tradições de cada instituto *para o benefício da Igreja* (PC 2).

Reconhecemos, portanto, o Espírito Santo como fonte e origem da própria Igreja, de sua missão de evangelizar que continua através dos tempos e fonte e inspiração do carisma de toda a forma de VR, dom esse confiado à Igreja para seu crescimento, sua vida, sua vitalidade, sua missão e sua permanente renovação. A VR nasce da ação do Es-

pírito Santo e é dado à Igreja, nasce nas fronteiras da Igreja, lá onde a própria Igreja precisa fazer-se presente com sua ação, onde precisa renovar-se para ser fiel a si mesma, à sua missão de instaurar o Reino. O Espírito Santo, de certa maneira, supre as deficiências da Igreja fazendo surgir a VR para renová-la, torná-la mais atuante, mais missionária, mais completa em sua ação.

A VR, com isso, se liga intimamente à missão da Igreja de anunciar o Evangelho a todos os povos, missão esta que há de ser inculturação do Evangelho, como vimos acima. Esta inculturação pretende ser *o processo de penetração do Evangelho no quotidiano de um povo, de tal modo que ele possa expressar sua experiência de fé em sua própria cultura* (DGAE 83).

2. O PARADIGMA: JESUS CRISTO, SUA ENCARNAÇÃO E SEU EVANGELHO

A VR é a maneira radical de viver o batismo, é a maneira radical de viver o Evangelho anunciado por JC. *Pelo batismo nós fomos sepultados com ele (JC) na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova* (Rm 6,4). Vivemos, trabalhamos, nos dedicamos, fomos e somos enviados pelo Espírito Santo, nEle encontramos nossa fonte de vida. O fundamento de tudo, porém, é a encarnação de JC, Filho de Deus. Esta se está prolongando através dos tempos e é esta que anunciamos. Isso deve ser entendido mais amplamente, no sentido de que Cristo não é apenas a razão da ação do Espírito Santo, mas também no sentido de que todo carisma, como dom do Espírito, leva necessariamente a Cristo¹.

A encarnação de JC é uma encarnação cultural. Ele assumiu a natureza humana,

1. Cf. Mieczyslaw LUBOMIRSKI. *L'azione "transformante" dello Spirito Santo nell' esistenza cristiana*, in: *Vita Consecrata*, Ancora, Mar/Abr 1998. p. 126-127.

tornando-se israelita, judeu com os judeus. Ele se **enculturou** no seu povo e, por conseguinte, expressou o Evangelho a partir das raízes culturais e religiosas de seu povo. O Evangelho nasceu dentro e a partir da cultura hebraica. JC é o homem religioso perfeito, encarnado, enraizado, que harmoniosamente expressa e vive o Evangelho do Pai com o que de melhor sua cultura hebraica lhe oferece.

A inculturação nada mais é do que encarnar JC e seu Evangelho num outro povo, em cada povo, em cada cultura. Há uma apaixonada discussão em torno do paradigma da inculturação. Passaram-se dois mil anos depois da encarnação do Verbo. Há uma história longa na qual podemos ler os esforços, as conquistas e os fracassos da encarnação de JC e de seu Evangelho. Podemos ler nela a parcialidade de toda a inculturação do Evangelho, que postula outras tantas inculturações para uma visão e um conhecimento mais amplo e mais pleno da encarnação do Verbo. Mas esta inculturação ainda é o grande desafio, que tarda a concretizar-se em todas as fronteiras e no interior da mesma Igreja. Muito falta para que possamos expressar e viver a nossa fé a partir e dentro da nossa cultura. Muito falta para que a fé se identifique **em nossa, em cada cultura.**

A história missionária da Igreja mostra em demasia a identificação da fé com a cultura dos missionários, que na AL foi a fé expressa na cultura dos conquistadores. Esse paradigma, hoje, está em questão, quando se fala de inculturação. Ainda se encontra quem julgue que o paradigma para a inculturação da fé sejamos nós, cristãos de hoje, naturalmente, os ocidentais, os europeus, os "civilizados", os progredidos, os que estão em posse das conquistas da tecnologia, etc. Por isso até se julga que o progresso, a civilização, a "europeização" sejam condições para poder receber o Evangelho. Significativa é, no Brasil, a opção da Igreja pelos pobres, marginalizados, em vias de marginalização, pelos sem-terra,

sem-teto, sem-salário, sem-cultura, os índios, os negros, etc. A Igreja aqui se reconhece como enviada aos pobres para anunciar-lhes a salvação, como fez JC em sua encarnação.

Para nós religiosos/as, aqui na AL e no Brasil, o paradigma da inculturação é mesmo e só a encarnação de JC, o Filho de Deus que se fez homem concreto, judeu, galileu, pobre, itinerante, bem judeu e somente judeu, embora enviado a todos os povos.

A encarnação de JC, com a qual como religiosos/as estamos comprometidos profundamente pelo nosso batismo e com a profissão religiosa, no entanto, é um processo dinâmico, a se estender pelos tempos e pelo espaço. Ele se realizou uma vez por todas em JC e continua a se realizar pela inculturação em cada povo, em cada realidade humana, em cada pessoa, pois precisa atingir cada pessoa, etnia, cultura em profundidade, até suas raízes (cf. EN 20). Pela ação do Espírito Santo esta inculturação, como missão evangelizadora da Igreja, está ainda para se realizar na Igreja, para apresentar a Cristo um rosto multiforme, diferenciado, rico em cada uma de suas concretizações. A VR se insere nesse processo dinâmico permanente da vida da Igreja, da vida de cada instituto, enquanto exerce sua missão. Estamos ainda na primavera da encarnação de JC através dos tempos, onde o Espírito Santo é o protagonista.

Nunca podemos nos esquecer que JC está diante de nós como referência para toda a evangelização, como tampouco podemos nos esquecer que estamos em tempos intensivos da ação do Espírito, em cada um de nós, em cada comunidade, na Igreja, para que o Reino aconteça. Singular reflexão nos é oferecida nas Diretrizes a Santo Domingo, Doc, CNBB 48 n. 40, como entendermos a ação do Espírito na Igreja de hoje: *Conscientes de que o Espírito Santo já atua nos povos indígenas e afro-americanos muito antes da chegada do missionário, a Igreja quer, num novo esforço de evangelização, reto-*

U
C
U
P
I
A
É
S
O
R
E
V
P
O
C
O

mar a prática da era apostólica, que valorizava o passado dos povos e sua diversidade religiosa... Anunciamos JC, como força missionária na Igreja, pela ação do Espírito Santo, ao mesmo tempo que ele já nos precedeu e fez maravilhas em cada um dos povos. É de joelhos que deveríamos aproximar-nos de cada povo indígena, afro-americano, pobre, etc. para receber, nós por primeiros, os dons dados e realizados antes de nossa chegada. Orando deveríamos aproximar-nos para descobrir e encontrar a ação do Espírito Santo, que se deu radicalmente numa ação trinitária. JC que queremos anunciar, já nos precedeu e precisamos encontrá-lo com certeza, para não acontecer como com os judeus que não o reconheceram.

Cada povo, no entanto, respondeu de maneira própria, original, vital, à ação do Espírito Santo e da presença de JC, antes e depois de seu anúncio explícito. Que maravilha também para nós! Ainda não tínhamos descoberto esta face singular do Filho de Deus!

O processo de inculturação do Evangelho é amplo. Para anunciar JC aos outros, a Igreja começa por evangelizar-se a si mesma. Ao mesmo tempo que anunciamos JC nós com isso sentimos necessidade de converter-nos a JC. Não no sentido de que só podemos anunciar quando estivermos "deramando" o Evangelho em nós. Crescemos na medida que os outros crescem, convertemo-nos na medida que com os outros entramos no processo de evangelização.

Sendo um processo, ele está em vias de concretização sempre retomando novo vigor e sempre em falta pelos resultados alcançados até o momento. Ele é uma maneira de ser da Igreja que existe para evangelizar, e evangelizar de maneira inculturada através dos tempos.

Para este esforço somos privilegiados como religiosos/as — missionários/as. A nossa procura de inculturação entre os missionandos nos oferece elementos privilegiados

para avançarmos na inculturação do Evangelho em nossas origens, individual e coletivamente. Quanto mais inculturações tivermos diante de nós, mais estímulo temos para a profundidade do Evangelho em nós como povo e como indivíduos.

De maneira análoga acontece com a VR em cada cultura. A que nasce sob a ação do Espírito Santo, se expressa com essa face cultural original do seu ninho de origem. À medida que a VR se compuser de membros autóctones, estes poderão expressar a VR como sinal profético aqui, neste lugar. O missionário, porém, se compromete com esse processo e o promove.

3. VR COMO AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO: NAS ORIGENS DE CADA VR E ATRAVÉS DOS TEMPOS

A VR como carisma, isto é, como dom do Espírito à sua Igreja, destina-se, por sua natureza, à missão da Igreja de anunciar JC e seu Evangelho. É um dom dado à Igreja, mas não "criado" por ela. Ela é administradora desse dom e reconhece a sua legitimidade, mas, ao mesmo tempo, este lhe escapa por ser dom do Espírito Santo.

A VR concretiza de modo carismático e original a missão de evangelizar. Não está tanto ligada à instituição Igreja, mas está indo à sua frente, chegando antes da instituição Igreja, como o Espírito que estava agindo e fazendo maravilhas muito antes da vinda dos primeiros missionários (cf. CNBB Doc. 48, n. 40). Muito mais do que ser representante da Igreja, a VR é ação do Espírito Santo, para além das fronteiras da Igreja, lá aonde ela ainda não chegou. Isto se pode dar tanto no sentido missionário geográfico, como em campos missionários nos territórios onde a Igreja já está instalada.

A VR, ligada à ação do Espírito Santo para anunciar JC e seu Evangelho, é uma

ação multiforme, diferenciada, criativa, renovadora, carismática, original, desconsertadora, questionadora... de evangelizar. Hoje na América Latina e no Brasil, evangelizar é inculturação do Evangelho, alegria para uns (finalmente a Igreja avançou!), desagrado para outros (oficialização do sincretismo!).

A ação do Espírito Santo que fez o Verbo se encarnar no meio de um determinado povo, quer hoje realizar o mesmo processo de encarnação em cada povo, em cada parcela da humanidade, em cada lugar, sem se entregar à discriminação de raça, cor, credo, sexo, etc. como JC fez no meio do seu povo. Só há uma diferença: não levamos o Evangelho para proceder à primeira encarnação, mas o levamos, já encarnado em nossa cultura, para inculturá-lo na outra. A passagem é questão de fidelidade, de autenticidade, de radicalidade do processo de evangelização (cf. EN 20).

Impõem-se, portanto, dois problemas: a inculturação do Evangelho e, por consequência, como nós religiosos/as nos relacionamos com o processo da inculturação do Evangelho, a inculturação da VR.

4. A VR, NASCENDO COMO DOM DO ESPÍRITO SANTO, NASCE INCULTURADA E DEVE TER UM ROSTO CULTURAL BEM PARTICULAR EM CADA LUGAR

Cada instituto de VR, como ação do Espírito Santo, nasce concreto, como resposta concreta e necessária em determinado lugar, povo, grupo, no meio dos pobres, necessitados, etc. É um dom concreto e particular. Por isso se reveste dos elementos culturais de sua origem. Seguindo o caminho de toda a instituição humana, ela sofre a tendência de se fossilizar, estacionar, universalizar seu caráter particular e tornar-se normativa em

seu aspecto cultural peculiar. A ação do Espírito Santo, não apenas está na origem de cada instituto; ele é uma presença permanente. Enquanto cada instituto permanecer ouvinte atento à ação e provocação do Espírito, ele será fiel à sua missão. Na medida em que se tornar mecanismo estático e perder sua dinamicidade, corre perigo de se tornar surdo à sua inspiração. A fidelidade ao Espírito garante sua atualidade, sua proficuidade, sua força renovadora de si mesmo e da Igreja. A fidelidade ao carisma original deveria superar todos os desafios de institucionalização para se tornar abstrato, indevidamente chamado de "universal", máquina pesada, sem dinâmica e eficiência. É o Espírito Santo que garante vitalidade.

O grande desafio da VR é passar da concepção original do seu carisma para o reconhecimento do mesmo por parte da Igreja. É um dom dado à Igreja, enquanto carisma, mas é muito problemático seu reconhecimento. Quantos suores suportou Dom Bosco para enquadrar seu carisma nas exigências da Igreja para ser reconhecido. Naquele tempo havia um esquema, pretensamente universal, no qual deveria ser inserido o espírito que animava Dom Bosco para cuidar dos jovens pobres e abandonados. Aos poucos tomei conhecimento de processo semelhante das Irmãs Lauritas, a nova força missionária na nossa paróquia itinerante entre os Xavantes. O carisma missionário da fundadora precisou ser enquadrado na VR para ser reconhecido. Não se imaginava naquele tempo que jovens missionárias poderiam ser leigas simplesmente. Jovens missionárias entre os indígenas tinham de ser religiosas e vestir um hábito conventual para, como enviadas pela Igreja, atuar missionariamente entre indígenas, aonde os padres não chegavam. O carisma original precisou ser "domesticado" religiosamente para ser válido oficialmente.

Talvez, sem muito se dar conta do tamanho de semelhante processo de reconhecimento de determinado carisma de VR, tra-

l
c
u
e
b
l
e
>
n
c
o

ta-se também de um processo de inculturação, muitas vezes frustrado e, inversamente, de um processo de dominação cultural, de domesticação de um carisma. A ação do Espírito o faz surgir com rosto inculturado, autóctone, formas novas de como expressar o Evangelho. A VR, como ação do Espírito na e para a Igreja local, com rosto autóctone, é uma expressão original da ação do mesmo Espírito, não é cópia de alhures. É interessante constatar que, ao surgir determinado carisma e ser aprovado pela Igreja local, normalmente goza de muita pujança e vitalidade. Quando tenta ultrapassar os limites de sua diocese de origem, complica-se a situação. No entanto, é questão de autenticidade da VR que ela se apresente com o rosto original em cada Igreja local. O Espírito, protagonista do anúncio do Evangelho, não pode deixar de inculturar a VR, como carisma dado à Igreja, lá onde ela surge e, como desafio, fazer com que ela se inculture na nova Igreja local, para onde for enviado.

A expressão cultural da fé em Cristo é condição de sua profundidade e autenticidade. Assim sendo, a VR em cada lugar exige a expressão da fé com o rosto cultural da Igreja local, em razão de ser a VR um testemunho da fé. Isso pressupõe VR com membros da Igreja local que naturalmente expressam e testemunham sua fé com rosto cultural local.

Os religiosos/as vivem e sobrevivem graças à expressão original de sua fé, caso contrário suas expressões não significariam nada para eles, eles ficariam esvaziados, sem fundamento. Cada religioso/a tem necessidade de viver, celebrar, expressar e testemunhar sua fé com o rosto da cultura na qual está radicado. Caso contrário, seria uma VR não assumida, sem raiz e fundamento, sem alicerce, ele/a seria um frustrado e não-realizado. A fé não existe em abstrato, mas é recebida através das expressões culturais e é transmitida através de expressões culturais e por meio delas se nutre. Escutei certa vez, que se mata uma pessoa matando seus

símbolos. Os símbolos nos quais se expressa a fé de uma pessoa, da VR, da Igreja, são vitais para a sua existência. Tire-lhe seus símbolos, tente substituí-los, e se perderá sua vitalidade, sua força regeneradora da vida da Igreja, sua própria vida. Podemos afirmar sem rodeios que o religioso/a vive e sobrevive graças à inculturação do Evangelho na própria cultura; vive e sobrevive graças à inculturação do carisma em sua cultura. Se tivesse de viver das "importações" religiosas, bem cedo perceberia a artificialidade da proposta de VR e teria que enfrentar o desafio de não se realizar na VR.

5. VR EM MISSÃO, O NOVO DESAFIO DA INCULTURAÇÃO

Tendo passado o primeiro e fundamental vendaval que põe à prova determinado carisma e sua inculturação quase que conatural, que é o processo de seu reconhecimento pelas autoridades da Igreja, segue-se outro, igualmente parte integrante da vida e inculturação do carisma, sua dimensão missionária. A Igreja é por sua natureza missionária, por ser resultado da ação do Espírito que envia. Os que professaram a radicalidade evangélica e do batismo pelos votos, também são por sua natureza testemunhas e anunciadores do Evangelho, são enviados.

O desafio para a VR surge quando ela se torna missionária, isto é, quando a VR sair de seu ninho cultural e entrar em diálogo vivencial com gente de outra cultura onde pretende aninhar-se. Os religiosos/as são desafiados a relativizar suas expressões de fé, tão caras e de certa maneira essenciais para a vivência de sua VR.

Desses novos missionários da VR exige-se um novo carisma dado pelo Espírito, isto é, o da missionariedade. São eles que devem promover para que surjam novas formas de expressar e viver seu carisma de religioso/a. O que era tão natural para a sua vivência e testemunho, agora torna-se rela-

tivo e necessariamente tem de transformar-se para que seja, de um lado, tão típico de determinada VR, e, de outro lado, seja uma nova forma, tão original do carisma típico da VR específica, que deixe de ser uma simples cópia ou tradução e se torne uma nova expressão original de como viver e concretizar o carisma do fundador, como que se ele tivesse vivido neste novo ninho cultural.

Em outras palavras, cada inculturação de um carisma de VR é uma nova criação, que somada e sintetizada com outras formas culturais do mesmo carisma, o torna mais profundo, mais amplamente compreendido, de modo que, longe de fazer sombra e significar uma dissidência do carisma do fundador, seja uma nova inspiração de sua realização.

O religioso/a tem de ter uma mística de fazer o Evangelho acontecer e se alegra, se maravilha com isso, mesmo sentido-se como estranho nesta nova veste do Evangelho. Como o Evangelho não pode ser concebido sem sua veste cultural, assim igualmente cada carisma de VR existe sempre revestido de sua veste cultural. Ao mesmo tempo que esta veste é parte constitutiva e irrenunciável da VR, ao mesmo tempo ela é relativa, requer substituição, para afirmar certos aspectos em sua nova expressão, naturalmente em prejuízo de outros tantos aspectos realçados em sua forma cultural anterior.

O religioso/a participa com olhos de fé na nova maneira de viver, celebrar, solidarizando-se, compenetrando-se, procurando receber os benefícios da maravilhosa encarnação de JC aqui neste povo.

Quem entra nesta nova dinâmica e visão, poderá contar maravilhas. Vi alguns missionários num quase êxtase, num encantamento que os fazia vibrar, esquecer o mundo anterior e viver e se alimentar desta nova maravilha. Esse é um primeiro passo que, se bem motivado e calibrado, por muito tempo oferecerá ao missionário muito material

para sua espiritualidade e dinâmica missionárias. Mas um outro passo igualmente necessário tem de ser construído. Chegará o tempo em que "viver dos encantamentos" se torna algo de corriqueiro. Certo é que não está alicerçado na pessoa e espiritualidade do missionário, embora em muitos de seus elementos possa ser incorporado. Ninguém pode abandonar suas próprias raízes religiosas sem grave prejuízo de sua integridade e identidade. Radicalmente, cada missionário é de outras plagas. Por isso ele terá necessidade, periodicamente, de alimentar suas bases espirituais, terá necessidade de expressar sua fé a partir de suas próprias intuições, símbolos e gestos. Ele terá necessidade de reabastecer-se para retomar com mais vigor sua missão "ad gentes".

Para viver a missionariedade, que se coaduna com a dimensão missionária de cada carisma religioso em si, uma postura é muita proveitosa para todos os religiosos/as, mas sobretudo para os que dão os primeiros passos. É verdade, fomos formados por um longo processo para a VR. Quem sabe, até cursamos faculdades, etc. Poderíamos estar em condições para finalmente repassar para tantos outros o que tão custosamente adquirimos.

Por sermos missionários (= religiosos/as) somos novamente desafiados para sermos discípulos numa nova cultura, temos de aprender novamente tudo. O exemplo do filho de Lourenço Xavante: Pai o que é isso, para que serve? Tudo era novidade e exigia explicação, na oficina mecânica. É uma postura consciente e evangelizadora, é um caminho por causa da nossa fé em JC e sustentado por ela. É uma postura de amor de quem procura caminhos de se aproximar. É uma postura bem diferente de tipo colonialista, dominador, de quem tem tudo, sabe tudo, tem toda a verdade, é super-homem, super-mulher; e quer dar aos que não tem nada (coitados), sabe nada (é ignorante), vive na ilusão, na mentira, vive até desumanamente, é preciso ensinar-lhes

viver, vestir, comer, tratar-se como gente. Na mística do discípulo, ele é companheiro de luta, de sofrimento, de vida. (você procuram experimentar isso)?

A postura de ser discípulo caracteriza peculiarmente os votos na VR: aprender, como discípulo numa outra cultura, como testemunhar obediência, pobreza e castidade com as "vestes" culturais do outro. O que significa obediência, pobreza e castidade para o evangelizando que recebe o testemunho?

Esta aprendizagem de como expressar e viver aos olhos dos outros os votos é um processo singular de evangelização inculturada, da VR, por causa do Reino. É também uma propaganda vocacional real, compreensível, humanamente aceitável... Aquilino, um moço Xavante que se tornou religioso queria ser como Me. Salvador, um religioso missionário muito alegre e descontraído. Quem se esforça, sofre e luta, é um modelo que provoca, questiona outros a seguirem.

Esta postura de ser discípulo, longe de significar uma renúncia do anúncio de JC, exige-o, pois há necessidade de nós justificarmos nossa postura de ser discípulo, por causa do reino, por causa da nossa fé em JC. Ser discípulo é um processo dialógico: para aprendermos precisamos explicar-nos, porque fazemos isso e aquilo desta e daquela maneira.

6. O DESAFIO DO NOSSO COMPROMISSO COM A MISSÃO DA IGREJA

O processo de inculturação do Evangelho é um processo de confronto cultural, que pode chegar até o conflito. Temos consciência disso? Disfarçamos este fato, ou assumimo-lo? A postura de discípulo já significa assumir o confronto. A prática do diálogo intercultural e inter-religioso é a postura que faz acontecer naturalmente a evangelização, na vida, no discurso, no serviço, na

diversão, a evangelização inculturada. Não há nenhuma dimensão onde não deva acontecer o diálogo, recíproco, não só a escuta (típica de um pesquisador), mas também a nossa exposição clara e sem rodeios, progressiva, planejada, paciente, e nem sempre interesseira e imediatista.

Como religiosos/as somos na Igreja os missionários profissionais que são especialistas da inculturação. Devemos esta resposta ao Espírito Santo que nos suscitou, nos enviou e nos sustenta em nossa missão de religiosos/as e missionários/as.

Acontecem, no entanto, certas fugas e substitutivos, que tendem a nos dispensar da seriedade e das implicações do processo de inculturação. Há religiosos/as que são bastante empenhados em atividades para evangelizar, mas o passo inicial e permanente, de evangelizar de maneira inculturada pela proximidade vivencial, fica em segundo plano. Funciona muito mais a salvação por helicóptero do que aquela que brota a partir de dentro, com assessoria do missionário/a. A saída para ir ao encontro do evangelizando é uma condição básica para a evangelização. A proposta do Evangelho, no entanto, pode sofrer do condicionamento, de quem dá do que lhe sobra, mas não dá a si mesmo, como fez Jesus Cristo.

Não nos vamos identificar com o pobre, o sem-terra, sem-teto, sem-salário, o índio, o negro, pois assim, nem poderíamos exercer nossa atividade. É uma afirmação justa, ao mesmo tempo que pode significar uma fuga do processo mais sofrido. A nossa solidariedade e proximidade são sinais significativos que nos tornam críveis (cf. RMI 53). Num clima de solidariedade reconhecemos o outro como protagonista de sua ação, de sua luta. Tentamos assessorá-lo quando isto for requerido. De qualquer forma, estamos até fisicamente ao lado do destinatário. O tudo que tivermos ao nosso dispor não é capaz de suprir a falta de proximidade no processo de inculturação do Evangelho.

Como exemplo, posso citar um colega meu que anos atrás, sem recursos, procurava passos de evangelização onde hoje estou colhendo frutos abundantes, o Pe. Clemente. "Verdadeiro missionário" comentam ainda hoje os índios, H...iwa'udzé, "coisa do céu". "Andava em nossos caminhos, comia da nossa comida, sofria como nós ... Este era verdadeiro missionário, porque gostava de nós ..." Hoje não há mais missionários religiosos/as que passam meses nas costas de uma mula, numa itinerância interminável para anunciar JC e celebrar os sacramentos.

Somos convocados a dar a nossa contribuição original não só à Igreja, pelo fato de sermos religiosos/as, mas também às nossas congregações pela maneira típica, original e irrepeditível de como concretizar nossa carisma aqui, neste chão cultural que não tem igual e não tem melhor. É só aqui que ele existe. Repetir modelos, fórmulas e receitas válidas em outros lugares, não resultarão em evangelização em profundidade aqui, pois a cultura aqui e hoje é tão original que não há outra e é por isso que a resposta de evangelização só pode ser original. Xerox de cédula e cheque não tem valor, é simples cópia para tomar conhecimento, mas não liquida nenhuma dívida. E nós religiosos temos de liquidar uma grande dívida que a Igreja nos confiou, evangelizar como religiosos/as da maneira mais diversificada que o Espírito nos possa inspirar. E esta contribuição que só nós podemos dar, se enquadra no projeto da inculturação da VR em sua globalidade e na inculturação da cada carisma.

7. ALGUMAS PISTAS DE COMO CONCRETIZAR A INCULTURAÇÃO DA VR

Hoje em dia, vê-se bastante concordância com a necessidade da inculturação. Fica-se embaralhado, porém, quando se quer chegar à prática. COMO? Eis a grande in-

terrogação. Tentarei elencar uma série de tentativas que, para missionários entre os Xavantes já são uma reflexão consolidada e que talvez para muitos outros possam ser um estímulo e uma provocação de como enfrentar esse desafio da inculturação.

A originalidade da imagem de Deus que é Pai

Para os israelitas, Deus é todo-poderoso, temível, que castiga, está do lado do seu povo nas batalhas e garante vitória para os fiéis. Cito esse aspecto com bastante superficialidade. JC revelou que Deus é pai, que perdoa, que espera, que tem paciência, espera o filho que volta depois de desperdiçar todos os seus bens.

Depois de cinco séculos de fundamentalismo, voltamos ao Deus todo-poderoso, que castiga, etc.

Daí nossa prática européia: o pai que castiga os filhos para corrigí-los, em nome de Deus (a face de Deus!). Daí a autoridade na Igreja, os superiores/as com autoridade, severos, distantes, em nome de Deus.

Nesse ano, Lucas e o Espírito Santo, nos revelam de novo a ação inovadora do Espírito Santo na Igreja, nas congregações ... JC em Marcos nos revela novamente a face de Deus que é pai, é mãe, que ama, que espera, que tem paciência. Por conseguinte, entre nós a autoridade se reveste novamente de paternidade/maternidade, de paciência, de espera, de doçura, de fraternidade e dessa maneira nos revela e revela aos destinatários a verdadeira face de Deus que JC revelou, que ama, que se compromete, que acolhe, que se sente bem no meio de, que perde tempo no meio de, sem fazer nada, a não ser, por seu testemunho, revelar a face de Deus nos tempos de hoje. A reflexão da face materna de Deus é uma nova descoberta inculturada.

Isto é voltar às fontes, à Bíblia. A inculturação, então, requer que esta nova face seja apresentada da maneira plausível, palpável,

INCULTURADA

compreensível para os homens/mulheres, jovens e crianças, etc. de hoje, desta igreja aqui, com seu rosto cultural. Só pode surgir uma dúvida. Muitos jovens que hoje em dia não experimentam a face de um pai, de uma mãe, ainda são capazes de entender a Deus que é Pai, é Mãe? Talvez seja necessário fazer um resgate relevante da imagem de pai e de mãe, condição indispensável para que Deus seja entendido como Pai e Mãe.

Entre os Xavantes, o pai que ama muito não castiga fisicamente seu filho, o que ama menos castiga, bate. O pai que ama, dá conselho, e espera ... confia ... até por anos até que o filho volte. Apesar de tudo o que o filho possa aprontar, mesmo para grande tristeza sua, o pai sempre é solidário com seu filho e o defende, apesar de tudo.

O missionário/a, o religioso/a tem esta face de Deus ou revela a face do Deus do ocidente, do severo, do distante, do juiz, etc. que ama com a face da severidade, inapelabilidade, difícil de compreender, do Deus que excomunga, expulsa? O missionário deveria aprender a amar os meninos a ele confiados e amá-los com as modalidades do amor do pai Xavante para, só dessa maneira, tornar crível o amor do Pai.

O apelo da fraternidade, com rosto indígena

Muitas sociedades indígenas são exogâmicas, têm duas metades, que vivem em oposição, em tensão permanente que gera conflitos, e que sentem necessidade de criar momentos e esquemas de solução de tensões, de conviver de nova maneira harmoniosamente com a oposição, sem renunciar à divergência, mas criando novos vínculos. Os WAPTÉ (jovens em processo de iniciação à vida adulta) se dão as mãos nas danças com seus adversários de clã, nunca têm ao seu lado seu próprio parente. Eles, daqui por diante, dormem alternados com seus opositores à direita e à esquerda. São educados a viver em tensão e a trabalhar com mecanis-

mos apropriados às tensões para uma vida pujante, vigorosa, vibrante e combativa. É assim que se vive em comunidade! Na VR há tensões: mais tradicionalista — mais progressista (no Brasil nos jornais), mais romanizador — mais inculturador, mais autoritário — mais dialogante e conciliador, mais aristocrático — mais democrático, direita e esquerda políticas, PMDB e PT...

A cultura indígena por mim experienciada nos desafia a uma nova face, a de não excomungar quem pensa diferente, quem é opositor, mas criar novos laços que superem, mas não anulem o diferente, que articulem as diferenças para uma nova maneira de construir unidade acolhendo as diferenças. O autoritarismo e colonialismo já foram denunciados pela CNBB, no documento 48, como novas formas de colonização religiosa. A inculturação da VR nos mostra a nova maneira de como, a partir da cultura indígena, encontrar solução, inspirados pelo Espírito Santo revelado por Lucas, para a VR religiosa, ação inovadora da Igreja, para o problema de como trabalhar diferenças, superando a tentação do autoritarismo, da condenação do diferente como errado, equivocado, etc.

A verdade não é propriedade exclusiva nossa; também os irmãos separados a possuem, a vivem e celebram. Nós religiosos/as teríamos o dom do Espírito e a experiência singular, testada em nossas comunidades, de conciliar e trabalhar as diferenças e divergências. Nós poderíamos ser os enviados a mostrar à Igreja de hoje esse novo caminho que constrói unidade sem eliminar as diferenças.

Estilo de diálogo Xavante

Os homens Xavantes se encontram todas as noites no centro da aldeia para comunicar notícias e tomar decisões. De madrugada, quando o frio da noite acorda as pessoas, novamente estão reunidos no centro. Aí está a origem de seu método aprimorado de promover discussões. O locutor tem direito de falar até esgotar sua exposição, sem ser in-

terrompido, nem cortado, nem contrariado. Outros companheiros solidários fornecem, em voz submissa, informações para o orador apresentá-las também.

Esse estilo de organizar as discussões seria de muito proveito em nossas reuniões. Pelo menos os missionários/as entre os Xavantes poderiam beneficiar-se desse método, num sentido de inculturação.

Como tomar decisões

Em nossa sociedade ocidental temos muito apreço pela democracia. Após discussões costumamos votar decisões. As decisões tomadas com aprovação da maioria, relativa ou absoluta, são válidas para todos, também para aqueles que votaram contra. Achamos que a democracia desse tipo é realmente um respeito à pessoa.

Ao lado disso, na VR nos deixamos governar pelo voto de obediência, onde decisões são tomadas pelas autoridades hierárquicas e que entram a vigorar em força do citado voto. A pessoa que discorda, pelo compromisso religioso assumido, deve aceitar também a decisão.

Na sociedade indígena Xavante, o método é bem mais aprimorado. As decisões são elaboradas minuciosamente, contando para isso com a habilidade e perseverança dos oradores e com o apoio dos próprios parentes e colegas de grupo. É evidente que cada homem adulto tem a oposição institucionalizada em casa, que é sua própria esposa, que não deixa de pertencer ao campo opositor. Já vi eleição a cacique que resultou em 50 votos contra 5 para o candidato da oposição. Só que não se pode executar nenhuma decisão com esta diferença. Todos devem concordar. Começa então um jogo delicado para fazer a oposição mudar de idéia. Até que o último opositor não consentir, nenhuma decisão pode ser executada.

Creio que na VR há muita oposição suprimida e simplesmente encostada. Talvez

faltaria um pouco de evangelização do método democrático, pelo menos em nossas fileiras. À luz dos critérios da sociedade indígena, deveríamos crescer no respeito pelo parecer contrário e acolher essas pessoas com dignidade e respeito, e não impor-nos tanto a título de direito de uma certa maioria ou de uma autoridade menos esclarecida.

Participação nos ritos religiosos tradicionais

Acreditamos nas *semina verbi*, presentes nas culturas e também religiões indígenas. Acreditamos que Deus se lhes revelou e eles responderam da maneira como conseguiram entender a Deus. Isto se manifesta singularmente nos solenes ritos da tradição religiosa dos Xavantes. Se são valores à luz do Evangelho, merecem também o reconhecimento e a participação fervorosa dos missionários/as. Esses vigorosos ritos não são suplantados pelo Evangelho e a liturgia, antes, são levados à sua plenitude.

Numa aldeia Xavante, há anos que a comunidade, em paciente procura e diálogo com os missionários, tinham articulado os ritos da Vigília Pascal com o rito do Datsiwaiwere, rito de vida nova, de ressurreição, de chamar de volta o bom espírito para restituir vida nova à comunidade. Em razão de diversas dificuldades, esta prática tinha sido suspensa ultimamente. Nesta Páscoa de 1998 houve um novo posicionamento, ou melhor, condições postas pelos anciãos para retomar os mesmos ritos articulados. A decisão de realizar os ritos foi tomada anteriormente, mas sob sigilo, também por parte do missionário. Nada de filmagens e fotos. E que os missionários também participem dos ritos indígenas reconhecendo-os como importantes para a vida da comunidade e vida cristã. Os missionários aderiram e foram vestidos a rigor para essa solene liturgia que perpassou a noite inteira, para ser concluída com a liturgia eucarística, ao clarear do dia.

Assumir limitações clânicas

Em nossa sociedade ocidentalizada, qualquer pessoa pode solicitar uma conversa com qualquer pessoa. Parece que não há limitações nessa vontade de conversar. Talvez essa afirmação mereça uma análise mais detalhada.

A sociedade Xavante está dividida em metades exogâmicas, que levam consigo certas restrições quanto ao uso amplo de relacionar-se. Assim, p.ex., há um grande respeito à família do sogro, pelo que sogro e genro não podem conversar, durante até dez anos, os primeiros anos do matrimônio, a não ser por intermédio da filha/esposa. Esta proibição se estende aos demais familiares. É evidente que o eventual candidato indígena à VR não pode eximir-se dessas restrições.

Os missionários/as religiosos/as não ficam neutros nessas subdivisões da sociedade, mas são enquadrados igualmente. Nem sempre é tão fácil movimentar-se e exercer atividade pastoral, levando em conta essas restrições. Em nossa sociedade, não aceitamos convite de entrar numa casa quando o dono está ausente. Na VR, entre os indígenas, deveria existir semelhante respeito e sabedoria, a partir dos critérios tribais.

Participar dos funerais indígenas

Uma religiosa indígena foi avisada de que seus parentes teriam um funeral. Ela sem mais se ausentou, durante três dias, fez-se solidária e marcou presença nos ritos de sua gente. Isso é procedimento normal para gente da tribo.

É certo, talvez mais entre as religiosas, que tal prática suscita questionamentos. A estrutura religiosa cristã tem suas exigências que entram em conflito com as exigências de fé, de solidariedade, de parentesco, de compromisso num povo indígena. Na verdade, não se deve ver nisso um conflito, mas um desafio de articulação, pelo qual ambos se beneficiam reciprocamente,

numa visão da evangelização inculturada. No caso citado, prevaleceu esse bom senso evangélico inculturado, por parte das missionárias.

Vocação à VR, uma opção individual e social

A vocação ao matrimônio na sociedade Xavante está inserida num conjunto complexo de normas e procedimentos que têm em vista: a sobrevivência global da sociedade tribal, a distribuição mais adequada dos parceiros de casamento, o senso aprimorado de não deixar pessoa alguma excluída do direito de ter uma família, levando em conta também as preferências dos indivíduos, dentro dos limites estabelecidos mais amplamente. Duas famílias nucleares, uma de cada metade-clã, assumem compromisso de dar-se reciprocamente os filhos e filhas em casamento. Dentro desse contexto até dez ou vinte candidatos e candidatas articulam os parceiros de casamento. As discussões são não apenas entre um rapaz e uma moça, mas são antes desenvolvidas dentro das duas famílias amplas. Os mesmos participantes das discussões e convenções garantem também posteriormente a fidelidade aos compromissos amplamente elaborados. A infidelidade de um ou uma só candidata colocaria em questão os demais casamentos realizados. É muito difícil chegar a um divórcio nesse sociedade tradicional.

As vocações indígenas à VR não podem eximir-se desse conjunto complexo de compromissos familiares. O candidato/a que queira entrar na VR não pode tomar essa decisão individualmente. Sua opção vocacional tem de ser discutida amplamente e a decisão final tem de ser assumida por ambas as partes, para não dizer, de toda a comunidade indígena. O discernimento vocacional do candidato indígena, que naturalmente acompanha cada candidato durante as etapas de formação, não é apenas uma questão de competência dos formadores.

Antes, a comunidade de origem acompanhava ardorosamente seu filho e quer ser ouvido em casos de dificuldades. O indivíduo realiza sua vocação com a solidariedade dos parentes e também da oposição clânica que tem de renunciar a seu direito de tê-lo/la como parceiro de compromisso matrimonial.

De certa maneira a VR numa comunidade indígena, longe de significar uma quebra com as exigências da sociedade tribal, representam uma elevação de seus critérios, um sinal profético de como mais plenamente ser membro pleno dentro dela. Longe de eximir os religiosos/as de seus compromissos familiares e sociais, clânicos e religiosos, eles continuam plenamente inseridos e participantes, ao mesmo tempo que testemunham o Reino que ultrapassa sua maravilhosa cultura e religião.

Aprender a língua de uma etnia minoritária

Não são poucos que descartam o esforço de estudar a língua de uma etnia minoritária, de um povo indígena, de algumas de dezenas de pessoas, ou centenas ou mesmo milhares. Parece que a globalização já condenou essas línguas e culturas, ponderam não poucos. Sem posicionar-me aqui sobre estas afirmações, que aliás o tempo melhor poderá responder do que nós, temos diante de nós o fato de que um grupo fala sua língua e nós lhe queremos anunciar JC. Se não entrarmos pela língua, a porta que abre os esquemas, as idéias-mestras, os critérios de lugar, apreciar, gostar, etc., corremos o risco de anunciar um Cristo estrangeiro para sempre. Nós, portadores dele e agentes in persona Christi, testemunhamos um Cristo que não se digna a falar a língua do povo. Bem dizia certo cacique Xavante: "Estamos diante de três culturas: a nossa, a dos brancos e dos cristãos! Com qual vamos ficar?" Perder tempo para aprender uma língua indígena para afetivamente se comunicar com as

pessoas é, de certa maneira, uma opção de vida, por causa do Evangelho. É também uma das conseqüências do compromisso com a inculturação, isto é, limitar-se a um povo minoritário, renunciando a uma evangelização pretensamente universal, que porém dificilmente vai até as raízes da cultura e das culturas.

8. VIVER OS VOTOS DE MANEIRA INCULTURADA, A PARTIR DA EXPERIÊNCIA ENTRE OS INDÍGENAS

A VR é também um sinal de contradição, por sua radicalidade no seguimento de Jesus Cristo e seu Evangelho. Essa contradição se manifesta na cruz de Cristo. "Anunciamos Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado, alegria para os que esperam a salvação, confusão e incompreensão para os sábios deste mundo. Esta contradição se concretiza de modo peculiar nos votos, enquanto caminho evangélico do seguimento de Jesus Cristo. Essa prática dos votos, no entanto, se dá num contexto étnico, social, cultural, sub-cultural particular, onde os votos testemunham o seguimento de Jesus Cristo, sendo sinal escatológico e de contradição evangélica. É próprio da VR levantar questionamentos evangélicos em cada situação onde ela se insere. A VR é uma resposta a uma situação não-evangélica, testemunhando um novo caminho evangélico. Se esta vocação não se apresentar com rosto cultural bem específico, deixará de cumprir sua missão de testemunhar, profetizar e anunciar pelo testemunho. Vejamos, um pouco, cada voto em particular.

Voto de Obediência

Há muitas variantes de como praticar o voto da obediência. Pensemos no modo jesuíta de obediência a toda prova, pensemos numa obediência mais consensual e

dialogada, onde as comunidades tomam decisões após um aprimorado discernimento. Esses são estilos diferentes da mesma obediência. Há uma maneira masculina de exercer autoridade e obediência e, porque não, uma maneira feminina. Há uma maneira germânica de exercer autoridade e obedecer, uma maneira latina, uma maneira brasileira que trabalha muito o jeito de mandar e obedecer. A obediência certamente perderia seu fundamento se não se ligasse estreitamente à evangelização com que a própria Igreja se sente radicalmente comprometida. Essa evangelização hoje se caracteriza pelo processo de inculturação. Um dos aspectos que resultam dela é não só a capacidade de expressar o Evangelho em novas formas, mas sobretudo sua dinâmica de criar novidade.

A obediência nessa nova dinâmica adquire um vigor peculiar, o da criatividade. Esta criatividade não é só uma maneira de obedecer, mas é igualmente um compromisso de quem exerce autoridade, sempre no sentido da evangelização. Quem obedece, responde criativamente à sua missão na Igreja, e quem envia tem de proporcionar condições físicas, psicológicas, fraternas, caritativas, afetivas e comunitárias, etc. para que possa deslanchar o processo criativo da evangelização inculturada, que é uma missão em comunidade, em partilha, em estilo permanente de procura evangélica.

Seria um péssimo negócio para a evangelização se uma obediência resultasse numa frustração, decepção, desmantelamento de uma comunidade em busca da inculturação. Obediência inculturada, eis um desafio para a vida da Igreja em nossos dias, pois todo o processo de inculturação visa resultados de evangelização em profundidade, superando simples aparências.

Há 25 anos, articulei com um cacique Xavante uma atividade que empenhava todos os homens. Pedi que desse ordem aos homens da comunidade para proceder

à atividade programada. "Calma! Primeiro vou falar com os homens no centro. Quando todos estão de acordo, só então é que vou dar ordem!" A adesão e a articulação antecedem significativamente a execução do projeto. Entre os indígenas, só se pode dar uma ordem quando se pode contar, com fundamento, que há correspondência. De nada vale, mandar onde ninguém concorda e obedece. Adesão voluntária, concordância, compromisso assumido e corresponsabilidade são companheiros indispensáveis da obediência.

Voto de Pobreza

A pobreza, dentro da dinâmica da evangelização inculturada, põe em dúvida tantas e tantas pobreza superficiais. Fala-se de partilha com os pobres. Quem não é tão pobre pode renunciar a algumas tantas coisas e dar do seu supérfluo para os menos avantajados. Certamente estão em crise, diante das exigências da inculturação, aqueles que sabem conciliar com o voto uma situação de bem-estar típica da classe média. O título oficialmente reconhecido de voto de pobreza nos desestabiliza quando por tantos motivos tivermos que exercer pastoral e evangelização no mundo da pobreza, talvez a maioria do nosso povo de hoje.

Inculturação significa num certo sentido pelo menos proximidade, experiência, sofrimento participado, ser o bom samaritano. Madre Tereza nos mostra um aspecto valioso em nossos dias. O voto de pobreza, porém, parece-me exigir algo mais evangélico, e por isso mais profundo, mais radical. Mesas bem abastecidas, aposentos bem acondicionados, escritórios bem equipados e cômodos, viagens aéreas para garantia da "saúde", etc. contradizem abertamente com um projeto de evangelização em profundidade, que é a inculturação.

Não é sem razão que alguns tantos setores na Igreja se incomodaram quando começaram a refletir sobre o alcance da incultura-

cristãos costumam evitar tal situação. Em tal caso voltam a reunir-se com colegas do grupo de mesma idade e de semelhante sorte. Dormem juntos num lugar aberto, antigamente perto do centro da aldeia, hoje nalguma varanda da escola preferencialmente. Vivem sua vida em sociedade a qual reconhece seu respeito para com a esposa e sua fidelidade a ela. A força social do grupo nesta sociedade indígena têm uma atração e funções sociais significativas. Os elos construídos durante cinco anos de convivência no tempo de solteiros conservam sua força acolhedora durante anos.

Um jovem Xavante resolveu filiar-se à nossa congregação. Pré-noviciado e noviciado foram simpáticos, também por passarem a noite num dormitório coletivo. Continuava a garantia da vida pessoal respeitosa em termos de castidade nesta convivência fraterna. Mas depois chegou o "progresso" do quarto individual. É caminho aberto para ser egoísta e se tornar desconfiável. O jovem religioso precisou reinterpretar seus conceitos de vida em sociedade, com esse novo comportamento anti-social. Ainda bem que nas itinerâncias e cursos entre os índios conservamos a prática tradicional de pousarmos num mesmo recinto à noite.

9. A VR, DOM DADO À IGREJA: SUA VOZ PROFÉTICA E RENOVADORA NO PROCESSO DE INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO

A Igreja precisa, hoje, enfrentar o grande desafio da evangelização inculturada, critério geral para os demais aspectos da evangelização (DGAE, introdução). Esse é o caminho novo já indicado por Paulo VI na EN 20 e efetivamente confirmado para a AL por ocasião de Santo Domingo. Mais se tenta aproximar desse desafio, mais

crecem as dificuldades. A decisão está lançada, mas o "como", a metodologia, eis o desafio. Além disso, há metas adaptativas, sem dúvida alguma insatisfatórias. Exige-se um processo mais profundo pelo qual a Igreja se apresente com rosto próprio em cada etnia, em cada contexto cultural novo, no mundo de hoje. É necessário chegar a uma verdadeira encarnação do Evangelho em cada cultura, em profundidade, até as raízes de sua cultura, ultrapassando resultados aproximativos e superficiais.

A VR, caminho carismático, desde sua origem, está numa situação privilegiada de, dócil ao Espírito, pautar esse novo caminho, em nome da Igreja, fiel ao seu carisma e ativamente presente em cada Igreja local. Pela docilidade institucional ao Espírito — prerrogativa própria da VR — a VR está em condições de abrir novos caminhos de inculturação, apresentar novas experiências, desvendar pistas.

Num sentido, portanto, a VR é a ação carismática da Igreja que se abre aos desafios de inculturação. Nela a Igreja apresenta uma face sempre nova, renovada, inculturada do Evangelho em cada sua presença, antiga e nova. É uma questão de vitalidade da VR, prestar esse serviço à Igreja. É pela VR que a Igreja descobre caminhos novos, experimentados e viáveis de sua inculturação. Por ter sido suscitada pelo Espírito Santo, fica difícil entender que a VR não prime pela sua inculturação, embora, é preciso reconhecê-lo, sofra os achaques do tempo com a tendência a ser estática, desatualizada, além do processo movido por ocasião de seu reconhecimento de enquadrar-se em esquemas menos inculturados.

Num outro sentido, fiel às inspirações suscitadas pelo Espírito, pelo seu carisma, a Igreja recebe da VR um estímulo, uma provocação e uma contestação. A VR provoca a Igreja, incomoda a Igreja institucional a se desinstalar, a tornar-se novamente mais apostólica e evangelizadora, respeitando a

ação do Espírito, “muito antes da presença dos primeiros missionários” e anunciando, com novo ardor, novos métodos e nova expressão o Evangelho. Em outras palavras, a VR mostra à Igreja os caminhos de sua

possível renovação, inculturação, ao mesmo tempo que a Igreja acha dificuldade de aceitar as provocações de inculturação da VR. É uma missão irrenunciável da VR na Igreja e para a Igreja.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Até que ponto foi possível, individual e comunitariamente, descobrir os elementos significativos da cultura a que foi enviado, pelo estudo, pela proximidade e pela experiência participada?
2. A sua vida pessoal e comunitária sofreu mudanças concretas que tiveram origem na cultura dos evangelizados (a língua e linguagem, os símbolos, o estilo de comida, a oração, as escolhas de beleza, etc).
3. A sua experiência inculturada de fato significou uma nova qualidade de VR no seu instituto, na sua província? Como foi veiculada esta novidade e quais as contribuições significativas que surgiram disso?

CREIO EM JESUS CRISTO CONCEBIDO PELO ESPÍRITO SANTO E NASCIDO DA VIRGEM MARIA

Irmã Bárbara P. Bucker, mc

(Atualidade do Símbolo da fé)

Creio na Igreja que com sua maternidade gera filhos de Deus porque a água e o Espírito fazem nascer de novo todos os seres humanos.

INTRODUÇÃO:

O Credo que professamos, o Símbolo dos Apóstolos, é a concentração e expressão da fé cristã no decurso dos séculos. Símbolo que quer sempre significar unidade de elementos; os cristãos se identificavam ao recitá-lo juntos, ao enunciar cada artigo do Credo e viveram por aceitá-lo como expressão de sua fé. Depois do ano de 1997, dedicado à fé e a Jesus Cristo, a Igreja preparando-se para o Terceiro Milênio dedica o ano de 1998 à Esperança e ao Espírito Santo. Neste contexto quero trabalhar o tema do Espírito na relação com Maria.

A profissão de fé: "Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, que foi concebido por obra e graça do Espírito Santo e que nasceu da Virgem Maria", oferece-nos várias pistas para este tema. Em primeiro lugar, a perspectiva Trinitária, porque a frase citada se situa num contexto de fé que afirma a pluralidade de relação na Trindade. A

proclamação do credo leva-nos a ir depositando nossa confiança em sua totalidade. Em segundo lugar, a perspectiva da Encarnação do Verbo, que é como se disséssemos que é o momento clímax da ação do Espírito, realizado no útero virginal de Maria. Ou seja, que onde Maria e o Espírito se encontram, há sempre fontes da Vida de Deus no meio da humanidade e na história humana. Em terceiro lugar, a frase citada é pronunciada por uma comunidade de fé; não só expressa uma crença senão que a comunidade mesma manifesta-se como crente pelo trabalho que o Espírito Santo vai realizando e concretizando nela, e o faz graças à possibilidade que Maria oferece desde sua condição de pessoa histórica, de sua atividade maternal que traz conseqüências para toda a história humana.

I. PERSPECTIVA TRINITÁRIA DO ENCONTRO ENTRE O ESPÍRITO E MARIA.

O Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade é o amor mútuo que une o Pai com o Filho. À diferença do amor humano que se dá em "atos de amor", que não se identificam com a pessoa que é sujeito de tais atos (daí a fragilidade de nosso amor que pode esfriar-se e inclusive desaparecer, ainda que tenha experimentado o amor com

forte intensidade), em Deus, o ato do amor mútuo é já uma Pessoa em relação com as demais. É Graça incriada, com dois derivados muito significativos da mesma palavra graça: Gratuidade e Gratidão. Gratuidade é dar "grátis"; desde um amor benevolente, sem uma exigência prévia que demanda essa doação; só se explica "desde dentro" da pessoa que dá o gratuito. Gratidão é ser agradecido, reconhecido naquilo que se recebe. Quem é "agraciado" deve responder como ser "agradecido". Do Pai procede todo dom e por isso é fonte de toda gratuidade, e o Filho que retribui em gratidão todo o recebido do Pai, é modelo no sentido de interpelação de toda filiação como expressão de gratidão. O Espírito Santo é este vínculo de amor eterno, que une ao que se entrega em gratuidade e ao que retribui em gratidão. É a pessoa divina do amor mútuo.

Maria, como criatura, é também presente de Deus à humanidade; toda vida humana o é em certo sentido; mas o Pai quis dar à humanidade uma vida humana muito particular, agraciada com o poder de gerar o Filho de Deus. O Pai que gera o Filho eternamente pelo Espírito, comunica pelo mesmo Espírito a vida à Maria e também concede a ela, pelo mesmo Espírito, o dar forma humana ao Verbo, concedendo-lhe um corpo físico.

O Espírito Santo e Maria pois se encontram no momento mais excelso da humanidade: aquele que é a entrada do Verbo na história; "nascido de mulher" na plenitude dos tempos. Este encontro não é um fato isolado, que encerra em si mesmo todo seu sentido; é encontro de Alguém, que é Enviado por Outro, com alguém que é escolhido por esse mesmo Outro, com uma finalidade muito precisa de dar natureza humana ao Outro Enviado que quer também enviar. Em outras palavras, o encontro Espírito-Maria se dá no contexto Trinitário e é revelador do mistério de Deus atuando sobre uma criatura para um sentido total de tudo o que foi criado. Daí a importância de Maria para o cami-

nho a ser construído pelos filhos de Deus na história. O Espírito, como enviado do Pai, como expressão da ternura de Deus por Maria; enviado para fecundar Maria como mãe do Filho Unigênito.

Este pano de fundo Trinitário, do encontro entre o Espírito e Maria, é como o horizonte de toda a história humana. Dá-nos inegáveis certezas que ajudam a interpretar a história global de toda a humanidade e nossa história pessoal. Toda vivência profunda de Deus, de cada ser humano que se entrega no amor a Deus Pai-Mãe é acontecimento cristocêntrico e pneumático; ao viver cada um de nós, sua própria filiação, a realizamos em Cristo Filho e por obra do Espírito Santo. Acolhemos a vida divina e lhe damos carne em nossa história com nossos pensamentos e palavras. O próprio de Maria é que não se distingue das demais mulheres como algo extraordinário exterior de sua pessoa: poder, riqueza, sangue de nobres... É uma mulher simples do povo, como a maioria de seus vizinhos; todas as suas prerrogativas, no entanto, são interiores, guardadas no profundo de seu coração. E, no entanto, é protagonista numa história que, pelo Filho que ela entrega ao mundo, tem sua plenitude. A generosidade dos santos e mártires através dos séculos, a prudência e sabedoria dos doutores da Igreja, o testemunho de serviço e do amor fraterno, tudo aquilo que o mundo conhece como o melhor de si mesmo, tem no gesto de Maria seu símbolo e antecipação, porque são atitudes humanas de "resposta" frente aos dons divinos que são como "propostas". A "estrutura" do sim de Maria e do sim de cada santo e de cada um de nós na Igreja, é pois a mesma: acolher o Espírito e dar fruto de vida na história como projeto de Salvação. Só que nenhum fruto será semelhante ao do ventre de Maria; e nenhum ato de aceitação do Espírito será tão pleno como o dela, porque nos abriu portas para novas possibilidades humanas.

Depois de colocar o encontro Espírito-Maria, dentro do horizonte do mistério da

Trindade, vamos considerar agora, esse encontro no momento da Anunciação, tal como narra o Evangelho de Lucas.

II. A ENCARNAÇÃO DO VERBO, EFEITO DO ENCONTRO DO ESPÍRITO COM MARIA.

A Anunciação é para Maria um momento profundo de experiência de Deus, um momento de "Espiritualidade", um momento Místico. Por isso tal encontro pode ser considerado como o modelo de toda espiritualidade. Seguindo a idéia de Paulo na 1Cor 2,11 podemos definir a espiritualidade como "encontro de Espíritos", desde a profundidade do humano e do divino, em função de um projeto do Reino de Deus, quer dizer uma atividade humana que aceita o desígnio de Deus.

Paulo descreve o encontro entre o espírito humano com o divino como um fato que se dá na profundidade de cada ser ao encontrar-se com o outro: "Quem, pois, dentre os homens conhece o que é do homem, senão o espírito do homem que nele está? Da mesma forma, o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus", por isso a espiritualidade tem suas condições humanas: é impossível viver uma espiritualidade no nível superficial da vida, onde o ser humano não "se recolhe" dentro de si e cultiva sua interioridade. Só um ser que é capaz de interioridade, de atenção silenciosa ao profundo de seus pensamentos, desejos, aspirações, se faz capaz de abrir-se desde aí aos mistérios profundos de Deus.

Por isso o "encontro Maria-Espírito" é paradigma de toda verdadeira espiritualidade, porque Maria vive permanentemente em "estado de interioridade". Aplica-se a ela a expressão de Lucas: "guardar todas as coisas no coração", tal como a experiência de relação de amizade descrita pelo poeta:

"amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração". Quer dizer, observar toda a vida, recordá-la com amor, guardar memória dela, buscando compreender os acontecimentos no nível de seu ser onde se encontra o amor a Deus e a seus irmãos. Inclusive, onde podemos encontrar todas as respostas às perguntas que formulamos. Basta buscar e viver a paciência da espera que gesta caminho e luz.

Quando o Papa João Paulo II alude ao texto de 1Cor 2,11 para explicar em que consiste a espiritualidade do trabalho, o faz para afirmar que é possível uma "espiritualidade do trabalho" e se refere sobretudo ao trabalho manual e não meramente ao trabalho intelectual. O trabalho é objeto de espiritualidade se cumpre essas duas condições: ser realizado desde a presença da pessoa a si mesma, quer dizer em forma plenamente consciente e livre; e ser realizado como expressão do desejo de agradar ao Senhor, de cumprir sua vontade, de associar-se a seu projeto salvífico, de tornar mais bela toda a Criação. Qualquer tarefa, por humilde que seja se torna espiritualidade quando se dão estas duas condições.

Pois bem, "o trabalho" de Maria é precisamente sua maternidade, dar ao mundo um Filho que é o Filho do Deus, Abbá-Mãe: esse é o projeto central de sua existência, que ultrapassa o trabalho da sua natureza de permitir-lhe dar crescimento a um novo ser na história, senão de "dar forma humana" ao desígnio de Deus.

Maria é não só paradigma de todo encontro com o Espírito pela atitude pessoal de acolher consciente e livremente o dom de Deus, desde a profundidade de sua virgindade, quer dizer, desde aquela parte de seu ser que se encontra verdadeiramente livre de qualquer outra motivação e que põe toda sua confiança em Deus; é também modelo por dizer seu "sim" a um projeto que envolve a humanidade inteira, que muda o destino do mundo; em outras palavras, por sua maternidade.

Se o encontro Espírito-Maria, tem como tela de fundo o mistério da Trindade como vimos no primeiro ponto, esse encontro produz um acontecimento: a Encarnação do Verbo, que é fruto da ação de duas profundidades que se encontram. Por parte do Espírito, comunicando um dom de Deus Pai-Mãe que gera eternamente o Filho e que por Maria o gera através do Espírito no tempo da história; por parte de Maria porque dá seu consentimento livre e oferece seu ser feminino para o “processo laboratorial” da gestação de uma realidade humana na que o Verbo se faz carne.

Aplicando o modelo Mariano, podemos dizer que cada um de nós, acolhendo o Espírito, entramos na dinâmica da vida Trinitária, como ela o demonstra na primeira parte de nossa reflexão. Mas também, encarnamos a força e o poder de Deus em realidades intra-históricas, mudando o curso dos acontecimentos, como o estamos considerando no segundo ponto de nossa reflexão. Prolongamos de alguma maneira a Encarnação do Verbo, quer dizer, o amor do Abbá que segue manifestando-se ao mundo através das ações concretas de seus filhos/as que vivem a solidariedade fraternal. Estas manifestações visíveis (como as palavras são visibilidade do interior do coração) quando ungi-das pelo Espírito, são “pequenas encarnações” do mistério filial e fraternal em Jesus Cristo, que nós seguimos encarnando; continuando a atitude fundamental de Maria de oferecer sentido para tudo que acontece na própria história.

Se, onde Maria e o Espírito se encontram, há surgimento de vida divina no meio da vida humana na história, podemos dizer que onde surgem essas manifestações salvíficas, ali Maria e o Espírito também estão presentes.

Por isso queremos aprofundar esta idéia no terceiro momento de nossa reflexão: fazer a Profissão de fé de que Jesus Cristo nasceu por Obra e Graça do Espírito, por

meio de Maria, Virgem e Mãe, não é só relatar o ato de fé de Maria e da Obra de Deus n'ela, senão que é manifestar o mesmo Espírito atuando em nossa fé, ao evocar a figura histórica de Maria.

III. A FÉ DA COMUNIDADE, OBRA DO ESPÍRITO QUE FAZ DA IGREJA A VIRGEM E MÃE DOS CRENTES.

A comunidade manifesta a fé da Encarnação, aquela fé de Maria que foi oferta de confiança a todas as possibilidades de Deus; essa comunidade nasceu e cresceu da Tradição apostólica, do testemunho da vida vivificada pelo Espírito que gera novas vidas; da primeira comunidade reunida ao redor de Jesus e de Maria e que souberam decodificar o código de amor dessas vidas. A comunidade tem o poder de gerar vida de fé por seus ensinamentos, testemunhos, atenção, sacramentos. E é neste sentido que é Mãe.

Os Padres da Igreja, tiveram uma intuição profunda ao comparar a Igreja com Maria. Orígenes entende a maternidade universal de Maria comparando-a com a Igreja: “Ninguém pode compreender o Evangelho de João se não inclinar sua cabeça sobre o peito de Jesus e não receber Dele Maria como Mãe”. São Leão Magno diz que a geração de Cristo é origem do povo cristão; que o nascimento da cabeça é também o nascimento do corpo. A Encarnação significa união sponsal entre o Verbo e a Humanidade, que não se realiza sem o prévio consentimento de Maria, que representa toda a humanidade. Assim, Maria é um templo “tipo” de toda a humanidade. Agostinho chama bem-aventurada a Maria, por levar no seu seio o Mestre. Clemente de Alexandria representa a Igreja como Mãe no belo texto “Pedagogo”: “Oh! Mistério maravilhoso! Um é o Pai de todos, um é também o Logos de todos, e o Espírito Santo é um e idêntico em todas as partes, e há uma só Virgem-Mãe; que chamamos Igre-

ja. Unicamente esta mãe não teve leite, porque só ela não chegou a ser mulher; mas é ao mesmo tempo virgem e mãe; e chamando a seus filhos, alimenta-os com leite de santidade, que é o Verbo para cada um deles. A Mãe atrai para ela seus filhos e nós buscamos nossa Mãe, a Igreja". Esta analogia descansa totalmente no paralelo da Virgindade e Maternidade das duas. Tal obra, a de unir Virgindade e Maternidade é própria do Espírito de Deus.

Isto quer dizer que o Espírito ao mover os corações dos crentes na recitação da fórmula de fé, os educa também para discernir sua própria presença na Igreja, fazendo-a Virgem e Mãe.

Em outros termos: é próprio do Espírito pôr juntas a Virgindade e Maternidade de Maria e a da Igreja, de modo que uma ilumine a outra e vice-versa. E perguntamo-nos:

Em que sentido podemos aplicar a Virgindade e Maternidade não a um corpo feminino singular, senão a uma comunidade formada por um pluralismo de pessoas? Foram longe demais os Padres da Igreja ao fazer este paralelo entre Maria e a Igreja?

Quando falamos de Maternidade da comunidade, referimo-nos à Igreja, a toda ela inteira e não só ao ministério hierárquico. É certo que este ministério garante a unidade dos ensinamentos da fé, mas estes ensinamentos, na maioria das vezes, são comunicados por leigos, pelos catequistas, educadores; a mãe que transmite a fé a seus filhos na família. Neste sentido, a comunidade inteira está sendo mãe, guiada pelas mediações dos pastores. Mas, ai daqueles que escandalizam o rebanho! (Jr 23,1; Ez 34,2-5). É próprio dos Pastores mostrar o caminho, mas é a comunidade a que tem de caminhar; é próprio dos Pastores propor as verdades da fé, mas ela mesmo deve dispor-se com docilidade frente ao mistério de Deus presente na vida do outro. É a comunidade que dá, com sua vida, uma resposta a essas verdades e as encarnam na vida cotidiana.

Por isso podemos dizer que, se a Igreja-Comunidade é "nossa mãe" porque nela recebemos o dom da fé e dos sacramentos, essa Igreja-Comunidade é também "nossa filha" porque das vivências de fé dependerão nossa comum vitalidade em comunicá-las.

Como uma pedra que lançada nas águas produz ondas cada vez maiores, que se vão difundindo na água, assim a fé em Jesus Cristo tem ondas mais profundas no centro da fé, mas que se vão estendendo, crescendo em tamanho, ainda que talvez com menos intensidade. Cristo que veio para dar-nos vida em abundância, quer que todo amor à vida, seja cristocêntrico e tenha uma função pedagógica para conduzir-nos à vivência de Cristo. O mesmo, com todas as manifestações de beleza, de bondade, todo respeito pela dignidade humana, e defesa de seus direitos. Quando os cristão nos encontramos envolvidos com outras pessoas, ainda não-crentes, em todas estas atividades, estamos participando dessas ondas da vida de Cristo que nascem de sua Encarnação, e que se prolongam por toda a humanidade.

Essa presença no mundo, tão própria dos leigos, quando se vive no espírito mariano da Virgindade e maternidade, (quer dizer, com um coração transparente, que sabe que o bem que fazemos é graça do Senhor e não motivo de auto-glorificação, mas ao mesmo tempo com gestos e ações comprometidas), é participação da vida de Deus, é graça, é Obra do Espírito acolhida ao estilo de Maria.

Por isso, se no início deste artigo sublinhamos o ato de fé no dogma, agora queremos insistir que uma fé sem obras, é insuficiente. Crer na Maternidade de Maria com relação a Jesus Cristo, é crer também em nossa própria Maternidade em relação com nossos irmãos que são filhos de Deus em Cristo. Rezar a e com Maria é comprometer-nos a trabalhar por um mundo de irmãos; é pedir-lhe que interceda para receber a graça de nossa "Virgindade" de coração, de confiar antes de tudo, nas for-

ças de Deus; mas também é pedir-lhe a graça de que nos ajude em nossa "Maternidade"; quer dizer, no esforço humano, concreto, cotidiano, por fazer um mundo diferente que se aproxime ao Reino realizado aqui na terra como no céu.

Nosso trabalho cotidiano em todos os campos da vida humana, vivido no Espírito, é uma silenciosa evangelização em palavras, mas forte interpelação nos fatos, que atrai ao Evangelho. Cada cristão põe seu grão de areia nessa tarefa comum de toda a comunidade de ser mãe de outras gerações de crentes. Cada cristão/ã é filha/o da Igreja, filho nascendo em uma comunidade de fé, como dissemos; mas cada cristã/o é também mãe/pai de uma nova geração de fé, quer dizer da comunidade de fé do futuro.

Essa responsabilidade, confiada pelo Pai em Jesus Cristo e pelo Espírito será possível se sabemos que não depende só

de nossa tarefa, senão também de nossa fé. Trabalhar responsabilmente fazendo o que podemos, e esperar confiadamente em que Deus abençoe nosso trabalho com sua graça e o torna fecundo em um nível para nossas forças humanas inalcançável.

Repitamos pois, agora com maior sentido a Profissão de fé: Creio em Jesus Cristo concebido pelo Espírito e nascido da Virgem Maria; creio na Igreja que com sua maternidade gera filhos de Deus porque a água e o Espírito fazem nascer de novo todos os seres humanos. Creio na Obra do Espírito Santo que faz que o trabalho (de maternidade) da Igreja seja fecundo para a vida dos filhos de Deus quando há docilidade e humildade na acolhida da graça (virgindade). Creio na presença misteriosa do Espírito Santo quando fez que minhas palavras e ações sejam fecundas no Reino, quando coloquei tudo o que estava ao meu alcance e confiei com todo meu coração e minha alma na Graça de Deus.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Após uma leitura atenta do texto, procure aprofundar, com a sua Comunidade, a perspectiva trinitária do encontro entre Espírito e Maria.
2. Como a ação do Espírito manifestada em Maria de maneira única e singular

na encarnação do Verbo ilumina e inspira a sua experiência de vida cristã?

3. Como você e sua Comunidade entendem a intuição dos Padres da Igreja ao comparar a Igreja com Maria?



Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de setembro de 1998

A Palavra de Deus é a fonte primordial da espiritualidade, ou seja, uma vida segundo o Espírito, abertura ao conhecimento e reconhecimento de Deus e de comunhão com ele no serviço da Igreja e do mundo, porque **a Palavra de Deus gera, irriga, mantém e renova a fé**. O objetivo da fé é sempre a Palavra de Deus. A fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Diante, pois, da Palavra de Deus, CRER naquilo que se lê e LER para ampliar o que se crê.

— *O Senhor designou outros setenta e dois e, dois a dois, enviou-os à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir. E dizia-lhes: a colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi ao Senhor da colheita que envie operários para a sua colheita, Lc 10,1-2.*

A estes setenta e dois discípulos, Jesus dá poderes acompanhados de DEZ instruções para lograrem êxito. Cito e comento a seguir apenas a primeira destas instruções: **PEDI ao Senhor da colheita**. Face à enormidade da tarefa e à pequenez do número e da qualidade de seus executores, não obstante os poderes recebidos, a solução certa para um final feliz era apelar para o Senhor mediante a oração.

A oração resolve sempre. É a base insubstituível para ser autêntico, para ter força, para sobreviver às dificuldades, para não se afogar nas amarguras, nas tensões, nas polêmicas. Para superar os momentos de crise e de impasse, só mesmo um contato mais intenso com o Pai que propicia uma leitura mais crítica dos sinais dos tempos e nos provê de sensores remotos que captam o que está à frente.

Cada um experimenta e trava, em seu íntimo, uma luta dramática em que se confrontam solidão, medo, serenidade, coragem para continuar, vontade de recuar e fugir. **Esta tensão espiritualmente dialética precisa tornar-se libertadora e salvífica**. Este conflito precisa impulsionar para além das possibilidades oferecidas pela natureza espaço-temporal. A oração é a fonte a recorrer. Ela reanima. Inspira o amor. Ilumina a vida. Dá paz ao coração.

Como em 1997, preparei um novo livro cujo título é **Para Fazer Bem o Retiro-6. ORAR-REZAR, Atividade Essencial**. Ficou bom. Trata-se exatamente da oração cristã na Vida Religiosa. No dia 15 de outubro, já estará à sua disposição. Procure adquirir o seu exemplar antes que se esgote a tiragem.

A oração é a força que impede a desistência. Produz união com Deus. Leva à vitória, pois com Deus tudo se alcança. De tudo se triunfa. **A oração implica atenção, atitude de esperança, prontidão e confiança**. O reconhecimento da própria obscuridade, do próprio pecado, está intrinsecamente ligado à consciência da luz a partir da qual o Senhor misericordioso se inclina sobre nós. A súplica exprime a confiança na bondade e no poder daquele que é invocado.

A reforma — ou refundação? — da Vida Religiosa se dará na medida da ênfase que se der à oração e no compromisso sério e diário de cada Religioso(a) com ela. A fidelidade à oração ou o seu abandono são **o aferidor da vitalidade ou da decadência da Vida Religiosa**. Na oração, o sucesso espiritual. Crise de oração, começo de decadência. Com a oração em crise, algo profundamente cristão se corrompe. A Vida Religiosa não se mantém e não se propaga sem a oração. É o testemunho da história.

Tanto a **dimensão teológica** da Vida Religiosa — experiência cristã de Deus, comunidade apostólica, evangelização — quanto a sua **razão simbólica**, carismática e profética — sua capacidade de remeter ao que lhe dá existência e consistência — não podem ser vividas sem a energia da união com Deus e da caridade pastoral procedentes da oração.

Quando por múltiplas racionalizações e decisão própria se adere ao minimismo na oração pessoal e comunitária, ao ativismo que sacrifica o tempo da oração, à superficialidade ao tratar temas espirituais, ou se recusa participar de tempos fortes, em intensidade e duração, de encontro com o Senhor, **paira uma sombra de pressentimentos de risco**. A esperança se rarefaz. Descortina-se uma paisagem que acumula nuvens. A realidade pessoal torna-se pantanosa. E sobre o pântano não se constrói.

A GRAÇA, dom divino que **Jesus** nos mereceu; o AMOR, iniciativa preveniente, livre e gratuita do **Pai** que nos escolheu por filhos, realizem em nós uma COMUM-UNIÃO por obra do **Espírito Santo**. Filhos no Filho e solidários com todos os irmãos, clamemos no Espírito, **Abbá**, papai. Amém. Com afeto e estima fraterna, subscrevo-me, ao seu inteiro dispor,

atenciosamente

PE. MARCOS DE LIMA, SDB